

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2009

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Bristol, Reino Unido)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 17 • 2009

ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

**VOLUME COMEMORATIVO DO
XX ANIVERSÁRIO**

do

**Centro de Estudos Arqueológicos
do Concelho de Oeiras**

(Câmara Municipal de Oeiras)

1988 - 2008

Editor Científico:
João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2009

O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DO OUTEIRO DA ASSENTA (ÓBIDOS)*

João Luís Cardoso¹ & Filipe Martins²

1. INTRODUÇÃO

O povoado pré-histórico do Outeiro da Assenta é conhecido na bibliografia arqueológica portuguesa desde 1914, quando o seu explorador, o Dr. Félix Alves Pereira, iniciou a publicação de desenvolvida notícia, nas páginas de “O Arqueólogo Português”, em que deu conta dos principais resultados da primeira campanha de escavações ali efectuada em 1911. Contudo, apesar do evidente interesse arqueológico da estação, sublinhado pela importância dos espólios arqueológicos recolhidos, nem as escavações tiveram a continuidade adequada, pois apenas se efectuou uma segunda campanha, no ano de 1913, dirigida por Luís Chaves, nem os materiais conheceram a publicação sistemática e exaustiva que mereciam. Só a partir de 2006 se deu início ao desenho dos materiais que agora se publicam – quase todos inéditos – guardados no Museu Nacional de Arqueologia, embora nem todos os representados nos trabalhos publicados por aqueles dois autores tivessem sido agora identificados nas colecções. Tal fica-se a dever a diversas reorganizações dos depósitos daquela Instituição, ao longo das últimas décadas.

Félix Alves Pereira (1865-1936) foi oficial e, mais tarde, Conservador do Museu Etnológico, de 15 de Maio de 1902 a 9 de Setembro de 1911, data em que, por incompatibilidade das funções que passou a exercer no Congresso da República, onde auferia maior remuneração, pediu a exoneração do Museu Etnológico. Foi até o fim da vida dedicado amigo e colaborador de Leite de Vasconcelos, devendo-se-lhe elevado número de trabalhos de campo ao serviço do Museu, depois publicados no órgão oficial do mesmo, *O Arqueólogo Português*. Foi o caso das explorações por si conduzidas no Outeiro da Assenta, onde efectuou duas campanhas. A primeira, correspondente a cerca de duas semanas, foi iniciada a 24 de Maio de 1911, quando ainda pertencia ao Museu Etnológico, que viria a abandonar poucos meses depois. A segunda, realizada em 1913, já não foi por ele dirigida, mas sim por Luís Chaves, então jovem preparador do Museu, ao serviço do qual se manteve até ser atingido pelo limite de idade.

São dois os estudos publicados por Félix Alves Pereira em “O Arqueólogo Português”. No primeiro, de 1914, descreve os trabalhos por si dirigidos no Outeiro em 1911, a estratigrafia e os principais achados sem, no entanto, os descrever em pormenor (PEREIRA, 1914). A caracterização destes é efectuada no segundo estudo de sua autoria, publicado no ano seguinte, atribuindo a ocupação pré-histórica ali identificada à época calcolítica, com

* A coordenação e a redacção deste trabalho são da autoria do primeiro signatário, devendo-se os desenhos que o ilustram ao segundo signatário.

¹ Professor catedrático da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

² Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

base na comparação dos materiais exumados com os recolhidos pelos irmãos Siret na estação de Los Millares, reportada aos últimos séculos do III milénio a.C.

A ocupação sidérica, com base nas comparações efectuadas com as produções de Santa Olaia (Figueira da Foz), é atribuída ao século IV a. C. (PEREIRA, 1915), conclusão que, como hoje se sabe, deve ser envelhecida de cerca de trezentos anos, sem prejuízo de existirem materiais no Outeiro da Assenta reportáveis aos finais da Idade do Ferro, até à época republicana, como adiante se verá.

Para melhor conhecer as condições em que Félix Alves Pereira efectuou as explorações nesta importante estação arqueológica, transcrevem-se as missivas que, no decurso dos trabalhos de campo, foram endereçadas a J. Leite de Vasconcelos, dando-lhe conta do progresso dos mesmos.

1.ª Campanha de escavações

“Um destes dias ouvi **penedro**, desconfiei; mas ontem ouvi *oiteiro d’Assenta*; o mm aconteceu com **Oiteiro d’Ilrei**, de que ontem também tive uma repetição. (...).

Já mandei pedir licença para (???) sondagens no tal Oiteiro d’Assenta de que suspeitei e onde encontrei um machado no solo. P.ª a semana vou ver se é verdade haver uma caverna junto à lagoa (...).”

Extracto de carta assinada e datada de Caldas da Rainha de 22 de Abril de 1911 (Fig. 1).

“Hoje vou a Óbidos para pessoalmente tratar das sondagens no Oiteiro da Assenta, relativamente a trabalhadores, local etc. Por carta disseram ao Dr. Correia que não havia dificuldades em licenças. Tenciono começar amanhã, 6.ª feira

Extracto de carta assinada e datada de Caldas da Rainha de 27 de Abril de 1911.

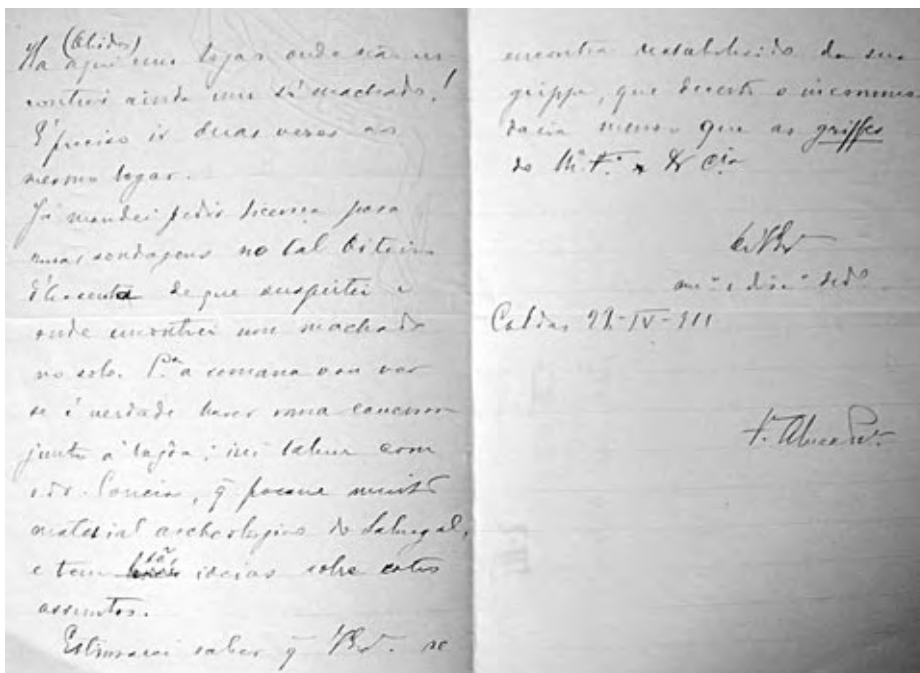


Fig. 1 – Extracto de carta autografa de Félix Alves Pereira a J. Leite de Vasconcelos, datada das Caldas da Rainha de 22 de Abril de 1911, referindo a intenção de proceder a sondagens no Outeiro da Assenta. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia.

“As licenças para as explorações d’Assenta são um pouco complicadas porque são muitos proprietários a entes-tarem com os seus talhos no escarpado. Mas heide chegar ao fim. Nas terras pequenas, ninguém tem pressa...”
Extracto de postal assinado e datado de Caldas da Rainha de 30 de Abril de 1911.

Conforme o autor refere no início do extenso relato dos trabalhos publicado em 1914, estes iniciaram-se a 24 de Maio de 1911, em resultado de uma estada na vizinha povoação das Caldas da Rainha, para tratamento nas termas daquela cidade. Prosseguiram até 17 de Junho de 1911, segundo a informação constante de carta dirigida a J. Leite de Vasconcelos a 5 de Dezembro de 1915.

2.ª Campanha de escavações (1913)

“Como vou passar estes meses nas Caldas, parecia-me conveniente continuar as escavações no **Outeiro da Assenta** (Óbidos); eu não posso assistir mais que uma vez por semana, mas o collecter novo poderia talvez ir para lá pelo menos uns 15 dias; era já bastante e não seria caro. Produzia máu efeito abandonar de todo, e V. Ex.^a poderá ver que o espólio é interessante bastante. Não me esqueça com a resposta (...)”.

Extracto de bilhete postal assinado, com carimbo dos Correios das Caldas da Rainha de 4 de Julho de 1913.

“Muito favor era que me pudesse dar as respostas ao que perguntei no meu derradeiro postal; a saber:
(...) – ida do collecter p.^a o Outeiro da Assenta uns 15 dias pelo menos (...)”.

Extracto de bilhete postal assinado, com carimbo dos Correios das Caldas da Rainha de 8 de Julho de 1913.

“Amanhã já dormimos nas Caldas (Praça da Republica). Se o collecter não é bom para ir, eu não queria lá um insciente e então ficará para melhor ocasião a continuação dos trabalhos do Outeiro da Assenta (...)”.

Extracto de bilhete postal não assinado, datado de Vale de 13 de Julho de 1913.

“Estava eu em casa do Dr. Correia, matutando num calco de inscrição romana, quando chegou o postal de V. Ex.^a Agradeço-o pelo carinho com que se me refere. E estimo a vinda do Fulgencio que já me constava achar-se ao serviço, se é o Fulgencio quem vem p.^a o Outeiro da Assenta. Heide ver se lhe convem mais estar aqui ou em Óbidos, mas creio ser aqui, porque a distancia de Óbidos também não dispensava o bégueiro. Eu estou nas Caldas até ao fim de Setembro”.

Extracto de carta assinada com rubrica, datada de 29 de Julho de 1913.

“Por informação que tomei, convem mais que a exploração do Outeiro da Assenta se faça mais em Agosto do que em Setembro, porque neste mês há maior dificuldade em obter trabalhadores por preço razoavel. Também, se o Chaves não for muito exigente, há em Óbidos casa decente p.^a se hospedar e Óbidos é mais próximo do logar dos trabalhos do que as Caldas. Isto quasi me faz esquecer que já não sou um estranho ao Museu!”.

Extracto de carta assinada, datada de Caldas da Rainha de 7 de Agosto de 1913.

Desconhece-se a duração da segunda campanha, que terá sido realizada no Verão de 1913, com o auxílio do collecter Fulgencio e de Luís Chaves (1889-1975), preparador do Museu Etnológico desde 31 de Agosto do ano anterior, aposentando-se como Conservador em 25 de Novembro de 1957. Na verdade, foi sob a orientação deste etnólogo que se efectuou a segunda e última campanha arqueológica no Outeiro, no ano de 1913, a qual se encontra descrita de forma circunstaciada no trabalho de sua autoria publicado em 1915 (CHAVES, 1915).

A riqueza arqueológica da região era já conhecida, sobretudo desde a exploração, anos antes do vizinho povoado pré-histórico do Outeiro de S. Mamede, pelo colector do Museu Etnológico Bernardo de Sá, o qual dista cerca de 4 km para Sul-sudoeste do Outeiro da Assenta. Também é de registar a presença do povoado calcolítico fortificado da Columbeira, implantado sobre esporão rochoso dominando a planície aluvial, cerca de 7 Km a Sul Outeiro da Assenta, explorado na década de 1990 por J. L. M. Gonçalves, então arqueólogo da Câmara Municipal do Bombarral.

A presente publicação vem, pois, na sequência da que foi anteriormente realizada sobre aquela importante estação arqueológica (CARDOSO & CARREIRA, 2003), respeitando idêntica metodologia e objectivos.

2. SITUAÇÃO GEOGRÁFICA E TRABALHOS EFECTUADOS

O morro em que se implantou o povoado pré-histórico que, mais tarde, foi reocupado na Idade do Ferro e na época romana, embora nesta última de forma pouco acentuada, corresponde a um afloramento de calcários bem estratificados do Infralias, pontuando vasta planície aluvial – a Várzea da Rainha – colmatada por depósitos recentes, já na época histórica e correspondente a um dos ramos montantes da antiga lagoa de Óbidos, cujo limite atingia a base do cabeço.

A evidente individualização na paisagem do Outeiro, está, aliás, na origem do nome de povoação que lhe fica próxima, Trás-do-Outeiro, que expressivamente evoca a sua importância como acidente orográfico, tendo aquele nome, por certo, origem nos habitantes de Óbidos, para quem a povoação de Trás-do-Outeiro estaria de facto encoberta pelo Outeiro da Assenta, o qual dista menos de 1 km de Óbidos (PEREIRA, 1914, p. 136, nota 1).

Do ponto de vista administrativo, pertence ao concelho de Óbidos, fre-

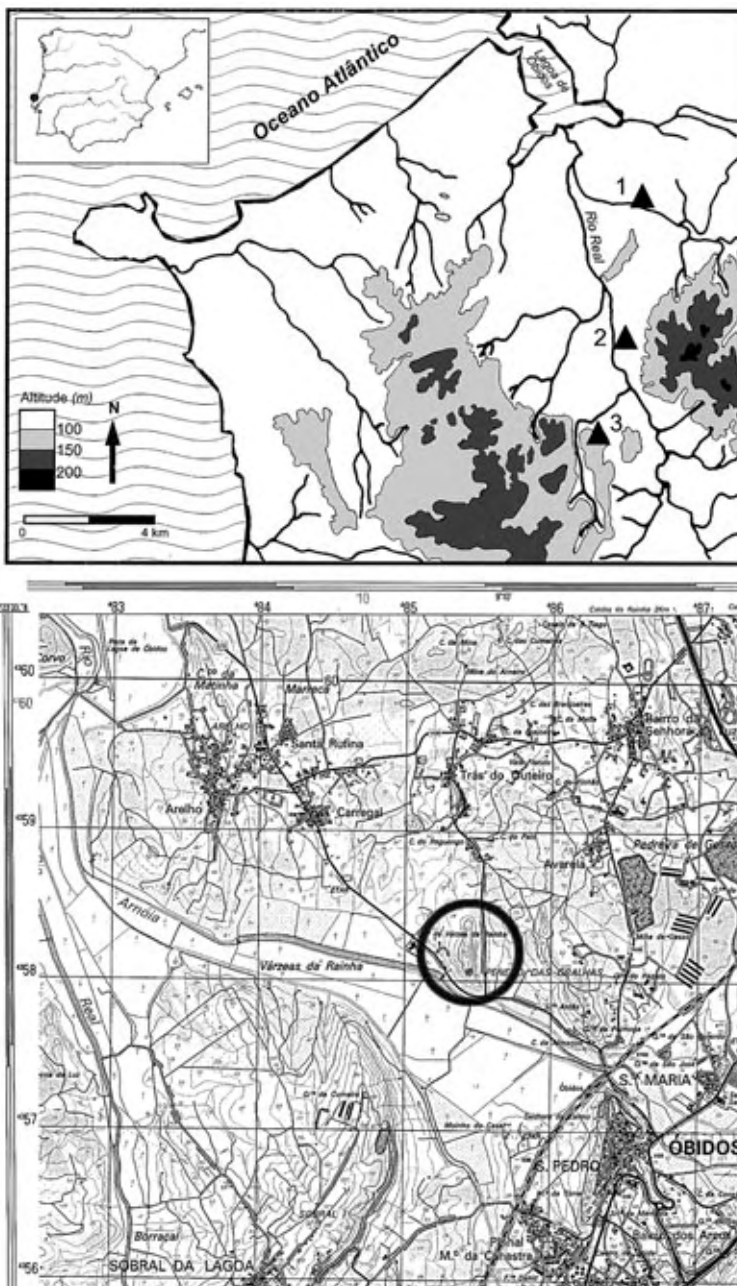


Fig. 2 – Localização do Outeiro da Assenta: na Península Ibérica; à escala regional, assinalando-se, para além desta estação (1), o Outeiro de São Mamede (2) e o povoado fortificado da Columbeira (3); e na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25000 (reduzida), Folha 388, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército, 2004).

guesia de São Pedro, sendo as suas coordenadas as seguintes (Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000, folha 338):

39.º 22' 20" long. N; 9.º 07' 47" lat. W de Greenwich, atingindo a altitude máxima de cerca de 73 metros (Fig. 2).

O cabeço, de forma alongada, culminando ao longo de todo o seu comprimento em uma crista rochosa orientada NW-SE, descai abruptamente sobre a planície aluvial do lado sul (Fig. 3), sendo igualmente de difícil acesso do lado nascente, constituindo como que uma muralha natural, “magnificamente disposta para ao longo dela se arrumarem muitas habitações primitivas, desde a cumeada até ao sopé” (PEREIRA, 1914, p. 136) enquanto que, do lado poente, o acesso é mais fácil, a partir da várzea adjacente (Fig. 4).

A fácil defensabilidade, a proximidade de terras férteis, o fácil marisqueio e a captura de pescado, na lagoa, a juntar à existência de uma nascente próxima, a “Fonte da Moura”, foram razões que levaram Félix Alves Pereira a considerar a existência de um povoado pré-histórico.

Os primeiros achados, feitos à superfície, por aquele arqueólogo, vieram juntar-se às informações sobre uma pequena gruta situada na encosta do Outeiro da Assenta descoberta acidentalmente quando se explorava pedra para a construção da estação do caminho de ferro de Óbidos. Foram então encontrados sete deposições mortuárias, acompanhadas de um vaso, munido de duas asas, cuja tipologia, com base num hipotético fragmento do mesmo recolhido pelo acompanhante de Félix Alves Pereira aquando do reconhecimento ao local, cerca de vinte anos depois, lhe pareceu romana. Dos despojos humanos, foi ainda possível encontrar pequenos fragmentos ósseos, dispersos pelo terreno. Mas o achado mais notável foi o de duas pulseiras de ouro, lisas e de secção circular, as quais foram então vendidas a um ourives das Caldas da Rainha. Aceitando-se a associação destas peças ao depósito funerário, este seria reportável à Idade do Bronze, não se relacionando, deste modo, com as ocupações



Fig. 3 – A várzea da Rainha, desenvolvendo-se do lado sul do Outeiro da Assenta (do lado direito da foto), a qual, na época de ocupação do povoado pré-histórico, corresponderia a um braço das cabeceiras da lagoa de Óbidos. Foto de F. Martins.



Fig. 4 – O Outeiro da Assenta, do lado direito da foto, visto do castelo de Óbidos. Em primeiro plano, em baixo, a estação de caminho de ferro de Óbidos. Foto de F. Martins.

arqueológicas identificadas no Outeiro, adiante caracterizadas. Aqui, os trabalhos do descobridor da estação, iniciaram-se num local situado na parte mais elevada do morro abrigado pela parede rochosa e voltado ao nascente, “onde alguma família primitiva poderia ter construído, com relativo conforto, a sua habitação” (PEREIRA, 1914, p. 139). Este local forneceu-lhe abundantes restos de alimentação pré-histórica, especialmente valvas de ostra, de mistura com materiais daquela época e alguns romanos, na parte superficial da sondagem.

Verificando-se infrutífera a exploração encetada noutra local do alto do cabeço, passou-se a investigar as “camadas de detritos na encosta abrigada pela alta cortina do penhasco” (PEREIRA, 1914, p. 140), que o arqueólogo supunha terem-se formado à custa dos materiais remobilizados do alto, juntamente com os pertencentes às habitações que aí se tivessem construído. Para o efeito, abriu uma vala paralela à linha de maior declive, por forma a poder observar o desenvolvimento dos estratos arqueológicos. À profundidade de 2 m, recolheram-se restos humanos, também encontrados na sondagem inicial, sendo a terra muito escura. A maiores profundidades, observaram-se acumulações de valvas de ostra em grande quantidade, de mistura com fragmentos cerâmicos decorados pré-históricos e ossos. Os materiais romanos, em muito menor quantidade, ocorriam apenas na parte mais alta dos depósitos. Porém, a falta de uma sequência estratigráfica nítida, obrigou Félix Alves Pereira a procurar outro local, que lhe foi indicado por um dos trabalhadores, correspondendo a plaino existente na parte superior do Outeiro, situado na extremidade NW da plataforma, limitado por esporão rochoso (Fig. 5). No decurso da escavação, deparou-se, com sementes que lhe pareceram de trigo, conservados em três grandes vasos de barro fragmentados, feitos ao torno rápido, associados a barro de revestimento de cabanas, com impressões de caniços, um cossoiro fragmentos pré-históricos decorados, um serrote de bronze (sic), e outros materiais

pré-históricos. Na continuação, recolheu-se uma fíbula e um peso de tear calcolítico, com os quatro cantos perfurados.

Pela descrição, verifica-se que os grandes recipientes de armazenamento se encontravam a menor profundidade (cerca de 2 a 3 palmos) que o depósito com espólios pré-históricos, alguns a mais de 1 m de profundidade, entre os quais “um belo ponteiro de bronze” (sic) (PEREIRA, 1914, p. 143). A escavação, que atingiu mais de 1,50 m de profundidade, fornecia no níveis mais baixos artefactos exclusivamente pré-históricos, concluindo-se que os vasos com sementes não pertenciam à dita ocupação. Ao oitavo dia, a escavação, afastando-se da parte marginal da plataforma, com maior declive, e progredindo pela zona central da mesma, permitia, a pouco e pouco, uma melhor identificação da sucessão estratigráfica. Assim, foi possível identificar duas camadas arqueológicas principais. A primeira, desenvolvendo-se por baixo do solo arável, com cerca de 0,20 m de potência, era constituída por um nível de argila vermelha, relacionada com o pavimento de habitações; reportam-se a esta ocupação os vasos de armazenamento com sementes de cereais, pertencentes à Idade do Ferro (CARDOSO, 2004 b, p. 283), podendo admitir-se que se encontravam enterrados no subsolo das habitações.

A camada mais baixa continha exclusivamente artefactos pré-históricos, confirmando-se as observações anteriormente efectuadas noutros locais, conforme já acima se mencionou (Fig. 6).

As explorações efectuadas por Luís Chaves deram continuidade às do seu antecessor, alargando o sector já aberto por este no plano correspondente ao topo da elevação, procedendo depois a diversas sondagens naquela área, no que designou por valas, realizadas segundo linhas paralelas entre si, ao comprido e ao través (entenda-se, do eixo da elevação), em número de seis, completados por sondagens pontuais,



Fig. 5 - Vista das escavações realizadas por Félix Alves Pereira na extremidade norte /noroeste da plataforma somital da elevação (in PEREIRA, 1914, Fig. 2).

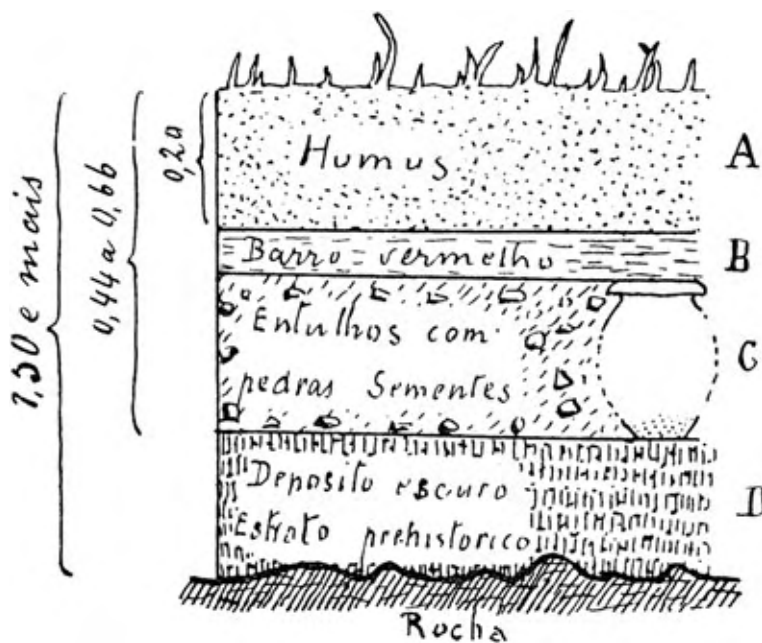


Fig. 6 - Corte estratigráfico do Outeiro da Assenta realizado por Félix Alves Pereira. Observa-se a sobreposição da camada da Idade do Ferro, com grandes recipientes utilizados como contentores de cereais, aparentemente enterrados no subsolo das habitações com piso de barro vermelho calcado, à camada pré-histórica assente no substrato rochoso (in PEREIRA, 1915, Fig. 1).

em número de catorze (CHAVES, 1915). Só aquelas deram espólio arqueológico, descrito ao longo do artigo, repartido entre o Calcolítico e a Época Romana, não sendo, porém, abundante a recolha, o que poderá ter determinado a suspensão dos trabalhos. Com efeito, o autor considerou inútil a abertura de mais sondagens para além das realizadas na plataforma superior do Outeiro. A última vala foi aberta na base de rochedo na encosta poente, depois da realização de várias sondagens infrutíferas. Ali recolheu materiais pré-históricos, proto-histórico e romanos.

Parte destes materiais, conjuntamente com os exumados por Félix Alves Pereira, encontravam-se expostos no Mostrador n.º 47 do Museu Nacional de Arqueologia, a par com espólio do Outeiro de São Mamede e de Leceia, antes da remodelação de que este foi objecto, na década de 1970 (MACHADO, 1965, p. 245).

3. ESTUDO DO ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

3.1. *Espólios do Neolítico Antigo e do Calcolítico*

3.1.1. *Pedra lascada*

Nas Fig. 7 a 10 representam-se os artefactos de pedra lascada existentes nas colecções. Estão representadas diversas categorias, comuns em outras estações da mesma época e região: **lamelas não retocadas** (Fig. 7, n.º 1 a 12); **lâminas ou fragmentos de lâminas**, via de regra ostentando retoques ao longo de um ou de ambos os bordos (Fig. 7, n.º 12 a 15; Fig.8, n.º 1 a 11; Fig. 9, n.º 2); **denticulados sobre lasca** (Fig. 9, n.º 3, 4); **raspadores sobre lasca** (Fig. 9, n.º 5, 6); **raspadeiras** (Fig. 10, n.º 2); as chamadas “foicinhas”, ou **folhas bifaciais de contorno elipsoidal** (Fig. 9, n.º 1), também **sobre lasca apenas com o lado activo retocado marginalmente** a partir de ambas as faces (Fig. 10, n.º 1); as **pontas de seta**, de base recta ou côncava e de trabalho bifacial mais ou menos desenvolvido (Fig. 10, n.º 3 a 8); e, enfim, os **núcleos prismáticos de lamelas**, com planos de percussão preparados, de que se recolheram três exemplares (Fig.9, n.º 7 a 9).

Trata-se de peças invariavelmente de sílex, estando representadas diversas tonalidades, com predomínio das acinzentadas, acastanhadas e anegradas, sendo duas pontas de seta talhadas em sílex branco.

3.1.2. *Pedra polida*

Os onze artefactos de pedra polida identificados distribuem-se sobretudo pelos dois tipos mais frequentes: os exemplares possuindo gume simétrico, usualmente integrados na categoria de **machados** e os de gume assimétrico, produzido por um forte biselamento, a partir de um dos lados, tradicionalmente classificados como **enxós**.

Descontando as peças fragmentadas, cuja classificação não foi possível, reconheceram-se quatro machados (Fig. 12, n.º 1 a 3; Fig. 13, n.º 1), dos quais um foi ulteriormente transformado em martelo, com o gume substituído por superfície boleada pela percussão (Fig. 12, n.º 3). Trata-se de exemplares de secção sub-rectangular ou elipsoidal achatada, de tipologia compatível com o Calcolítico, com excepção de um belo exemplar de contorno sub-triangular (Fig. 13, n.º 1), cuja cronologia poderia ascender ao Neolítico. A análise petrográfica macroscópica indicou em todos os casos rochas anfibolíticas. A este conjunto pode juntar-se um fragmento, de secção elipsoidal espessa (Fig. 11, n.º 1), de rocha dolerítica negro-esverdeada, cuja integração no Neolítico é também provável.

As enxós estão representadas por três exemplares, dos quais apenas um completo, com o gume intacto (Fig. 11, n.º 5; Fig. 13, n.º 2 e 3). Como é usual, as secções apresentam-se lenticulares e as superfícies bem polidas. Diferenciam-se dos machados não só por estas características, mas também pela matéria prima, visto não se ter identificado nenhum exemplar de anfibólito; as rochas compactas, de coloração anegrada, não evidenciam macroscopicamente nenhum constituinte mineralógico individualizado, assemelhando-se à maioria dos exemplares conhecidos nas necrópoles colectivas dos Neolítico Final da faixa litoral da Estremadura. A análise petrográfica de exemplares recolhidos na Lapa do Bugio (Sesimbra), revelou vulcanitos básicos pós-orogénicos (CARDOSO, 1992) que, tanto naquele como neste caso, se poderiam relacionar com corpos filoneanos intrusivos, os quais abundam na região. Deve, no entanto, assinalar-se, por outro lado, a sua semelhança macroscópica com os vulcanitos do grupo dos xistos verdes, de textura microcristalina, que ocorrem na faixa vulcano-sedimentar de Grandola-Castro Verde, da Zona Sul Portuguesa, resultantes de rochas de metamorfismo de baixo grau, de composição basalto-andesítica e, por outro, com certos chertes (silexitos), identificados em lâmina delgada em duas enxós do povoado pré-histórico de Leceia, de aspecto em tudo semelhante (CARDOSO & CARVALHOSA, 1995). Ressalvando a falta de análises petrográficas, que providenciariam maiores certezas, crê-se que é a hipótese de origem local, em qualquer dos abundantes corpos filoneanos conhecidos na região envolvente, que recolhe maiores possibilidades.

Deste modo, enquanto os anfibólitos seriam necessariamente importados, pois não existem na região estremenha, as rochas utilizadas como enxós parecem provir de locais próximos do povoado, realidade que decorre, certamente, das maiores exigências mecânicas solicitadas aos machados, enquanto instrumento destinado a uso intensivo, associado a golpes mais violentos que os relacionados com o trabalho das enxós. Os afloramentos mais próximos de onde poderiam provir as rochas anfibolíticas utilizadas na confecção daqueles, situam-se na região de Abrantes-Tomar e, além Tejo, na região de Avis e Montemor-o-Novo (CARDOSO, 2004 a).

Existe ainda um terceiro grupo de artefactos de pedra polida, representado por duas peças cujo gume foi substituído por uma superfície estreita e finamente polida, transformados assim em **martelos para trabalhos de precisão** (Fig. 11, n.º 2; Fig. 12, n.º 2). Poder-se-ia pensar em machados reaproveitados, não fosse a estreita faixa polida contrariar a hipótese de serem exemplares exaustos, porque neste caso a largura dos gumes, embotados pelo uso, seria muito maior. Já por diversas vezes se discutiu a utilização destas peças, cuja identificação, no que respeita ao território português, foi efectuada por um de nós (CARDOSO, 1994), estando presentes em diversos povoados estremenhos. A hipótese de serem instrumentos para a martelagem do cobre é uma das alternativas, retomada ulteriormente por D. Brandherm, a partir da hipótese pela primeira vez formulada no trabalho acima referido, embora o não cite (BRANDHERM, 2000). Atente-se, contudo, que, em Leceia, foi encontrado pequeno exemplar em contexto do Neolítico Final, que teria forçosamente outra utilização.

Um dos exemplares possui um sulco de fixação numa das faces (Fig. 11, n.º 2), comparável à depressão que, para idêntica finalidade, se observa também num dos machados anteriormente estudados (Fig. 12, n.º 1). A existência deste elemento de caracterização que corporiza uma das modalidades de encabamento das lâminas pétreas foi já valorizado por J. Leite de Vasconcelos (VASCONCELOS, 1922). Não sendo frequentes, deve assinalar-se que, no vizinho Outeiro de São Mamede, se identificaram três machados com tal elemento (CARDOSO & CARREIRA, 2003, Fig. 11, n.º 1 a 3). A matéria-prima afigura-se ser uma rocha basáltica filoneana, no exemplar que possui sulco, enquanto o outro é de atribuir a rocha anfibolítica.

Um outro exemplar, em vez de exibir um sulco, mostra uma depressão no centro de uma das faces, no terço mais perto do gume (Fig. 12, n.º 1), a qual se destinaria também a facilitar o encabamento. Exemplar análogo, mas com duas depressões opostas, provém do dólmen de Monte Abraão (Sintra) (RIBEIRO, 1880, Fig. 11).

3.1.3. *Indústria óssea*

Contrastando com a abundância e diversidade da utensilagem óssea identificada no vizinho povoado do Outeiro de São Mamede, a recolhida no Outeiro da Assenta é muito pobre. Apenas se reconheceram três exemplares, (Fig. 13, n.º 4 a 6), dois deles duvidosos, por corresponderem provavelmente às extremidades naturalmente polidas de

galhos de veado. Deste modo, a amostragem poderá reduzir-se apenas a fragmento distal de **agulha ou sovela**, de secção espessa, totalmente polida.

3.1.4. *Indústria metálica*

Tal como se verifica com o conjunto ósseo, também o espólio metálico é muito inferior ao exumado no Outeiro de São Mamede. Ao Calcolítico, podem reportam-se apenas seis artefactos, dos quais apenas três são susceptíveis de se relacionarem com uma determinada utilização. Trata-se de um **serrote** incompleto, de fio aparentemente rectilíneo sobre folha batida, com os dentes embotados pelo uso (Fig. 14, n.º 1); de uma grande **sovela ou furador** de cobre, de secção quadrangular com ambas as extremidades apontadas (Fig. 14, n.º 4); e de um pequeno **punção**, também de secção quadrangular, mas de menor tamanho e com uma das extremidades terminando em gume (Fig. 14, n.º 6). No que respeita ao serrote e ao grande furador, Félix Alves Pereira dá informação sobre o local dos achados, correspondente à extremidade NW da plataforma (PEREIRA, 1914, p. 143). Discutindo a terminologia a aplicar à peça por nós e por ele designada de serrote, refere que A. I. Marques da Costa preferiu designar de “foice denteada” uma peça recolhida no povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal), pelo facto de o seu fio se apresentar convexo e não recto ou côncavo como é usual nos serrotes. Porém, tal critério não foi seguido unanimemente, pois que, como bem refere, L. Siret também designou como serrote objecto de cobre de gume convexo (PEREIRA, 1915, p. 116). Sem embargo, as folhas de serrote de cobre teriam uma utilização muito limitada, devido à pouca dureza das ligas. É pois, provável, que o seu uso fosse alargado a diversas finalidades, entre as quais a de ceifar, independentemente do seu fio cortante ser côncavo, rectilíneo (como se verifica na larga maioria dos exemplares calcolíticos), ou convexo.

Além destas, outra peça merece comentário: trata-se de um gume de machado, separado do corpo do objecto primitivo possivelmente por serragem ou por puncionamento (Fig. 14, n.º 3), como se verifica noutros casos (CARDOSO, 1997, p. 93), aliás recorrentes, tanto em povoados calcolíticos da área estremenha como da área do Sudoeste, como é o caso do Monte da Tumba (SILVA & SOARES, 1987, Fig. 29, n.º 4), ou ainda do Calcolítico do norte de Portugal, como testemunha o exemplar do povoado da Vinha da Soutilha, Mairos, Chaves (JORGE, 1986, Est. 83). É interessante verificar que Félix Alves Pereira já tenha identificado correctamente este fragmento, e até discutido as razões da prática frequente da ablação dos gumes de machados de cobre, o que fez nos seguintes termos: “A segmentação tam regular desta parte de um utensílio metálico talvez possa relacionar-se com algum processo de fabrico, em que a zona viva daquela arma adquirisse propriedades de menor elasticidade do que as zonas mortas” (PEREIRA, 1915, p. 115). Esta explicação não se afigura aceitável, nem tão-pouco a que preconiza a ablação da parte cortante destas peças em resultado de embotamento pelo uso (CARREIRA, 1998, p. 113). Com efeito, o que se verifica na larga maioria destes objectos, é a boa conservação do gume. Além disso, caso o objectivo fosse a reposição da funcionalidade deste, bastaria, para o efeito, proceder a nova operação de martelagem, a qual induziria até uma maior dureza da parte útil do instrumento. Aliás, considerando o alto custo da desta matéria-prima, cuja obtenção e transformação não seria seguramente tarefa fácil, não faria sentido abandonar estas porções como se de simples rebotalhos sem valor se tratassem.

Deste modo, como já se defendeu anteriormente, a propósito do notável conjunto metálico do Outeiro de São Mamede (CARDOSO & CARREIRA, 2003), é preferível admitir que estas peças correspondiam a porções retiradas intencionalmente para transformação em outros tipos de artefactos. Nestes termos, os machados de cobre comportar-se-iam, sem embargo de utilização como tal, ou até como peças de prestígio, também como reservas de matéria-prima, isto é, como lingotes, de onde a matéria-prima poderia ser retiradas à medida das necessidades. Esta interpretação vem, também, ao encontro de ser a metalurgia calcolítica de carácter essencialmente utilitário, privilegiando a confecção de pequenos artefactos, como punções, sovelas, anzóis, escopros, com vantagens sobre os seus equivalentes pétreos ou ósseos.

As duas outras peças de cobre do Outeiro da Assenta são incaracterísticas: trata-se de uma chapa, incompleta, talvez pertencente a uma espátula (Fig. 14, n.º 2) e de um corpo de objecto cuja extremidade, em falta, seria cortante, talvez uma espécie de raspador (Fig. 14, n.º 5).

A ocorrência de artefactos de cobre em povoados pré-históricos estremenhos tem sido interpretada, sobretudo, como resultante do comércio transregional, encontrando-se as fontes abastecedoras tradicionalmente reportadas com as grandes massas metalíferas da faixa piritosa alentejana. Com efeito, nos hoje quase desaparecidos “chapéus de ferro”, objecto de intensa exploração pelos Romanos, ocorriam metais nativos, entre eles o cobre, que poderia assim ser explorado. Contudo, trabalho recente veio demonstrar que o conjunto dos artefactos utilizados em Leceia foi fabricado com matéria-prima provinda mais provavelmente da zona de Ossa-Morena, em detrimento da Zona Sul Portuguesa, onde se desenvolvem os referidos “chapéus de ferro” (MÜLLER & CARDOSO, 2008), sendo claro que, embora a matéria-prima utilizada possa ter origem no cobre nativo ou outras fontes secundárias ricas em arsénio, diferencia-se claramente, pela composição, do cobre que, na mesma época, era utilizado no Sudeste espanhol.

Este trabalho afastou igualmente a hipótese de o minério utilizado em Leceia ser oriundo da Estremadura (FERREIRA, 1970; CARREIRA, 1998, p. 134), por exemplo de Matacães (Torres Vedras), onde se conhecem ocorrências de pouca expressão, associadas ao tefonismo regional, do mesmo tipo das mineralizações de malaquite, cuprite e calcosite, assinaladas por Décio Thadeu na faixa meso-cenozóica de Coimbra a Santiago do Cacém, cujas ocorrências se afiguram de forma disseminada, raramente justificando exploração (THADEU, 1965, p. 42). Com efeito, as tentativas recentes de exploração na região de Dagorda revelaram-se infrutíferas (ZBYSZEWSKI & ALMEIDA, 1960), mas poderiam ter viabilidade no contexto da economia pré-histórica. No concelho de Óbidos, foi registada uma mina de cobre com a designação de “Mina do Benjunco” ou “Outeiro da Mina” (GARCIA, 1946). Deve notar-se, ainda, que Jacinto Pedro Gomes, com base no inventário dos minerais portugueses, então conservados na Direcção dos Trabalhos Geológicos de Portugal e no Museu Nacional de História Natural, em Lisboa, referiu a existência de cobre nativo em Trás-do-Outeiro, muito perto do Outeiro da Assenta (GOMES, 1896/1898, p. 199). Desta forma, é provável que, ao menos uma parte das produções metálicas do Outeiro da Assenta, tal como as do Outeiro de São Mamede, muito mais importantes, tenham origem local, o que estaria conforme a opinião de A. do Paço no que respeitaria a Vila Nova de São Pedro, invocando a ausência de elementos culturais no Alentejo susceptíveis de serem atribuídos à Estremadura, por permuta com o cobre dali hipoteticamente oriundo (PAÇO, 1955, p. 38). No entanto, os estudos modernamente conduzidos, provaram uma origem provavelmente alto-alentejana para o cobre utilizado em Leceia, o que estaria concordante com o abastecimento maciço da Estremadura em anfíbolitos oriundos daquela região. No caso do cobre, tratar-se-iam, contudo, sempre de baixas quantidades de minério, expressivamente representados, seja sob a forma de minérios, como os nódulos de malaquite e de uma crosta de azurite, recuperados por A. I. Marques da Costa na Rotura, conservados no Museu Nacional de Arqueologia, cf. CARREIRA, 1998, p. 134), seja sob a forma de lingotes, como os recolhidos em Leceia ou no Outeiro Redondo (CARDOSO, 2004 b, Fig. 59).

Enfim, como bem se referiu em estudos anteriores (CARDOSO, 1998, 2003), a questão da circulação transregional do cobre não pode ser desligada da de outra matéria-prima já atrás mencionada, intensamente utilizada na

Estremadura, no decurso do Calcolítico: as rochas anfibolíticas, cuja origem mais próxima se situa, justamente, na Zona de Ossa Morena, a mesma de onde terá vindo o cobre utilizado em Leceia.

3.1.5. Indústria cerâmica

3.1.5.1. Neolítico Antigo

A ocorrência de cerâmicas do Neolítico Antigo na faixa litoral da Média Estremadura, entre o estuário do Sado e, no conceito geográfico do termo, segundo Orlando Ribeiro, o estuário do Mondego, conquanto tenha sido assinalada em diversas grutas naturais da região, como a gruta da Casa da Moura (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002) e da Furninha (DELGADO, 1884), não era até agora conhecida em contextos domésticos. Deste modo, detém acrescida relevância a referência a exemplares decorados tipologicamente integráveis no Neolítico Antigo, assinalados por J. R. Carreira e por ele atribuídos ao Outeiro da Assenta (CARREIRA, 1994, Fig. 3). Contudo, dos sete exemplares reproduzidos por aquele autor, apenas dois se confirmaram agora como provindos do Outeiro da Assenta: são os que se encontram reproduzidos na Fig. 18, n.º 1 e 2 deste trabalho. Os restantes exemplares provêm do Outeiro de São Mamede, povoado pré-histórico que, como atrás se referiu, se situa a cerca de 4 km para sul. Deste modo, uma primeira conclusão se afigura desde já importante, e que é a de, no Outeiro de São Mamede, se encontrar representado o Neolítico Antigo, incluindo um exemplar com decoração cardial (CARREIRA, 1994, Fig. 3, n.º 1), época que não havia sido identificada, pelas razões apontadas, no estudo recentemente dedicado à estação (CARDOSO & CARREIRA, 2003). A confusão pode ter resultado da proximidade e da analogia de espólios, bem como das reorganizações das coleções no Museu Nacional de Arqueologia. Seja como for, os dois fragmentos já publicados do Outeiro da Assenta, somam-se aos agora dados a conhecer, e documentam uma ocupação de carácter doméstico do Neolítico Antigo, tal como no Outeiro de São Mamede.

Os materiais cerâmicos observados podem incluir-se no Neolítico Antigo Evolucionado da Estremadura (Fig. 15 a 19), sendo compatíveis com os de outras sítios habitados desta região, por vezes situadas também no topo de elevações e não em zonas de topografia suave ou solos arenosos, características com que eram tradicionalmente conotados. Naturalmente, a classificação fez-se tomando como único critério as características tipológicas, na ausência de outros elementos.

As **cerâmicas lisas** apresentam **elementos de prensão ou de suspensão** cuja tipologia as remete para a época em causa, sem ignorar que, nalguns casos, poderiam ter atingido épocas mais tardias, como o Neolítico Final. Deste modo, é o conjunto das cerâmicas decoradas que se afigura com maior interesse. Estão presentes vários motivos e técnicas decorativas, que se passam a enunciar.

- **cordões em relevo segmentados**, situados abaixo do bordo (Fig. 15, n.º 2 e 3);
- **faixas horizontais preenchidas interiormente por linhas incisas oblíquas** (Fig. 17, n.º 5; Fig. 19, n.º), motivo pela primeira vez identificado na gruta da Furninha, e que se afigura afim do patente, mais de dois mil anos depois, em vasos campaniformes, como o exemplar inciso recolhido na gruta 3 da Quinta do Anjo, Palmela (CARDOSO, 2000, Fig. 10); uma variante desta temática corresponde ao preenchimento das faixas horizontais por curtas incisões alinhadas na horizontal (Fig. 19, n.º 3);
- **decorações “em espinha” e “em espiga”** (Fig. 18, n.º 2 a 13; Fig. 19, n.º 10); trata-se de motivos executados por curtas linhas incisas, ou obtidas por aplicação oblíqua arrastada de uma ponta, dispostas em faixas horizontais, por vezes associadas a faixas verticais. No caso dos motivos “em espinha”, as linhas apresentam-se desiguais, consoante o comprimento de cada incisão feita individualmente; no segundo caso, nem sempre

fácil de distinguir do anterior, as depressões afiguram-se mais regulares, e semelhantes entre si. Embora característico do Neolítico Antigo, pode admitir-se, nalguns casos, a sua sobrevivência residual desta temática decorativa em épocas mais tardias, até o Neolítico Final, como aparentemente é o caso do povoado do Alto de São Francisco, Palmela (SILVA & SOARES, 1986);

- impressões punctiformes verticais ou oblíquas (Fig. 19, n.º 1, 2, 4, 5, 7 a 13); esta técnica foi aplicada em diversos padrões decorativos, sejam os alinhamentos grosseiramente horizontais abaixo do bordo dos recipientes (Fig. 19, n.º 1, 2, 9 e 12), sejam o preenchimento de superfícies delimitadas por linhas incisivas, formando bandas horizontais (Fig. 19, n.º 4, 5, 7, 8, 11 e 13). Tal como a temática decorativa anterior, esta pode reportar-se, ainda com maior probabilidade, a épocas ulteriores ao Neolítico Antigo, sobrevivendo até o Calcolítico, como comprova a ocorrência, sem sair da área cultural da Estremadura, tanto no Neolítico Final (CARDOSO, 1989, Fig. 111, n.º 3) como no Calcolítico (CARDOSO, 2006, Fig. 91, n.º 6; Fig. 140, n.º 19; Fig. 176, n.º 3 e 4; Fig. 216, n.º 17; Fig. 228, n.º 9) do povoado de Leceia. Um dos fragmentos ora publicados (Fig. 19, n.º 13) foi anteriormente dado como do Outeiro de São Mamede (CARDOSO & CARREIRA, 2003, Fig. 61, n.º 5).

A identificação do Outeiro da Assenta, como sítio de altura, na região da Média Estremadura, ocupado desde o Neolítico Antigo, acompanhada pela verificação de que outra elevação vizinha, o Outeiro de São Mamede, foi igualmente ocupado naquela época, confere significado acrescido à anterior demonstração da ocupação de sítios de altura coevos, na Baixa Estremadura (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1996), confirmada recentemente pelas descobertas efectuadas em Moita da Ladra (CARDOSO & CANINAS, 2008). A tipologia dos materiais é compatível com o Neolítico Antigo evolucionado, tal como se verifica no espólio das correspondentes necrópoles da região, como as grutas da Casa da Moura e da Furninha.

3.1.5.2. Calcolítico

As cerâmicas decoradas calcolíticas repartem-se pelos diversos grupos já identificados na área estremenha. Antes de os identificar em detalhe, importa elencar os fragmentos que, por lapso, foram anteriormente atribuídos ao vizinho povoado pré-histórico do Outeiro de São Mamede, indicando-se, entre parêntesis, a referência que lhes foi atribuída naquela publicação (CARDOSO & CARREIRA, 2003):

Fig. 20, n.º 3 (Fig. 61, n.º 7); Fig. 20, n.º 11 (Fig. 53, n.º 10); Fig. 21, n.º 5 (Fig. 61, n.º 6); Fig. 21, n.º 6 (Fig. 53, n.º 7); Fig. 21, n.º 7 (Fig. 50, n.º 9); Fig. 21, n.º 13 (Fig. 52, n.º 10); Fig. 21, n.º 14 (Fig. 52, n.º 9); Fig. 24, n.º 3 (Fig. 52, n.º 2); Fig. 23, n.º 3 (Fig. 45, n.º 4); Fig. 23, n.º 5 (Fig. 45, n.º 7); Fig. 23, n.º 10 (Fig. 57, n.º 7); Fig. 23, n.º 11 (Fig. 58, n.º 9); Fig. 26, n.º 3 (Fig. 50, n.º 4); Fig. 26, n.º 4 e 5 (Fig. 56, n.º 4); Fig. 27, n.º 2 (Fig. 51, n.º 3); Fig. 27, n.º 3 (Fig. 61, n.º 1); Fig. 27, n.º 8 (Fig. 50, n.º 3); Fig. 27, n.º 9 (Fig. 51, n.º 4); Fig. 27, n.º 13 (Fig. 53, n.º 6; Fig. 56, n.º 1); Fig. 27, n.º 14 (Fig. 51, n.º 5); Fig. 28, n.º 1 (Fig. 61, n.º 4); Fig. 28, n.º 3 (Fig. 61, n.º 2); Fig. 28, n.º 4 (Fig. 61, n.º 3); Fig. 28, n.º 5 (Fig. 60, n.º 4); Fig. 28, n.º 6 (Fig. 60, n.º 6); Fig. 28, n.º 7 (Fig. 60, n.º 7).

Ao **Calcolítico Inicial** ou já ao **início do Calcolítico Pleno** da Estremadura, podem reportar-se diversos exemplares com a característica decoração de **linhas horizontais, obtidas por finas incisões ou caneluras**, desenvolvendo-se abaixo do bordo de **taças em calote** ou **esféricos** (Fig. 20., n.º 5 a 8). É de assinalar que se reconheceu apenas um fragmento que poderia pertencer a um **copo canelado**, produção característica do Calcolítico Inicial da Estremadura (Fig. 20, n.º 4), sendo de registar idêntica raridade no Outeiro de São Mamede, com apenas um exemplar (CARDOSO & CARREIRA, 2003, Fig. 53, n.º 9). Esta realidade poderá ter duas expli-

cações: a ocupação destes dois sítios em época em que tais produções já não ocorreriam; ou o cunho regional das mesmas, confinando-se aos sítios mais meridionais da região em causa. Das duas hipóteses, a primeira parece ser a mais plausível. Com efeito, no vizinho povoado calcolítico da Columbeira, explorado por J. L. M. Gonçalves na primeira metade da década de 1990 (GONÇALVES, 1994 b), ocorrem em maior número os copos canelados (foram publicados três, mas o seu número será certamente superior, dado o carácter não exaustivo do respectivo artigo). Por outro lado, o facto de, neste importante sítio fortificado não se ter recolhido nenhum exemplar das cerâmicas decoradas do tipo “folha de acácia” e “crucífera”, bem conhecidas tanto no Outeiro de São Mamede, como no Outeiro da Assenta, levou o referido autor a admitir que a ocupação daquele povoado teria terminado antes da emergência destas produções, características do Calcólítico Pleno da Estremadura. Idêntico raciocínio se poderia fazer para a escassez de copos canelados naqueles dois locais, atribuindo-a à tardia ocupação de ambos, já no decurso do Calcólítico Pleno.

Importa ter presente que o povoamento regional no decurso do Calcólítico reflecte a forte interacção e dinâmica estabelecida entre os diversos povoados, sendo certo que o abandono de um deles corresponderia à ocupação de outro, realidade que se encontra bem comprovada no decurso do Calcólítico, na Baixa Estremadura (SILVA & SOARES, 1986). Com efeito, verificou-se que o abandono do Pedrão (Setúbal), povoado implantado em esporão rochoso dominando a baixa de Palmela, importante no Calcólítico Inicial, conforme prova a abundância de copos canelados (SILVA & SOARES, 1975), foi acompanhado pela primeira ocupação do vizinho sítio da Rotura, onde, como atrás se disse, onde tais produções não ocorrem (FERREIRA & SILVA, 1970; SILVA, 1971), abundando, em contrapartida, as do grupo “folha de acácia/crucífera”, ausentes no Pedrão.

As **Decorações incisais**, além de diversos exemplares incisais, afins dos “copos” (Fig. 20, n.º 11 e 12), estão representadas por grande diversidade de padrões decorativos, desde as **linhas onduladas simples**, desenvolvendo-se horizontalmente no bojo de esféricos (Fig. 21, n.º 6 e 13), com paralelos em esférico de Leceia, embora neste as linhas tenham um desenvolvimento vertical (CARDOSO, 2006, Fig. 57, n.º 1) e em “copos” e taças de Leceia, reportáveis ao Calcólítico Inicial, com ondulações tanto horizontais como verticais (CARDOSO, 2006, Fig. 57, n.º 19; Fig. 81, n.º 16; Fig. 85, n.º 9). Porém, o paralelo mais próximo corresponde a um “copo” recolhido na Lapa do Bugio (Sesimbra) (CARDOSO, 1992, Est. 5, n.º 1 e 2). São frequentes as **linhas cruzadas**, formando **reticulados oblíquos**, por vezes preenchendo bandas horizontais no bojo de grandes globulares (Fig. 22, n.º 4), idênticas às observadas em exemplares do Calcólítico Pleno de Leceia, também presentes, como naquela estação, em recipientes de menores dimensões, de paredes verticais, sucedâneos dos “copos” do Calcólítico Inicial (Fig. 21, n.º 4).

Por vezes, as linhas incisais assumem uma grande finura, sugerindo, como já Félix Alves Pereira tinha notado, execução com lâminas ou ponteiros metálicos, aplicadas em esférico de fina manufactura (Fig. 21, n.º 1).

Mas os motivos incisais mais abundantes reportam-se aos **espinhados**, também obtidos através de ponta romba, produzindo ténues sulcos na pasta fresca, desenvolvendo-se segundo bandas horizontais simples ou compostas, incluindo **zigue-zagues**, equivalentes dos motivos em “folha de acácia/crucífera”, dos quais por vezes dificilmente se distinguem (Fig. 23, n.º 7 a 9). Dois critérios são úteis para a pretendida distinção: por um lado, a própria forma das depressões elementares, já que, no caso dos motivos “folha de acácia/crucífera”, o seu contorno é em geral mais largo e bombeado; por outro lado, sendo estas depressões obtidas por impressão de matriz, os folículos apresentam-se idênticos entre si, ao contrário do que se verifica com as linhas ou sulcos, de comprimento desigual (Fig. 21, n.º 8, 10 e 14; Fig. 23, n.º 2 e 8).

As decorações obtidas por **caneluras finas**, através de uma ponta romba deslizando sobre a superfície ainda plástica dos recipientes, encontram-se particularmente bem representadas em vasos esféricos, em torno da respectiva abertura, a que se sucedem **linhas oblíquas ou triângulos preenchidos interiormente** (“**dentes de lobo**”), ou ainda **espinhados**, igualmente feitos pela mesma técnica (Fig. 22, n.º 1; Fig. 24, n.º 3, 4, 8, 9 e 10).

Trata-se de motivos que acompanham as decorações do tipo “folha de acácia/crucífera” mas que, conforme os resultados já referidos, obtidos no povoado calcolítico da Columbeira lhes serão anteriores, corporizando uma etapa de transição do Calcólítico Inicial para o Calcólítico Pleno. Com efeito, é interessante notar que tal técnica se observa em um grande globular (Fig. 22, n.º 5), decorado com motivos em espinha e em losangos, claramente equivalentes dos motivos em “folha de acácia/crucífera”, característicos deste tipo de recipientes do Calcólítico Pleno da Estremadura.

Dentro das decorações incisadas têm importante representação as **decorações em bandas incisadas horizontais obtidas pela aplicação de uma matriz denteada (pente)**, que, ao deslizar pela superfície fresca dos recipientes, produziu bandas horizontais, rectilíneas ou onduladas (Fig. 25).

Esta técnica decorativa calcolítica encontra-se particularmente bem representada no norte do País, como S. Oliveira Jorge bem demonstrou nas escavações realizadas nos povoados calcolíticos da região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar (JORGE, 1986) estendendo-se residualmente a sua utilização à Baixa Estremadura, como comprovam os escassos fragmentos recolhidos no povoado da Penha Verde, Sintra e de Leceia, Oeiras (CARDOSO, 1995 a), a que se somam outros, recolhidos na Rotura, Setúbal (ÅBERG, 1921, Fig. 118; GONÇALVES, 1991, Fig. 5, n.º 4). A sua difusão, pelo interior do País, desde a região transmontana, está comprovada pelos achados realizados na Beira interior, onde, como seria de esperar, são mais abundantes nos povoados situados na parte mais setentrional, para se tornarem residuais ou mesmo desaparecerem nos situados mais a sul, como é o caso do Monte do Trigo, (Idanha-a-Nova) (VILAÇA, 2008, p. 57). No entanto, as cerâmicas decoradas a pente atingiram o norte-alentejano, pois encontram-se representadas no povoado calcolítico do Pombal, Monforte (BOAVENTURA, 2001, Fig. 10).

Nos povoados da Estremadura Média, como é o caso do Outeiro da Assenta, do Outeiro de São Mamede e de Pragança, esta técnica decorativa é mais abundante, o que está conforme com a sua origem setentrional. Deste modo, tais ocorrências serão o reflexo de fluxos de carácter comercial/cultural de sentido Norte-Sul, acompanhando os fluxos de sentido contrário que, a partir do sul, atingiram o extremo norte do território português, no decurso do Calcólítico, identificados através de diversos elementos da cultura material devidamente valorizados por S. O. Jorge (JORGE, 1986).

As indicações para a cronologia destas produções adentro o Calcólítico são escassas, todas apontando para o Calcólítico Pleno, podendo coexistir com as produções campaniformes, das quais, nalguns casos constituem uma evidente interpretação local. O exemplo mais flagrante é corporizado por uma caçoila de perfil suave, recolhida no povoado da Pastoria (Chaves), decorada por duas bandas horizontais de linhas incisadas a pente, sucedâneas das decorações campaniformes do tipo “herringbone”, ou bandas horizontais preenchidas por segmentos oblíquos (JORGE, 1986, Est. 168, n.º 5). As ocorrências mais antigas adentro o Calcólítico, parecem remontar ao Calcólítico Pleno. Assim, no povoado da Rotura e no do Outeiro da Assenta, tal atribuição funda-se por ser esta a época da mais antiga ocupação calcolítica; no povoado de Leceia, todos os fragmentos registados provêm da ocupação do Calcólítico Pleno (CARDOSO, 1995 a), conclusão confirmada por outros fragmentos impressos ulteriormente identificados na estação (CARDOSO, 2006, Fig. 224, , n.º 9 e 12); na Penha Verde, a parte explorada do povoado conheceu também uma única ocupação calcolítica, correspondente a uma curta época e que se utilizavam em simultâneo cerâmicas campaniformes e cerâmicas decoradas de carácter regional e de génese anterior, do grupo “folha de acácia/crucífera”. O grupo cerâmico em apreço encontra-se estreitamente relacionado com as **Decorações impressas com matriz denteada (pente)**, adiante estudadas.

No grande grupo constituído pelas **cerâmicas impressas** incluem-se decorações de carácter arcaizante, com reminiscências no Neolítico Antigo, como é o caso do fragmento de “copo” decorado por alinhamentos horizontais abaixo do bordo de **impressões em “meia-cana”** (Fig. 23, n.º 1). Mas as decorações impressas são dominadas pelas impressões de folículos organizados nos já referidos **motivos em “folha de acácia/crucífera”**, caracte-

rísticos do Calcolítico Pleno da Estremadura. Tais motivos foram obtidos através da impressão de uma extremidade romba de secção elipsoidal, mais ou menos alongada, aplicada perpendicularmente à superfície do recipiente. Trata-se de recipientes de pequenas dimensões e cuidado acabamento, como é o caso dos “copos” da Fig. 23, n.º 3 e n.º 4 e dos esféricos das Fig. 23, n.º 4 e 6, desenvolvendo-se num deles a decoração em faixa horizontal, associada a pequeno ressalto da parede do recipiente, particularidade também observada em exemplares de Leceia (CARDOSO, 2006, Fig. 172, n.º 14). É interessante notar que se encontram quase ausentes os grandes globulares ostentando tais decorações em torno da abertura, o que se pode explicar pela escassez da amostra.

As cerâmicas **impressas com matriz**, encontram-se representadas por fragmentos em que as respectivas matrizes, denteadas, foram aplicadas perpendicularmente à superfície dos recipientes, produzindo impressões punctiformes alinhadas, tal qual as cerâmicas campaniformes. Nalguns casos, as matrizes incidiram obliquamente, dando origem a impressões assimétricas. Nas Fig. 25 e 26 representam-se os fragmentos que evidenciam as duas referidas variantes. Exemplares idênticos aos do Outeiro da Assenta encontram-se representados nos povoados de Pragança e do Outeiro de São Mamede, tendo sido objecto de publicação desde a obra de N. Åberg. Sem dúvida que tais impressões foram executadas com a mesma matriz utilizada para as decorações incisivas em bandas, tratadas anteriormente. Prova disso é a existência, naqueles e noutros povoados, e também no Outeiro da Assenta, de fragmentos que ostentam ambas as técnicas. O presente estudo dá a conhecer um exemplar inédito do Outeiro da Assenta, cuja existência corrobora aquela indicação (Fig. 21, n.º 7). Consistem tais decorações na aplicação, ao mesmo exemplar, de uma matriz denteada, de duas maneiras distintas: por arrastamento, produzindo linhas incisivas, idênticas às observadas nas cerâmicas ditas “penteadas”, acima descritas; e por impressão, aplicando perpendicularmente os dentes da referida matriz na pasta fresca, produzindo pontuações alinhadas. O fragmento conservado pertence a um “copo” de paredes direitas, tendo num exemplar do Outeiro de São Mamede (GONÇALVES, 1991, Fig. 6, n.º 1), noutro de Pragança (idem, ibidem, Fig. 5, n.º 3) e ainda em peça de Leceia (CARDOSO, 1995 a, Fig. 2, n.º 2), os melhores paralelos.

Casos particulares são o exemplar da Fig. 26, n.º 2, em que as linhas de impressões coexistem com incisões produzidas por uma ponta fina, ou o da Fig. 27, n.º 7, em que as referidas linhas impressas se encontram sobrepostas por uma banda de impressões quadrangulares pouco profundas.

As cerâmicas incisivas/impressas a matriz no quadro do Calcolítico estremenho identificadas no Outeiro da Assenta fazem parte de um conjunto de distribuição geográfica circunscrita à Média Estremadura que merece comentários específicos.

Foi J. L. M. Gonçalves quem teve o mérito de retomar o estudo de certas produções cerâmicas dos povoados calcolíticos da Média Estremadura que, desde a publicação de N. Åberg, de 1921, tinham ficado a aguardar oportunidade de investigação. Em 1991, publicou exemplares dos povoados de Pragança, do Outeiro de São Mamede e da Rotura, cartografando ocorrências análogas nos povoados do Outeiro da Assenta, Zambujal e Penedo (GONÇALVES, 1991, Fig. 7).

Alberto del Castillo republicou como campaniformes alguns dos exemplares do Outeiro de São Mamede e de Pragança, dados a conhecer por Åberg, integrando-os no seu “Grupo de Portugal” (CASTILLO, 1928, Lám. 51, n.º 3 e 4 e Lám. 52, n.º 1 e 2), com destaque para o fragmento de “copo” do Outeiro de São Mamede, que ostenta as duas técnicas decorativas acima caracterizadas, o qual foi depois completado por J. L. M. Gonçalves (GONÇALVES, 1991, Fig. 6, n.º 1). Hoje, podemos reconhecer que não estaria assim tão longe da verdade, até porque nalguns casos é difícil destrinçar entre o que é campaniforme do que corresponde a uma interpretação local daquelas produções.

Discutindo a questão da integração cronológico-cultural das cerâmicas em apreço, J. L. M. Gonçalves integra-as no Calcolítico Pleno, de acordo com o significado que tal termo então detinha, acrescentando, mais à frente, que “talvez se pudesse supor que estas técnicas pontilhada e “penteada” se situariam num momento final do Calcolí-

tico médio, já em contacto com as cerâmicas campaniformes, coexistindo ao mesmo tempo com esta e com as cerâmicas do tipo “folha de acácia” (GONÇALVES, 1991, p. 218). Com efeito, como mais tarde se demonstrou, as últimas produções do Calcolítico Pleno pré-campaniforme, caracterizadas justamente pelo grupo “folha de acácia/crucífera”, coexistiram de facto com as primeiras produções campaniformes (atribuíveis do Grupo Internacional, com vasos marítimos), tal como indica a cronologia absoluta correspondente à emergência das produções campaniformes na região, claramente coevas do Calcolítico Pleno (CARDOSO & SOARES, 1990/1992).

Aquela evidência soma-se às indicações estratigráficas que, já na época em que J. L. M. Gonçalves escreveu o seu artigo, apontavam também para um período de coexistência entre ambas as tradições cerâmicas, assinaladas em diversos povoados estremenhos, como o da Penha Verde (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958) e o da Rotura (SILVA & FERREIRA, 1970; SILVA, 1971; GONÇALVES, 1971), a que se somam outros, mais recentemente investigados, como o de Moita da Ladra, que conheceu apenas uma ocupação calcolítica, a que se associam cerâmicas decoradas do grupo “folha de acácia/crucífera” e campaniformes do Grupo Internacional (CARDOSO & CANINAS, 2008).

Dito isto, nada obstará a que, nos povoados da Estremadura Média, como o do Outeiro da Assenta, onde ocorrem as cerâmicas impressas a pente acima estudadas, estas fossem coevas das produções campaniformes, as quais, aliás, também ali se encontram representadas. Com efeito, é evidente a semelhança da forma de certos recipientes, com os que ostentam decorações campaniformes, para já não falar da identidade entre a própria técnica, recorrendo a impressões de uma matriz denteada, tal como se verifica nos campaniformes decorados a ponteados. É o caso da pequena taça com uma faixa de espinhados horizontais (Fig. 27, n.º 13), e de fragmentos de pequenas caçoilas de perfil suave, decoradas por zigue-zagues de linhas impressas a matriz no bojo (Fig. 26, n.º 4 e 5).

Face ao exposto, admite-se que o conjunto dos exemplares estremenhos decorados pela técnica impressa, associada ou não à incisa, num caso ou noutro com o uso de uma matriz denteada, em forma de pente, pode suportar a criação de um novo grupo ceramográfico de carácter regional no território português, conjuntamente com os exemplares homólogos do Outeiro de São Mamede, de Pragança, e de outros sítios estremenhos, incluindo prováveis necrópoles, como a gruta da nascente do rio Almonda, onde foi registado um fragmento de taça de carena suave, reportada por J. R. Carreira à Idade do Bronze, decorada por curtos espinhados verticais no bojo (CARREIRA, 1996 a, Est. 1, n.º 3). Tal entidade arqueográfica designar-se-á por **Grupo da Assenta**, tendo presente não só a importância que tais produções assumem nesta estação, mas também o facto de serem tais materiais que propiciaram as presentes considerações, na fundamentação desta nova entidade arqueológica. Assim se terá dado resposta à questão colocada por J. L. M. Gonçalves, que, ao notar a distribuição geográfica circunscrita das produções decoradas a pente e impressas da Estremadura Média, se interrogava sobre a existência, naquela região, “de uma especificidade cultural própria” (GONÇALVES, 1991, p. 218).

Este novo grupo deverá incluir todas as cerâmicas decoradas a pente, dando origem a padrões ponteados ou a bandas incisadas, intervaladas por espaços não decorados, os quais foram relacionados, no norte do País, com as produções clássicas campaniformes do Grupo Internacional (JORGE, 1986, p. 619).

Note-se, ainda, que em regiões entre a estudada por S. O. Jorge (Chaves-Vila Pouca de Aguiar) e a Estremadura, como a bacia do Alto Mondego, foram também identificadas diversas estações calcolíticas com cerâmicas decoradas por bandas incisadas, produzidas com matriz, por vezes associadas a cerâmicas campaniformes, de que é exemplo o pequeno sítio habitacional de Linhares (Santa Comba Dão) (VALERA, 1999).

No caso dos exemplares estremenhos, os antecedentes imediatos são conhecidos, residindo nos “copos” e nas taças caneladas em bandas horizontais abaixo do bordo do Calcolítico Inicial. Esta realidade foi, aliás, implicitamente aceite por M. A. Horta Pereira Bubner, ao ter publicado indistintamente, sob a designação de “cerâmica de importação”, recipientes decorados a pente, entre os quais uma taça do Outeiro da Assenta (Fig. 25, n.º 3), a

par de outros, com decoração canelada (BUBNER, 1979).

A ser assim, teríamos, na Média Estremadura, o Grupo da Assenta, que faria a ponte entre o Calcolítico Inicial, de que herdaria não só muitas das formas, a começar pela mais representativa, o “copo”, mas também a teoria decorativa, dominada pelos espinhados horizontais e verticais, que não ocorrem nas cerâmicas campaniformes – e as produções campaniformes, das quais absorveu a principal inovação que as caracteriza: a aplicação do pente para a produção de decorações a ponteados, a qual terá resultado da influência dos primeiros campaniformes conhecidos na região decorados com aquela técnica, logo aplicada a recipientes de tipologia mais antiga, como os “copos” e os vasos globulares.

Em suma, o **Grupo da Assenta**, de expressão geográfica bem definida e modesta, desenvolver-se-ia paralelamente às produções clássicas do Calcolítico Pleno da Estremadura, correspondentes ao grupo “folha de acácia/crucífera”, tal como é indicado pelos exemplares de Leceia encontrados em estratigrafia, e teria coexistido com os primeiros campaniformes, do Grupo Internacional, representado no Outeiro da Assenta, como a seguir se caracteriza.

As escassas **Cerâmicas campaniformes** do Outeiro da Assenta integram exclusivamente o **Grupo Internacional**, o mais antigo, dos três usualmente considerados na Estremadura, tal como se verificou no Outeiro de São Mamede. Esta realidade é condizente com a observação de terem sido os povoados ocupados na fase anterior, os primeiros a receberem, num curto momento situável seguramente na primeira metade do III milénio a.C., cerca de 2700/2600 a.C., a novidade corporizada pelas ditas produções. Já em 1981, se declarou, a propósito do povoado de Leceia, “sempre que num local se tenha observado forte ocupação do calcolítico médio, é aquele estilo que predomina” (CARDOSO, 1981, p. 215). Com efeito, tal observação tinha sido pela primeira vez observada no povoado da Rotura, onde se verificou a anterioridade dos vasos campaniformes “marítimos” às produções do Grupo de Palmela (FERREIRA & SILVA, 1970; SILVA, 1971). As escavações conduzidas em Leceia vieram confirmar tal realidade, no que se refere ao espaço intramuros, enquanto no espaço extramuros se identificaram duas cabanas campaniformes; numa delas, a tipologia das produções apontava para uma fase tardia do “fenómeno” campaniforme, com predomínio das decorações incisas e ausência do vaso “marítimo”, corroborada por uma data de radiocarbono obtida, estatisticamente mais moderna que a correspondente à outra cabana campaniforme, na qual o conjunto campaniforme – necessariamente de vida curta – se distribuía pelos três Grupos tradicionalmente considerados na Estremadura, datando tal associação ainda da primeira metade do III milénio a.C. (CARDOSO, 1997/1998 a). Quer isto dizer que é possível que, ainda antes de 2500 a.C., todos os grupos campaniformes estivessem já constituídos como tal, existindo um período em que os mesmos teriam coexistido, representado pela associação encontrada na estrutura habitacional de Leceia em referência, e também nas cabanas escavadas da Penha Verde, em curso de reapreciação pelo signatário.

No que ao Outeiro da Assenta diz respeito, encontra-se reconhecido apenas um fragmento de vaso “marítimo” com a clássica decoração de bandas preenchidas interiormente a ponteados (Fig. 28, n.º 1). A escassez de campaniformes “marítimos” tem equivalente no vizinho Outeiro de São Mamede, onde também se identificou apenas um fragmento de vaso idêntico (CARDOSO & CARREIRA, 2003, Fig. 60, n.º 1). Com efeito, tal como nesta estação, os restantes fragmentos de recipientes campaniformes (Fig. 28, n.º 2 a 7), conquanto sejam todos decorados a ponteados, integram-se no conjunto de decorações geométricas mais elaboradas, incluindo faixas horizontais, bandas oblíquas e triângulos preenchidos internamente por reticulado, pertencendo a vasos campaniformes (Fig. 28, n.º 4) ou a caçoilas de ombro (Fig. 28, n.º 7). É de destacar um fragmento de caçoila de ombro decorado com triângulos invertidos, preenchidos internamente por linhas verticais, convergentes no vértice inferior de cada triângulo (Fig. 28, n.º 6). No conjunto, trata-se de conjunto homogéneo, e de fraca expressão o qual, de acordo com as considerações anteriormente apresentadas, acompanharia as outras cerâmicas calcolíticas decoradas, configurando-se, deste modo, apenas a existência de uma única ocupação calcolítica no Outeiro da Assenta.

Cerâmicas lisas: trata-se de conjunto numeroso, embora desprovido de indicações estratigráficas, o que lhe retira grande parte do interesse. Com efeito, ao contrário das produções decoradas, que caracterizam bem a época em que foram produzidas, certas formas lisas podem frequentemente integrar-se em diversas culturas pré-históricas, não se identificando com nenhuma delas em particular. É o caso da maioria das tipologias dos recipientes do Outeiro da Assenta, as quais, conquanto sejam muito frequentes em contextos calcolíticos, têm sido, também, registadas em contextos do Bronze Pleno da região: são exemplo, os povoados do Agroal (Vila Nova de Ourém) (LILLIOS, 1993, Fig. IV a VII) e o do Casal da Torre (Torres Novas) (CARVALHO *et al.*, 1999, Fig. 5 a 9), além de diversas grutas, onde a presença de cerâmicas lisas atribuíveis ao Bronze Pleno tem vindo a afirmar nas cavidades da região, de que são bom exemplo as diversas grutas da serra de Montejunto (GONÇALVES, 1990/1992). Com efeito, nesses sítios estão presentes, a maioria das formas lisas identificadas no Outeiro da Assenta. Aqui, foram encontrados esféricos (Fig. 29 a 33; Fig. 35, n.º 1, 7, 8 e 10) de bordo simples e corpo mais ou menos alto, munidos por vezes de furos de suspensão; esféricos de bordo espessado ou em aba extrovertida, por vezes com o lábio marcado inferiormente por ligeira depressão (Fig. 34); e taças de bordo simples e paredes mais ou menos verticais (Fig. 35 a Fig. 42), possuindo ligeiro espessamento e lábio aplanado (Fig. 37, n.º 4; Fig. 39, n.º 5), convexo (Fig. 42, n.º 2), adelgado (Fig. 39, n.º 2), ou espessado de ambos os lados (Fig. 42, n.º 11). Tal como nos esféricos, observaram-se exemplares com o lábio acentuado por ligeiro rebordo externo (Fig. 43).

Também se observaram pratos ou taças baixas (Fig. 41, n.º 1 a 3) e um “copo” liso, de formato tronco-cónico, com paredes grosseiramente adelgadas e com o fundo, que é convexo, marcado por rebordo marginal (Fig. 40, n.º 1). Este exemplar, que já tinha sido reproduzido anteriormente (BUBNER, 1979, Est. III, n.º 1), diferencia-se, no entanto, dos usuais “copos” do calcolítico inicial pela existência do referido rebordo basal. Possui estreitas afinidades com os exemplares recolhidos na anta de Penedo Gordo (Gavião) (CUNHA & CARDOSO, 2002/2003, Fig. 7, n.º 7; Fig. 8, n.º 6; Fig. 9, n.º 1, 2 e 7). A procura de paralelos para tal tipo de recipientes conduziu à identificação de um conjunto de exemplares de antas do Alto Alentejo, elencados no referido trabalho, cuja cronologia é reportável ao Neolítico Final, ou já ao Calcolítico.

As **Cerâmicas industriais** integram, como o seu nome indica, os artefactos relacionados com uma qualquer actividade extractiva ou produtiva, tendo-se considerado os grupos artefactuais adiante caracterizados.

Cinchos: dentro desta designação cabem as produções relacionadas com uma actividade doméstica de carácter produtivo. Trata-se em geral de fragmentos que dificilmente é possível reconstituir em todo o seu perfil, mas não possuiriam fundo, pois deles não se reconheceram quaisquer indícios; caracterizam-se por ostentar as paredes completamente perfuradas, ainda com a pasta fresca, de fora para dentro (Fig. 23, n.º 10, 11). Desta forma, é aceitável a reconstituição efectuada por Hipólito Cabaço para um destes objectos, oriundo do povoado da Pedra de Ouro (Alenquer) (PAÇO, 1966, Fig. 13 A).

Relacionados usualmente com o fabrico de queijo, tal utilização encontra-se fixada na terminologia portuguesa de décadas passadas pela palavra “queijeiras”, que parece menos apropriada que a de “cincho”. Com efeito, se exemplares mais modernos, do Bronze Final/inícios da Idade do Ferro do Sudoeste peninsular, providos de fundo, se podem relacionar com actividades metalúrgicas, como a copelação da prata – a que se pode somar exemplar da Quinta do Marcelo, Almada (BARROS, 2000; CARDOSO, 2004 b, Fig. 149) – em materiais calcolíticos, análises químicas têm revelado nalguns exemplares a presença de compostos orgânicos, condizentes com a função que lhes tem sido tradicionalmente atribuída, por comparação etnográfica.

Para a integração cultural destas produções, é muito importante a informação fornecida pelo estudo sistemático das cerâmicas de Leceia, já que é o único, no concernente à área estremenha, que interessa a totalidade dos elementos recolhidos numa estação arqueológica com estratigrafia fiável. Assim, os vinte e cinco fragmentos de cinchos recolhidos provêm integralmente da Camada 2, do Calcolítico Pleno (CARDOSO, 2006, p. 39), o que

reflecte a especialização das produções, verificada desde o Calcolítico Inicial, ou seja, na transição da primeira para a segunda metade do III milénio a.C., corporizando a chamada “Revolução dos Produtos Secundários”.

Um dos exemplares possui bordo não espessado, enquanto o outro o apresenta engrossado do lado externo, correspondendo a variedade muito mais rara.

Elementos de tear: aplica-se esta designação aos objectos paralelepípedicos achatados de barro, munidos de quatro perfurações junto aos cantos, excepcionalmente apenas de duas, produzidas na pasta fresca (Fig. 44, 45). Estas peças, que são comuns nos povoados estremenhos, podem apresentar-se lisas ou decoradas. No Outeiro da Assenta, todos os exemplares são lisos. Nos exemplares decorados, as decorações patentes nas faces maiores das placas de Vila Nova de São Pedro, constituem um notável conjunto, que justificou o primeiro estudo dedicado a este tipo de artefactos (PAÇO, 1940), prosseguido até épocas mais recentes por outros trabalhos (DINIZ, 1994). Tais decorações remetem para o domínio do sagrado, estado presentes símbolos astrais e sexuais, tatuagens faciais, cervídeos (PAÇO, 1940, Fig. 1, n.º 1 a 7). Uma representação estilizada atribuível a machado ou enxó, foi identificada numa placa do Outeiro de São Mamede, recentemente republicada (VASCONCELOS, 1922; CARDOSO & CARREIRA, 2003, Fig. 68, n.º 4). Esta realidade comprova a dificuldade na separação, no dia a dia destas populações, entre o profano e o sagrado, o qual estaria presente em muitas das actividades domésticas quotidianamente realizadas, como era o caso da tecelagem. Mais comuns são os motivos geométricos, como linhas onduladas, ou em zigue-zague, de há muito associadas à água, a propósito de um notável exemplar de Leceia (CARDOSO, 1981, p. 216), elemento que seria essencial no crescimento e lavagem das fibras de linho, utilizadas à época na fição e tecelagem. Quanto aos reticulados também presentes em diversos destes povoados, poderiam por seu turno, relacionar-se com a urdidura dos teares onde quais estes artefactos eram aplicados.

Com efeito, embora seja preferível a utilização mais abrangente de “elementos de tear”, aspecto discutido em trabalho anterior (CARDOSO & CARREIRA, 2003), não existem dúvidas quanto à função que, nestes, tais peças teriam, servindo de pesos, suspensos por apenas dois dos quatro orifícios. Prova deste modo de utilização foi de novo confirmada nos exemplares do Outeiro da Assenta, ao exibirem, à semelhança de outras estações estremenhas, como Vila Nova de São Pedro, Leceia e Moita da Ladra (Vialonga), desgaste em apenas dois dos furos do mesmo lado (Fig. 44, n.º 1 e 4; Fig. 45, n.º 1 e 4), podendo os outros dois considerar-se como suplentes. Por outro lado, tal como foi observado anteriormente, alguns apresentam apenas duas perfurações, como é o caso do exemplar da Fig. 44, n.º 5. Importa referir que, já em 1914, Vergílio Correia tinha classificado como pesos de tear estes exemplares pré-históricos, num estudo de cariz etnográfico, em que publicou diversos tipos de exemplares actuais (CORREIA, 1914). A mesma terminologia foi seguida por Félix Alves Pereira, no respeitante aos exemplares do Outeiro da Assenta (PEREIRA, 1914, p. 142, 143) e, logo depois, por Luís Chaves (CHAVES, 1915, p. 263). Aliás, é interessante notar que aquele autor, havia chegado a tal conclusão por observações pessoais, num exercício de análise traceológica pioneiro, as quais, dado o seu interesse, se transcrevem: “O exame atento destes artefactos levou-me à convicção de que estes pesos para teares verticais, como os primitivos, ficavam suspensos por dois dos seus orifícios e não pelos quatro ao mesmo tempo. E a razão é que não só aparecem pesos desta forma com duas perfurações apenas, mas nos de quatro, em grande parte deles, apenas dois orifícios de um dos lados maiores manifestam os vestígios de uso (...)” (PEREIRA, 1915, p. 126). Como se viu, tal característica foi agora confirmada nos mesmos exemplares.

A prática da tecelagem, enquanto actividade especializada, relacionada com o desenvolvimento económico que caracterizou todo o III milénio a.C., generalizou-se por todo o território português, onde se registaram exemplos de elementos de tear deste e de outros tipos. Contudo, o conhecimento da evolução, num mesmo local, da importância desta actividade ao longo do tempo tem sido fortemente limitada pela quase ausência de elementos fiáveis, com indicações estratigráficas precisas. Uma das excepções é o povoado de Leceia. Aqui, trata-se de artefacto pobremente representado, o que poderá denunciar uma fraca especialização dos seus habitantes nas actividades

de tecelagem. Note-se, com efeito, que em povoados de muito menos importância e com áreas escavadas diminutas, como o Outeiro de São Mamede ou o próprio Outeiro da Assenta, o número destes elementos é proporcionalmente muito superior, o mesmo se verificando em Outeiro Redondo, Sesimbra, em curso de publicação, onde se recolheram abundantes exemplares, apesar da área explorada ser reduzida, a par com a modéstia da extensão do povoado, quando comparado com o de Leceia (CARDOSO, 2008).

Em Leceia, apesar da aludida escassez de elementos de tear, nota-se um inesperado declínio do Calcolítico Inicial, onde se registaram oito exemplares, para o Calcolítico Pleno, com apenas seis (CARDOSO, 2006, p. 39). Este declínio é tanto mais difícil de explicar no contexto da sabida intensificação económica atrás mencionada, reforçando a conclusão de que, em Leceia, a tecelagem não era, seguramente, uma actividade importante, ao contrário da maioria dos povoados estremenhos calcolíticos.

Pesos de rede: os exemplares de cerâmica, perfurados longitudinalmente antes da cozedura, representados na Fig. 46, n.º 1 a 6, mereceram judiciosas considerações da parte de Félix Alves Pereira. A sua integração no Calcolítico parece não deixar dúvidas, com base nas observações do primeiro dos exploradores do Outeiro da Assenta: “Continuando a escavação no ponto em que as camadas estratificadas davam ao trabalho uma importância especial, porque a situação dos objectos começava a ter um significado cronológico, verificou-se o aparecimento de outro peso de rede, ovóide e perfurado longitudinalmente. Casualmente foi avistado, antes de se soltar do estrato que o continha e pude então notar rigorosamente a sua posição. A zona onde êle se mostrava, era aquela camada de terra escura subjacente à que se caracterizava pela presença dos cereais carbonizados [trata-se de depósito relacionado com vasos de armazenamento da Idade do Ferro, como adiante se verá]; só depois desta observação feita e arquivada, é que este objecto foi retirado do seu lugar. A este nível apareciam também os pesos de tear, a que já me tenho referido e que são análogos aos da estação de S. Mamede.

Esta camada era seguramente de época preistórica, sem mistura alguma com os estratos superiores; estava intacta; (...)” (PEREIRA, 1914, p. 145). No ano seguinte, o mesmo autor discute longamente a atribuição a pesos de rede destes artefactos, recorrendo à sua formação etnográfica (PEREIRA, 1915, p. 127 e seg.). Com efeito, estas produções cerâmicas não se devem confundir, por um lado, com os cossoiros, da Idade do Ferro, de formato tronco-cónico, também presentes na estação e, por outro, como as peças esféricas perfuradas, recolhidas no vizinho Outeiro de São Mamede, atribuídas a contas de colar por Félix Alves Pereira, embora uma análise mais conservadora das mesmas, recentemente publicada, tenha conduzido a uma classificação meramente morfológica, como “esferas perfuradas diametralmente” (CARDOSO & CARREIRA, 2003, p. 144, Fig. 70, n.º 4 a 6). O tamanho, e por conseguinte, o peso, parece ser critério importante na diferenciação. Assim, os exemplares do Outeiro de São Mamede, de menores dimensões que os do Outeiro da Assenta, seriam compatíveis com contas de colar, tal como os elementos de formato bicónico, recolhidos em diversas estações calcolíticas litorais, como a Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992) ou as sepulturas campaniformes do dólmen de Pedra Branca, Montum (Santiago do Cacém) (FERREIRA *et al.*, 1975).

Em Santa Olaia, Santos Rocha atribuiu a exemplares da Idade do Ferro idênticos aos recolhidos no Outeiro da Assenta, função de contas de colar, representando alguns destes elementos como supunha que podiam estar organizados (ROCHA, 1905/1908, Est. XXVIII, n.º 246). Como contas de colar foram também considerados alguns elementos pré-romanos de Conímbriga, recolhidos por Vergílio Correia (CORREIA, 1916, p. 264). Tais exemplares foram reproduzidos mais tarde, mantendo-se a referida atribuição (CORREIA, 1993, Fig. 4). Enfim, L. Chaves, a propósito de um destes exemplares, por si descoberto no Outeiro da Assenta, chama-lhe pendeloque, denotando talvez a discussão que, sobre o mesmo tipo de objectos, é apresentada no mesmo volume da revista por Félix Alves Pereira (CHAVES, 1915, p. 263). A existência de exemplares análogos tem sido registada em diversas estações arqueológicas litorais da Península Ibérica, de épocas distintas, pelo menos até os séculos IX-XIII, como é o caso do Saltés, sítio islâmico das Marismas do Odiel (BAZZANA & BEDIA GARCIA, 2009, Fig. 104), o que não impede de considerar os do Outeiro da Assenta de época pré-histórica

A proximidade da lagoa de Óbidos reforça, como bem notou o primeiro explorador da estação arqueológica, a atribuição a estes objectos como pesos de rede, utilizados para pescarias nas águas calmas da lagoa, já que, para o litoral oceânico, seriam precisos pesos de muito maior robustez e tamanho, como os exemplares de pedra recolhidos em Leceia (CARDOSO, 1996).

Suportes de lareira: reconheceu-se um exemplar, descrito pelo primeiro explorador do sítio nos seguintes termos: “Na camada mais baixa, juntamente com os sílices, encontrou-se um pedaço de barro cozido, que por ser curvo e grosso, mas muito tóscico, me pareceu à primeira vista ter pertencido a um vaso avantajado; a pasta porém é idêntica à dos pedaços que apresentam as impressões de caniço. A hipótese, que me ocorre, é que fazia parte efectivamente do revestimento argiloso das cabanas, nalgum ponto em que houvesse uma abertura para o exterior, uma chaminé, por exemplo” (PEREIRA, 1914, p. 144). No entanto, a referida hipótese não colhe, não só porque a peça é maciça, mas também porque se conserva uma superfície plana, servindo de base, sobre a qual assentava. Trata-se de um fragmento dos chamados suportes de lareira, impropriamente designados na literatura por “ídolos de cornos”, designação já rebatida por diversas vezes (CARDOSO & FERREIRA, 1990; CARDOSO, 2003). A ocorrência destes exemplares em contextos do Neolítico Final, como o identificado no sítio que veio posteriormente a ser ocupado pela *villa* romana da Quinta das Longas (Elvas) (GONÇALVES, CARVALHO & POMBAL, 2003), mostra que já existiriam antes das actividades metalúrgicas relacionadas com o cobre. Por outro lado, não se conhece nenhum exemplar oriundo de contexto funerário, com a excepção de um exemplar conotável com ídolo fálico, da *tholos* do Escoural (Montemor-o-Novo), comparável a dois exemplares de Leceia (CARDOSO, 1995 b), que não são passíveis de confusão com as peças em questão, mesmo com as de tipologia mais simples. Deste modo, fica reforçado o seu carácter doméstico. O facto de alguns exemplares, como os recolhidos em Vila Nova de São Pedro, possuírem decorações simbólicas, como, entre outras, as ditas “tatuagens faciais”, frequentes nos bem conhecidos ídolos-cilindro de calcário, associados à representação antropomórfica (GONÇALVES, 1994 a, Fig. 1, n.º 1), em nada diminui o carácter funcional destas peças, à semelhança do verificado com os elementos de tear acima tratados. No entanto, alguns exemplares miniaturais não poderiam ter, evidentemente, carácter funcional, podendo considerar-se como brinquedos da época. O autor referido elabora pertinentes considerações, a propósito da importante colecção de Vila Nova de São Pedro, procurando separar os exemplares que considera como suportes de lareira, daqueles que atribuiu a “ídolos de cornos”. Estes, pela sua morfologia corniforme, simples ou dupla, estariam relacionados com o culto dos bovídeos no decurso do Calcolítico. Admite-se, com efeito, que tal culto teria efectivamente existido, até pela importância destes animais na sociedade de então: prova disso, são as múltiplas representações de bucrânios no santuário exterior do Escoural (Montemor-o-Novo) (GOMES, 1991), atribuível ao Neolítico Final, a que se juntou, mais recentemente, a estatueta modelada de um bovídeo recuperada nas escavações efectuadas por Miguel Lago, A. Valera e colaboradores no complexo dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz). No mesmo sentido apontam os pequeninos corniformes recolhidos em Vila Nova de São Pedro, atribuíveis a fragmentos de esculturas modeladas destes animais (GONÇALVES, 1994 a). No entanto, importa referir que os corniformes cerâmicos, não podem, pelo simples facto de o serem, conotar-se obrigatoriamente com ídolos. O caso mais exemplar é o dos fornos da Ponta da Passadeira (Barreiro), do Neolítico Final/Calcolítico Inicial, aos quais se encontravam associados abundantes corniformes simples, de cerâmica (SOARES, 2001, Fig. 15, 16), que não poderiam ter outra função senão a de separadores (trepes) dos recipientes, aquando da cozedura dos mesmos, ou, eventualmente, no âmbito do seu aquecimento, com água do estuário, para a produção de sal, servindo como suportes. De igual modo, também no sítio do Neolítico Final/Calcolítico do Monte da Quinta (Benavente), este claramente à produção de sal, foram encontrados várias dezenas de objecto maciços mais ou menos alongados, de barro, “alguns dos quais com morfologias próximas do que tradicionalmente se designam por “Ídolos de Cornos” (VALERA, TERESO & REBUGE, 2006, p. 294).

Diversos: dentro desta categoria inscreve-se, em primeiro lugar, a **Cerâmica de revestimento**, representada na colecção por um fragmento de barro com uma das faces aplanadas, conservando a outras impressões de caules

ou troncos de pequeno diâmetro (Fig. 46, n.º 7). Trata-se de um dos pedaços referidos por Félix Alves Pereira, e por ele reproduzido (PEREIRA, 1915, Fig. 7, i), tendo então sido identificados correctamente como barro de revestimento de cabanas, e atribuído ao Calcolítico, “em virtude das condições do descobrimento” (PEREIRA, 1914, p. 143; PEREIRA, 1915, p. 131). Integram-se nesta categoria ainda: um objecto de cerâmica incompleto, perfurado transversalmente numa das extremidades (Fig. 46, n.º 11), descrito no primeiro estudo dedicado à estação como indeterminado: “Um pedaço de cerâmica com orifício, que não sei classificar” (PEREIRA, 1914, p. 143); um prato de fundo espesso e bordo simples, de pequenas dimensões, constituindo exemplar raro dentro das produções calcolíticas (Fig. 46, n.º 8); e uma pequeníssima taça, cuja utilização também é desconhecida, com paralelos em outras estações neolíticas ou calcolíticas (Fig. 46, n.º 9). Este exemplar foi recolhido na segunda campanha de escavações, dirigida por Luís Chaves, que se lhe refere (CHAVES, 1915, p. 262). Nalguns casos, a utilização especial destes pequenos recipientes é sugerida pela própria decoração que ostentam: é o caso do exemplar do Outeiro de São Mamemde, possuindo na face externa, a representação de um cometa (CARDOSO & ANDRÉ, 2005).

3.2. *Idade do Bronze*

Na Fig. 47 agrupam-se as produções cerâmicas que, pela tipologia, se reportam à Idade do Bronze. Apenas um exemplar se apresenta decorado, com a característica técnica “a cepillo” (Fig. 47, n.º 5). Os restantes exemplares, por vezes, possuem elementos plásticos decorativos, como é o caso dos pequenos **mamilos simbólicos na carena**, característicos do Bronze Final, por vezes perfurados (Fig. 47, n.º 1 a 3), ou ostentam **protuberância sobre o bordo** (Fig. 47, n.º 4), elemento decorativo característico do Bronze Final, estando presente, entre outras estações, no Castelo dos Mouros (Sintra) (CARDOSO, 1997/1998 b, Fig. 8, n.º 4) e na Lapa da Bugalheira (Torres Novas) (CARREIRA, 1996 b, Est. 8, n.º 4). Outras produções características e abundantes da Idade do Bronze são as **taças carenadas** (Fig. 47, n.º 7 a 14 e 16), enquanto um **pequeno pote de colo estrangulado** (Fig. 47, n.º 15) possui os melhores paralelos, no que respeita à área estremenha, em um exemplar das grutas do Poço Velho (Cascais) (CARREIRA, 1990/1992, Fig. 2, n.º 7) e na sepultura da Idade do Bronze de Pedra de Ouro (Alenquer) (LEISNER & SCHUBART, 1966, Abb. 11, n.º 2), ainda que dubitativamente possa ser já atribuído, tal como os exemplares invocados como comparação, à Idade do Ferro.

3.3 – *Idade do Ferro*

3.3.1 – *Indústria cerâmica*

O conjunto dos materiais cerâmicos atribuídos à Idade do Ferro, produzidos ao torno rápido, é dominado pelos fragmentos de grandes potes de armazenamento com bordos salientes e robustos, dos quais se conservam os bordos e alguns fundos planos, referidos por Félix Alves Pereira como destinados ao armazenamento de trigo. Contudo, dado o mau estado de conservação dos recipientes, não foi possível recuperar nenhum exemplar que possibilitasse reconstituição. Como se referiu no início deste estudo, Félix Alves Pereira considerou comparável o conjunto cerâmico da Idade do Ferro do Outeiro da Assenta ao de Santa Olaia (Figueira da Foz).

A revisão dos materiais agora efectuada, conduziu à identificação de dois conjuntos diferenciados da Idade do Ferro, no Outeiro da Assenta: o primeiro, é, com efeito, em parte comparável ao exumado na estação figueirense e corresponde aos séculos VI ou inícios do V a.C. Esta fase mais antiga da Idade do Ferro do Outeiro da Assen-

ta integra as asas bilobadas assinaladas pelo autor, enquanto os fragmentos por ele atribuídos a *pythoi* não são mais do que restos de grandes vasos de armazenamento, também designados pelo autor como “urnas” (PEREIRA, 1915, p. 144). Trata-se de recipientes de cerâmica comum, desprovidos de asas, pertencentes ao final da Idade do Ferro, coevo do período romano republicano, dando passagem a ténue ocupação de época imperial, representada por diversos elementos que não serão objecto deste estudo, recolhidos sobretudo na intervenção realizada por Luís Chaves.

Deste modo, ao final da I Idade do Ferro, de tradição orientalizante, são de atribuir diversas produções cerâmicas, como as representadas nas Fig. 48 e 49, onde avultam as **asas com suave depressão longitudinal mediana**, de **jarros** ou de **pequenos vasos de colo alto** (Fig.48, n.º 5 a 7), com bons paralelos na ocupação sidérica da Rua dos Correeiros (Lisboa) (CARDOSO, 2004 b, Fig. 194), atribuível a momento imediatamente posterior (séculos V/IV a.C.), ou as **asas bilobadas**, ou de **secção circular** (Fig. 49), que poderiam pertencer, nalguns casos, a *pythoi*. Note-se que, apesar de já não ocorrerem produções orientalizantes, alguns exemplares poderão ser considerados como de tradição do Bronze Final (Fig. 50, n.º 1 a 3), enquadrando-se no conjunto das **cerâmicas comuns**, como as de coloração alaranjada que se encontram representadas na mesma figura (Fig. 50, n.º 4 a 6).

É certo que a distribuição de povoados desta época, no vasto território estremenho se afigura mais importante que a actualmente conhecida. Um dos locais que revelou recentemente materiais cerâmicos do mesmo tipo, globalmente atribuíveis ao século V a.C., foi o castro do Socorro (Mafra/Torres Vedras), do qual se reproduziram já alguns exemplares obtidos por G. Marques (CARDOSO, 2004 b, Fig. 218)

As **produções finas**, tal como as representadas na Fig. 51, correspondentes a **taças, jarros e pequenos vasos de cerâmicas cinzentas, ou cinzentas/anegradas**, por vezes finamente brunidas, conferindo-lhes toque metálico, decoradas por **cordões em relevo**, são em tudo idênticas aos exemplares recolhidos nos “casais agrícolas” dos séculos VI/V a.C. da região de Lisboa, como a Outurela (Oeiras) (CARDOSO, 1990; CARDOSO, 2004 b, Fig. 195) e os Moinhos da Atalaia (Amadora) (PINTO & PARREIRA, 1978). Conquanto sejam abundantes na região de Lisboa, onde poderiam prolongar-se pela II Idade do Ferro (é o caso dos exemplares recolhidos na Rua dos Correeiros ((ALARCÃO, coord., 1996, n.º 22), ocorrem também na ocupação sidérica de Conímbriga (CORREIA, 1993, Fig. 7), conferindo-se um cunho regional, correspondendo ao território a norte do Tejo e até ao Mondego, já que não ocorrem na região do Sado. **As taças de bordo simples ou ligeiramente espessado e lábio convexo**, de **cerâmica cinzenta**, encontram-se bem representadas, através dos exemplares figurados nas Figs. 52, 53 e 54. Trata-se de produções comuns e de larga diacronia, com início no período orientalizante, mas continuando claramente presentes em épocas ulteriores, como é o caso, atingindo os alvares da Romanização, segundo o verificado por C. Tavares da Silva e colaboradores na estratigrafia do castelo de Alcácer do Sal (SILVA *et al.*, 1980/1981), realidade depois sublinhada por A. M. Arruda (ARRUDA, 1999/2000, p. 205).

Os materiais recolhidos na Alcáçova de Santarém permitiram à referida autora elaborar uma tipologia para as cerâmicas cinzentas, pertencendo a maioria dos exemplares identificados a taças (Forma 1), categoria onde também se inserem os exemplares do Outeiro da Assenta, representados nas Fig. 52 a 54. Situação idêntica verificou-se em Almaraz (Almada) (BARROS, CARDOSO & SABROSA, 1993), e na Conímbriga pré-romana, como assinala a autora. Deste modo, as cerâmicas cinzentas podem considerar-se como produções características dos estabelecimentos fenícios ocidentais, sendo a sua longevidade e abundância explicáveis pelo sucesso que detinham junto das comunidades indígenas, o qual, em parte, pode ser o resultado de, tanto as formas, como o próprio acabamento cuidado, terem origens imediatamente anteriores, no Bronze Final da Estremadura, ainda que então correspondessem a fabricos manuais ao torno lento. Deste modo, a introdução do torno rápido possibilitou, simplesmente, um apuro nas formas e, sobretudo, a produção em série, segundo modelos normalizados.

Aliás, a adaptação ao fabrico ao torno de formas já conhecidas e antes executadas ao torno lento, tem paralelo em recipientes de maiores dimensões, incluindo vasos de armazenamento (Fig. 55, n.º 1).

As produções de **cerâmicas comuns**, de pastas médias e alaranjadas, correspondentes a **potes de colo alto e bordo em aba**, comuns nos “casais agrícolas” dos séculos VI/V a.C. dos arredores de Lisboa, encontram-se também representadas no conjunto do Outeiro da Assenta (Fig. 55, n.º 2 a 4), ostentando por vezes as comuns decorações de linhas incisas, formando uma ou várias bandas simples no bojo (Fig. 63, n.º 4). Estas produções poderiam ser acompanhadas de vasos de maiores dimensões, talvez afins dos *pythoi* (Fig. 55, n.º 8 e 9), os quais, por se encontrarem muito incompletos, impedem maiores certezas.

Ao final da Idade do Ferro, num período em que já ocorrem as **primeiras importações de origem itálica (Ferro Mediterrâneo III**, na terminologia de C. Tavares da Silva e colaboradores, apoiada pelos resultados obtidos no castelo de Alcácer do Sal, cf. SILVA *et al.*, 1980/1981), pertencem os **grandes vasos de colo alto e de bordo espesso fortemente revirado para o exterior**, cuja robustez, segundo Félix Alves Pereira, dispensaria a existência de elementos de prensão. Trata-se de recipientes que, nalguns casos – provavelmente os de maiores dimensões – serviriam como contentores de cereais, no caso o trigo e talvez a aveia, de acordo com as observações do primeiro escavador, como anteriormente se referiu. Os exemplares identificados distribuem-se pelas Fig. 55, n.º 6 e 7, Fig. 56, Fig. 57, Fig. 58, Fig. 59, Fig. 60, Fig. 61, Fig. 62 e Fig. 63, n.º 8.

Um dos fragmentos recolhidos por Félix Alves Pereira contém parte de inscrição “de tipo arcaico ou cursivo romano, com quatro caracteres, dos quais apenas um parece encontrar-se completo” (PEREIRA, 1914, p. 146), o qual voltou a ser referido um ano depois, concluindo que se trata de palavra incompreensível. Segundo ele, os caracteres, abertos com ponta romba no barro fresco, são os seguintes: “[...] ACIX [...]” (Fig. 62, n.º 1).

A maioria das decorações observadas no bojo destes grandes vasos são muito simples, constituídas por linhas ondeadas, desenvolvendo-se na horizontal, enquadradas por linhas rectilíneas paralelas (Fig. 61, n.º 1 a 4; Fig. 62, n.º 1 a 3). Alguns exemplares ostentam, associada à anterior, uma curiosa decoração obtida pela impressão de uma matriz circular na pasta fresca, a qual deveria corresponder a um caule mole (Fig. 62, n.º 1 a 3); com efeito, como bem assinala Félix Alves Pereira, caso a matriz utilizada fosse metálica, não sofreria deformações produzidas pela pressão lateral do próprio barro, como de facto sofreu, pois se assim fosse, tais impressões seriam sempre iguais, o que não se verifica (PEREIRA, 1915, p. 139). As decorações destes fragmentos apresentam grandes semelhanças com as patentes em fragmentos de vasos homólogos recolhidos na gruta da nascente do rio Almonda, onde alguns possuem decorações obtidas por estampilhas, de evidente influência continental, que aqui não ocorrem (PAÇO, VAULTIER & ZBYSZEWSKI, 1947).

Note-se, ainda, que alguns dos exemplares figurados, tanto por Félix Alves Pereira, como por Luís Chaves, não se localizaram entre as peças actualmente reunidas e dadas como do Outeiro da Assenta.

A decoração, nalguns casos, poderia ser, simplesmente, constituída por uma banda de linhas incisas paralelas abaixo do bordo, como se observa no exemplar da Fig. 63, n.º 8, o qual apresenta o lábio com uma goteira ou depressão, aspecto também observado em outros exemplares, como os da Fig. 59. Esta particularidade poderá talvez relacionar-se com o ajuste de um opérculo ou tampa.

Entre as produções finas, importa referir um pequeno fragmento de **jarro**, de coloração acinzentada com um **cordão em relevo** delimitando o arranque do colo, decorado abaixo deste **por motivos reticulados brunidos** (Fig. 63, n.º 6). Exemplares idênticos foram identificados entre os materiais de feição predominantemente púnica da Quinta da Torre (CARDOSO & CARREIRA, 1997/1998, Fig. 11, n.º 7), a que se junta outro exemplar, recolhido em contexto sidérico tardio do povoado de altura do Castelo, Arruda dos Vinhos (GONÇALVES, 1997).

As **produções itálicas** ou atribuíveis a tal origem; além do referido vaso com inscrição acima mencionado, incluem um bico de **ânfora vinária** (Fig. 64, n.º 3), provavelmente a peça referida por Luís Chaves como proveniente da Vala n.º 7, executada na encosta poente do Outeiro, designada como “um fundo de ânfora espessa” (CHAVES, 1915, p. 268), e um fragmento de **cerâmica campaniense** da forma Lamboglia 5.7, da 2.^a metade do século II ao final do 3.^o quartel do século I a.C. (Fig. 64, n.º 2), que tem comprovativo na referência do mesmo

autor a fragmentos recolhidos na Vala n.º1, descritos como “numerosos pedaços de um barro fumigado, fino, cuja qualidade e aspecto se assemelham com os fragmentos de cerâmica dos Gregos, achados por Estácio da Veiga em Monte Molião”; mais à frente, refere novos achados da Vala n.º 2, que considerou do tipo *buchero fino* (CHAVES, 1915, p. 266). Com efeito, o Museu Nacional de Arqueologia conserva outros fragmentos de cerâmicas campanienses, embora sem interesse tipológico, pelo que não foram reproduzidos.

As primeiras produções itálicas acima referidas coexistiram com as últimas produções de raiz púnica, como se verificou, entre outras estações, no Castro de Chibanês, cuja Fase II C, atribuída ao Ferro III/ período romano-republicano, onde ânforas itálicas vinárias coexistiram com ânforas neónicas de tipologia idêntica à do presente exemplar (SILVA, 2001, Fig. 13, n.º 3 e 4), bem como na estação da Quinta da Torre, Monte de Caparica (CARDOSO & CARREIRA, 1995).

Cerâmicas industriais – cossoiros: na primeira campanha no Outeiro da Assenta, Félix Alves Pereira menciona a recolha de três cossoiros, dos sete actualmente conservados (Fig. 65, n.º 1 a 7). Deste modo os quatro restantes foram recolhidos por Luís Chaves, que reproduz um deles, oriundo da Vala n.º 2 (CHAVES, 1915, Fig. 7). Trata-se de produções coevas dos objectos cerâmicos do Ferro III, acima identificados, documentando a actividade de fiação no pequeno aglomerado.

3.3.2. Vidros

Luís Chaves reporta à Vala 2 uma **conta de vidro** de coloração ambarina (CHAVES, 1915, p. 265). Com efeito, torna-se difícil distinguir ambas as substâncias, até pelas diminutas dimensões do exemplar (Fig. 66, n.º 4). Trata-se de exemplar reportável ao final da Idade do Ferro, ou já ao período romano.

3.3.3. Indústria metálica

Na Fig. 66 representam-se os elementos metálicos atribuíveis aos finais da Idade do Ferro e à época romana.

Uma possível **xorca de sanguessugas** (Fig. 66, n.º 1) está representada por um fragmento de aro de bronze maciço. Um exemplar com o aro completo, em torno do qual se encontram agrupadas doze sanguessugas, foi encontrado na Serra das Ripas (Alenquer), o que permite admitir como provável aquela função, para o aro fracturado em apreço (GOMES & DOMINGOS, 1983). Estas jóias de bronze são características da II Idade do Ferro (na terminologia clássica), correspondendo os exemplares datados mais antigos em território português ao século VI/V a.C. É o caso do exemplar recolhido na sepultura 22/80 da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal), também com doze elementos (PAIXÃO, 1983, Fig. 5). Talvez ainda mais antigo seja o exemplar representado por apenas uma sanguessuga, recolhido em Santa Olaia (ROCHA, 1905/1908, Est. XX, n.º 50). Estas peças detêm, porém, assinalável longevidade, podendo atingir o século I a.C., como foi demonstrado pelo achado de outras sanguessuga no castro do Pedrão (Setúbal) (SOARES & SILVA, 1973, Est. IX, n.º 68). É a esta época, dos alvares da romanização da região estremenha, que se pode reportar o exemplar do Outeiro de S. Mamede, tendo presente as restantes peças ali presentes. Recolhido na Vala n.º 1 da segunda campanha de escavações, foi classificado, embora com reservas, à categoria agora também admitida (CHAVES, 1915, p. 265).

No conjunto, identificaram-se **quatro fíbulas de distintas tipologias**. Félix Alves Pereira recolheu apenas um exemplar incompleto, o qual, pela reprodução por ele apresentada (PEREIRA, 1915, Fig. 7, f); corresponde ao representado na Fig. 66, n.º 6. Conservando o arco e a mola bilateral simétrica de quatro voltas, é afim do tipo Ponte 40, situável entre meados do século II a.C. e inícios do século I d.C.. (PONTE, 2006, n.º 171 e 172); o

segundo exemplar (Fig. 66, n.º 7), é afim do tipo Ponte B 51 – 2 a, conservando o aro, é reportável a época que vai de inícios do século I a.C. a finais do século IV d.C. (PONTE, 2006, n.º 309); o terceiro e o quarto exemplares (Fig. 66, n.º 8 e 9), são afins do tipo Ponte 32 c; ambos incompletos, encontram paralelos mais próximos, respectivamente, nos exemplares n.º 140 e n.º 452 (PONTE, 2006). Usualmente designados de “fíbulas do tipo transmontano”, têm paralelos estrechos em um exemplar da gruta da Furninha (Peniche) (CARTAILHAC, 1886, Fig. 429) e em diversos exemplares do castro de Pragança, dos quais dois se encontram reproduzidos por J. Leite de Vasconcelos (VASCONCELOS, 1915, Est. VII, Fig. 50, 51). Um destes exemplares (Fig. 66, n.º 8) foi logo publicado por L. Chaves, que o recolheu na Vala 2 (CHAVES, 1915, Fig. 8), a par com uma fibula anular que não se conserva entre espólio ora estudado. A outra fibula de “tipo transmontano” (Fig. 66, n.º 9) provém da Vala n.º 7 e foi também reproduzida no trabalho em referência (CHAVES, 1915, Fig. 7).

Objectos diversos: Luís Chaves refere, da Vala n.º 2, “uma règuasinha de bronze de lados paralelos, e de secção trapezoidal como as espessas facas de sílex do período neolítico (...)” (CHAVES, 1915, p. 265). Trata-se da peça que se reproduz na Fig. 66, n.º 3. Nas escavações da *villa* romana de Leão (Oeiras), recolheu-se um exemplar idêntico, situável na primeira metade do século I d.C. Corresponde, pois, a produção romana, de finalidade desconhecida, tal como a de uma folha de bronze apontada e incompleta (Fig. 66, n.º 5) e uma peça de ferro, também incompleta, já reproduzida por Félix Alves Pereira, que a atribui, com reservas a uma folha de lança com espigão (PEREIRA, 1915, Fig. 20).

Excluiu-se deste estudo, por estar atribuída ao século IV d.C. na exposição organizada no Museu Nacional de Arqueologia “Religiões da Lusitânia”, onde actualmente se encontra exposta, uma peça recuperada por Luís Chaves na Vala n.º 7 e por ele reproduzida (CHAVES, 1915, Fig. 15). Trata-se de placa moldurada de contorno sub-quadrangular, de bronze, cujas perfurações nos cantos atestam tratar-se de uma aplicação, a qual, ao centro, ostenta uma decoração de características provavelmente fálicas.

4. CONCLUSÕES

O estudo sistemático do importante espólio recolhido no Outeiro da Assenta permitiu as seguintes conclusões de maior vulto:

1 – Trata-se de um importante, rico e diversificado conjunto de materiais arqueológicos, embora desprovidos de contexto, que se mantinham, no essencial, inéditos. Tais espólios resultaram de duas intervenções, ambas sob a égide do então Museu Etnológico Português: a primeira, e mais importante, de Félix Alves Pereira, em 1911; a segunda, menos desenvolvida, de Luís Chaves, em 1913.

As conclusões obtidas evidenciam, uma vez mais, a importância científica das colecções arqueológicas conservadas no Museu Nacional de Arqueologia, as quais, embora na maior parte dos casos se encontrem ali depositadas de há muito, ainda não conheceram, em muitos casos, os estudos que merecem.

2 – Este contributo surge na sequência da estratégia definida desde há vários anos, conducente ao conhecimento de estações pré-históricas da Estremadura e, desde modo, do passado desta rica e diversificada região, com base nas colecções de maior interesse arqueológico, e ainda insuficientemente caracterizadas. Ao estudo produzido em 2001/2002 sobre o espólio da Gruta da Casa da Moura (Óbidos), a primeira gruta pré-histórica explorada em Portugal, cujos espólios se repartem actualmente pelos Museu Nacional de Arqueologia e pelo Museu Geológico, e que se mantinham, cerca de cento e quarenta anos depois da primeira escavação nela efectuada por Nery Delgado, inexplicavelmente inéditos, sucedeu-se a publicação dos materiais do vizinho povoado do Outeiro

de São Mamede (Bombarral), em 2003, com base nos materiais conservados naquela Instituição. A linha condutora deste Projecto encontra-se assegurada: depois da presente publicação, encontra-se já em preparação desenvolvida memória dedicada ao notável acervo recuperado noutra intervenção histórica, a realizada na Gruta da Furninha (Peniche), também por Nery Delgado, em 1865 e 1879, cujo espólio se encontra na segunda das referidas Instituições.

3 – A mais antiga ocupação documentada no Outeiro da Assenta remonta ao Neolítico Antigo evoluído da Estremadura; à falta de datações absolutas, a tipologia dos escassos materiais cerâmicos indica época situável, com maior probabilidade, no primeiro quartel do V milénio a.C. Esta ocorrência tem, pois, acrescido interesse, por vir, por um lado, comprovar a ocupação de sítios destacados na paisagem, logo no Neolítico Antigo, tal como o observado na Baixa Estremadura e, por outro, por vir juntar-se à informação já fornecida pela presença de materiais análogos em grutas naturais da região, com destaque para a Casa da Moura (Óbidos), a Furninha (Peniche) e, um pouco mais longe e para o interior, o abrigo grande das Bocas (Rio Maior).

4 – A presença seguinte remonta ao Calcolítico. Pode admitir-se a existência de uma primeira ocupação, situável na transição do Calcolítico Inicial para o Calcolítico Pleno, tendo em conta a existência da característica decoração canelada e a escassez dos típicos “copos canelados”, mais antigos; a ser assim, esta realidade poderia ter equivalente no povoado da Columbeira, onde foi essa a única presença documentada arqueograficamente.

Seja como for, a tipologia dos materiais cerâmicos indica uma forte ocupação do Calcolítico Pleno, representada pelas decorações do tipo “folha de acácia/crucífera” e motivos associados (reticulados, espinhados e zigue-zagues produzidos pela técnica incisa), provavelmente coevas das escassas produções campaniformes, representadas pelo Grupo internacional, incluindo o vaso “marítimo” de padrão clássico. Esta realidade é acompanhada por um terceiro conjunto cerâmico decorado, com recurso a uma matriz denteada, a qual produziu nuns casos bandas incisas, por arrastamento e, noutros casos, linhas constituídas por impressões punctiformes, iguais à técnica a ponteadado das cerâmicas campaniformes. Ambas as técnicas podem coexistir num único exemplar, apresentando-se as impressões assimétricas, no caso da matriz ter incidido obliquamente à superfície do vaso a decorar.

A realidade descrita tem um forte cunho geográfico, concentrando-se nesta região, como comprova a insistência da ocorrência de produções cerâmicas com estas características, nos povoados do Outeiro de São Mamede e de Pragança, diferenciando-se da situação da verificada no norte do País, onde, embora as decorações de bandas incisas obtidas por matriz sejam comuns no Calcolítico, estas não se encontram associadas a decorações ponteadas. Por outro lado, este tipo de cerâmicas ocorre raramente em áreas mais meridionais, como atestam os escassos exemplares recolhidos nos povoados de Leceia, da Penha Verde e da Rotura, sendo que nos dois últimos apenas foi identificada a variante de bandas “a pente”.

A integração cronológico-cultural destas produções no Calcolítico Pleno é indicada pela distribuição estratigráfica reconhecida em Leceia, onde nenhum dos exemplares se reporta ao Calcolítico Inicial. Com efeito, embora, nalguns casos, se verifique a aplicação destas duas técnicas aos “copos”, forma claramente herdada daquele período, nota-se que a técnica a ponteadado se aplica tanto a recipientes de tipologia pré-campaniforme, como já campaniforme, como é o caso dos esféricos de boca reentrante, como o exemplar identificado no Outeiro de São Mamede.

Note-se que a técnica incisa formando bandas horizontais alternando com espaços abertos – exactamente como se verifica nos vasos “marítimos” – tanto no Norte, como no centro interior do País, acompanha verdadeiros campaniformes, podendo, deste modo, ser uma interpretação local daquele estilo campaniforme primordial.

Na Baixa Estremadura, a adopção pelos oleiros da nova técnica recorrendo a matriz, para a execução de motivos a ponteadado, conduziu ao Grupo campaniforme de Palmela, onde se mesclam formas pré-campaniformes com

a técnica e padrões decorativos já campaniformes. Assim, nesta região mais setentrional da Estremadura, integrando o Outeiro da Assenta, onde a forma mais característica daquele Grupo regional – a taça Palmela – é excepcional, gerou-se um grupo cerâmico com características próprias, que se designará por Grupo do Outeiro da Assenta, por ter sido esta estação que proporcionou a sua individualização, na sequência das considerações apresentadas por J. L. M. Gonçalves sobre este tipo de cerâmica. O Grupo do Outeiro da Assenta é, desta forma, constituído por cerâmicas com formas pré-campaniformes (“copos”, esféricos, taças), com decorações ponteadas e incisas, associadas ou não, mas ambas produzidas pela mesma matriz, estando também presente o vaso “marítimo” e outras produções campaniformes do Grupo Internacional.

Tudo indica que as produções cerâmicas que, no nosso País, serviram para isolar este Grupo, se encontram associadas, por um lado, às primeiras cerâmicas campaniformes correspondendo ao vaso “marítimos” do Grupo internacional e, por outro, às derradeiras produções do Grupo “folha de acácia/crucífera”; que caracteriza o Calcolítico Pleno da Estremadura. Situação idêntica se observou no Outeiro de São Mamede, embora neste as cerâmicas do Grupo “folha de acácia/crucífera” sejam muito mais frequentes, e, em contrapartida, as produções campaniformes do Grupo Internacional sejam muito mais escassas.

Em resumo: o Grupo da Assenta, será coevo do Grupo Internacional e do Grupo regional “folha de acácia/crucífera”, recebendo influências tanto de um como de outro, sem ignorar as influências do Calcolítico do norte e do centro-interior, através das decorações de bandas incisas a pente, o que conduziu a produções originais e com expressão geográfica circunscrita a uma região integrando essencialmente três povoados: Outeiro de São Mamede, Pragança e Outeiro da Assenta (a falta do estudo sistemático e completo das produções cerâmicas do Zambujal impede, por ora outras comparações).

5 – Mercê da posição geográfica que o Outeiro da Assenta detinha à época, sobre um dos braços interiores da lagoa de Óbidos, presentemente completamente assoreado, designado por “Várzea da Rainha”, a componente aquática na alimentação era muito importante, tal como é revelado pela grande quantidade dos restos de ostra identificados, espécie hoje em dia desaparecida da lagoa. A pesca nesta importante massa de água salobra era importante, como se comprova pela ocorrência de pesos de rede tubulares, de cerâmica. Contudo, fica por esclarecer a época destes artefactos: serão calcolíticos, conforme as observações estratigráficas de Félix Alves Pereira? Ou da Idade do Ferro, como sugere a sua ausência em outros povoados calcolíticos ribeirinhos da Estremadura e a ocorrência de exemplares idênticos em estações da Idade do Ferro, como Santa Olaia e Conímbriga, onde peças análogas foram classificadas como contas de colar?

A observação macroscópica dos artefactos de sílex aponta para a existência de dois grupos cromáticos principais, cuja origem deverá ser distinta. O primeiro, possui colorações que vão do branco ao anegrado, passando por várias tonalidades de cinzento e amarelado; o segundo, exhibe colorações acastanhadas a castanho-escuras ou raramente avermelhadas. A origem de, pelo menos, uma parte destas variedades, deverá reportar-se à região de Rio Maior, podendo a outra parte ser originária dos afloramentos calcários mesosóicos que afloram na região, tendo presente ainda as abundantes fontes desta matéria-prima existentes nos calcários recifais cretácicos da Baixa Estremadura.

A economia agro-pastoril calcolítica suportava, tal como na generalidade dos povoados estremenhos da mesma época, o abastecimento trans-regional de matérias-primas consideradas essenciais ao quotidiano das populações sedeadas no topo do Outeiro, como é o caso das rochas anfíbolíticas, cujos afloramentos mais próximos se situam no Alto Alentejo (concelhos de Montemor-o-Novo e Avis), a mais de 150 km de distância, atravessando o Tejo na região de Abrantes. Seria também dali que poderia provir o cobre, sob a forma nativa ou de carbonatos, conforme se verificou no estudo dos artefactos do povoado de Leceia, situado perto do estuário do Tejo, excluída a possibilidade de provir de mais perto, como a área de Matacães (Torres Vedras). No entanto, referências antigas à presença de cobre nativo na região, a par de ocorrências de carbonatos de cobre, susceptíveis de serem explora-

dos na época, conduz a manter em aberto a questão da mineração local ou regional do cobre no decurso do Calcolítico.

A elevada quantidade e importância de peças metálicas no vizinho Outeiro de São Mamede, entre elas lingotes, acompanhados por outros testemunhos (porções de cobre extraídas de machados planos, correspondentes aos gumes, para ulterior transformação em pequenos utensílios), aponta no sentido afirmativo; mas só análises químicas detalhadas, como as efectuadas em Leceia, poderão resolver esta questão.

6 – Para além da obtenção de peças metálicas, que poderiam resultar da simples martelagem de pedaços de cobre, obtidos a partir de lingotes, tal como em muitos outros povoados calcolíticos, estão documentadas actividades transformadoras, como a produção de produtos lácteos (presença de cinchos) e de tecelagem (presença de elementos de tear). Estes últimos abundam, tal como no Outeiro de São Mamede, indicando que, não obstante a fraca extensão da área habitada, se tratava de uma indústria importante, contrastando com a pouca expressão que noutros assumia, apesar da sua muito maior extensão e significado à escala regional, como é o caso de Leceia. Esta constatação comprova a existência de especializações inter-povoados, que reforçariam assim os laços de interacção de base económica entre eles existentes.

Um dos indicadores dessa realidade é fornecido pela cerâmica decorada do grupo “folha de acácia/crucifera”, cuja coerência interna aponta para produções difundidas durante um intervalo de tempo bem determinado, talvez não superior a 300 anos, entre cerca de 2600 e 2300 a.C., desde o estuário do Sado até à latitude do Outeiro da Assenta, que constitui o limite setentrional da sua área de distribuição. A difusão poderia ser efectuada, por hipótese, por via feminina, através da troca de mulheres entre comunidades, abarcando uma faixa litoral que, em linha recta, não ultrapassa 120 km, com um largura máxima de 50 km.

7 – A ocupação mais antiga da Idade do Ferro remonta aos séculos VI/V a.C., a qual evidencia ainda fortes influências orientalizantes, embora já não ocorram materiais característicos daquela fase cultural. Deste modo, é atribuível à transição da I para a II Idade do Ferro Mediterrânica, já que os influxos culturais oriundos daquela região se mantiveram. Esta presença foi breve, face à míngua dos materiais recuperados, decorrendo da própria situação geográfica da estação, que ocupa o topo de um cabeço outrora dominando um braço lagunar em comunicação directa com o oceano, do qual dista apenas cerca de 6 Km. Com efeito, sabe-se que são sítios como este, situados em áreas bem individualizadas no interior dos estuários, que mereceram a preferência como locais de povoamento, no decurso da Idade do Ferro, ao longo do litoral português. No caso do litoral da Estremadura, tais locais são ainda pouco conhecidos, mas a ocorrência, no Outeiro da Assenta, de espólios com nítidas influências orientalizantes, faz supor que outros sítios existam, com idênticas características geomorfológicas, herdadas dos estabelecimentos orientalizantes mais antigos, ou correspondendo a altos isolados, fazendo a transição com as características dominantes dos povoados da III Idade do Ferro existentes na região, sem prejuízo da manutenção do cunho vincadamente mediterrâneo. É o caso do castro do Socorro (Torres Vedras), de onde provém um importante conjunto desta época. As produções cerâmicas, entre elas a cerâmica cinzenta fina, atesta afinidades com a região do estuário do Tejo, onde foram reportadas, em diversos casais agrícolas, aos séculos VI/V a.C. e também com a área do Baixo Mondego, visto terem sido recolhidas em Santa Olaia e em Conímbriga, o que se afigura compatível com a situação geográfica intermédia ocupada pelo Outeiro da Assenta.

8 – O final da Idade do Ferro no litoral estremenho (reportável à III Idade do Ferro mediterrânea, na terminologia de C. Tavares da Silva e colaboradores) encontra-se melhor representado no Outeiro da Assenta. Trata-se de período que abarca os séculos II a I a.C., atingindo a época em que o domínio romano se consolidou na região. Embora a maioria das peças de época romana não tenha sido incluída neste trabalho, pode concluir-se que a

referida presença se efectivou em continuidade com a última fase da Idade do Ferro, ou época proto-romana (ou ainda romana republicana). Esta encontra-se evidenciada por grande quantidade de grandes vasos de armazenamento de trigo, cujos grãos se encontravam incarbonizados, formando uma pasta aderente à superfície interna dos recipientes, fortemente alterada, o que impossibilitou a reconstituição dos mesmos. É possível que estes contentores se encontrassem enterrados sob o solo das habitações, representado por uma camada de barro vermelho. Um deles ostenta uma inscrição em cursivo, muito incompleta.

9 – A diversidade de épocas em que o Outeiro da Assenta foi ocupado, representadas pelos espólios recolhidos e agora publicados, evidencia o interesse que a posição geográfica que ocupa, no litoral da Estremadura, despertou ao longo dos milénios, desde o Neolítico Antigo ao Período Romano, passando pelo Calcolítico, pela Idade do Bronze, e por diversas fases da Idade do Ferro. As explorações de Félix Alves Pereira, parecem terem atingido áreas com camadas mais antigas, tendo dado origem a dois desenvolvidos estudos, enquanto que a intervenção de Luís Chaves, reflectida em artigo mais apressado e superficial, produziu materiais predominantemente mais tardios, já de época romana, como numerosos fragmentos de *terra sigillata*, que não foram incluídos neste estudo.

No conjunto, exploraram-se diversos sectores da encosta do Outeiro, onde se esperava encontrar materiais oriundos da parte mais alta do mesmo, ocupada por uma esplanada investigada sobretudo por Luís Chaves, que nela mandou executar diversas valas afastadas entre si, não distinguindo, porém, os objectos nela recuperadas por épocas, ignorando a estratigrafia, ao contrário do que Félix Alves Pereira procurou fazer.

Por outro lado, não parece que a estação arqueológica esteja esgotada, no que também se discorda de Luís Chaves. Assim sendo, este estudo afigura-se útil, também na perspectiva da realização de novas investigações nesta importante e ainda tão mal conhecida estação arqueológica, em que os signatários estão empenhados, até porque se verificou, em tempos recentes, a realização de várias escavações clandestinas, que importa evitar futuramente.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Luís Raposo, Director do Museu Nacional de Arqueologia, pela autorização concedida para o estudo dos materiais ora publicados, bem como pelas facilidades no acesso da correspondência enviada por Félix Alves Pereira a José Leite de Vasconcelos, relacionada com as escavações realizadas no Outeiro de São Mamede, extensivos também à Dr.^a Lúcia Cristina Coito, responsável pelo arquivo do Museu, pelo seu acolhimento sempre cordial.

Ao Dr. Carlos Tavares da Silva, pela ajuda prestada na análise dos materiais da Idade do Ferro que fazem parte do presente conjunto, cuja tipologia tão bem conhece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÅBERG, N. (1921) – *La civilisation énéolithique dans la Péninsule Ibérique*. Uppsala A.-B. Akedemiska Bochandeln.

ALARCÃO, J. de, coord. (1996) – *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

ARRUDA, A. M. (1999/2000) – *Los Fenícios en Portugal. Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Publicaciones del Laboratorio de Arqueologia de la Universidad Pompeu Fabra de Barcelona (Cuadernos de Arqueologia Mediterránea, 5/6).

- BARROS, L. de (2000) – *O fim do Bronze e a Idade do Ferro no território de Almada*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2 vols.).
- BARROS, L.; CARDOSO, J. L. & SABROSA, A. (1993) – Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz – Almada. *Estudos Orientais*. Lisboa. 4, p. 143-181.
- BAZZANA, A & BEDIA GARCIA, J. (2009) – *Saltés. Un asentamiento islámico en las Marismas del Odiel (siglos IX-XIII)*. Huelva: Duputación Provincial de Huelva (Huelva Arqueológica, 21).
- BOAVENTURA, R. (2001) – *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte). Uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia 20).
- BRANDHERM, D. (2000) – Yunque, martillos y lo demás – herramientas líticas en la producción metalúrgica de las Edades del Cobre y del Bronce. 3.º *Congresso de Arqueologia Peninsular* (Vila Real, 1999). Actas. Porto: ADECAP, 4, p. 243-252.
- BUBNER, M. A. H. P. (1979) – Cerâmica de importação na Estremadura portuguesa. *Ethnos*. Lisboa. 8, p. 31-85.
- CARDOSO, J. L. (1981) – O povoado pré-histórico de Leceia. Estudo da coleção do Escultor Álvaro de Brée. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 91, p. 190-233.
- CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1990) – A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Estudos Orientais*. Lisboa. 1, p. 119-134.
- CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (1994) – Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. Número especial.
- CARDOSO, J. L. (1995 a) – Cerâmicas decoradas a pente, do Calcolítico Pleno de Leceia (Oeiras) e da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 243-249.
- CARDOSO, J. L. (1995 b) – Símbolos sexuais do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 251-261.
- CARDOSO, J. L. (1996) – Pesos de pesca do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 107-119.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado de Leceia (Oeiras), sentinela do Tejo no terceiro milénio a.C.* Lisboa/Oeiras: Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998 a) – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia. (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 89-153.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998 b) – O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 169-187.
- CARDOSO, J. L. (2003) – Ainda sobre os impropriamente chamados “Ídolos de Cornos” do Neolítico Final e do Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste. *Al-madan*. Almada. Série II, 12, p. 77-79.

- CARDOSO, J. L. (2004 a) – Polished stone artefacts at the prehistoric settlement of Leceia (Oeiras). *Madrider Mitteilungen*. Wiesbaden. 45, p. 1-32.
- CARDOSO, J. L. (2004 b) – *A Baixa Estremadura dos finais do IV Milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras 12).
- CARDOSO, J. L. (2006) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 9-276.
- CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (2005) – Um cometa na Pré-História portuguesa. A taça do povoado calcolítico do Outeiro de S. Mamede (Bombarral) e o imaginário colectivo ligado a tais corpos celestes. *Al-madan*. Almada. Série II, 13, p. 36-47.
- CARDOSO, J. L. & CANINAS, J. C. (2008) – Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado. *Colóquio Internacional “Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal – 3500-2000 a.n.e.* (Cascais, 2005). Actas. Cascais: Câmara Municipal de Cascais (no prelo).
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1997/1998) – A ocupação de época púnica da Quinta da Torre (Almada). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 189-217.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (2003) – O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 97-228.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHOSA, A. de Barros e (1995) – Estudos petrográficos de artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Análises de proveniências. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 123-151.
- CARDOSO, J. L. & FERREIRA, O. da Veiga (1990) – Três suportes de lareira da Penha Verde (Sintra). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 1, p. 5-12.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. Monge (1990/1992) – Cronologia absoluta para o Campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8/10, p. 203-228.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. & FERREIRA, O. da Veiga (1996) – Novos elementos para o estudo do Neolítico Antigo da região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 9-26.
- CARREIRA, J. R. (1996 a) – As ocupações das Idades do Cobre e do Bronze da Lapa da Bugalheira (Torres Novas). *Nova Augusta*. Torres Novas. 10, p. 91-112.
- CARREIRA, J. R. (1996 b) – Materiais da Idade do Bronze da gruta da nascente do Almonda (Torres Novas). *Nova Augusta*. Torres Novas. 10, p. 113-123.
- CARREIRA, J. R. (1998) – A ocupação da Pré-História recente do Alto de Chibanês (Palmela), Setúbal. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 3 / 4, p. 123-213.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001/2002) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361.
- CARTAILHAC, E. (1886) – *Les âges préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*. Paris : Ch. Reinwald.
- CARVALHO, A. F.; BRAGANÇA, F.; NETO, F. & JUSTINO, L. (1999) – O sítio da Idade do Bronze “Pleno” do Casal da Torre (Assentiz, Torres Novas). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 5, p. 51-62.

- CASTILLO, A. del (1928) – *La Cultura del Vaso Campaniforme (su origen y extensión en Europa)*. Barcelona: Universidad de Barcelona.
- CHAVES, L. (1915) – Segunda exploração arqueológica do Outeiro da Assenta (Termo de Óbidos). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 20, p. 258-271.
- CORREIA, V. (1914) – Os pesos de tear. *Águia*. Porto. Separata, 8 p.
- CORREIA, V. (1916) – Conimbriga. A camada pré-romana da cidade (notas de uma exploração de dez dias em Condeixa-a-Velha). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 21, p. 252-264.
- CORREIA, V. H. (1993) – Os materiais pré-romanos de Conímbriga e a presença fenícia no baixo vale do Mondego. *Estudos Orientais*. Lisboa. 4, p. 229-283.
- CUNHA, A. Leite da & CARDOSO, J. L. (2002/2003) – A anta do Penedo Gordo (Belver, Gavião). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 10/11, p. 31-53.
- DELGADO, J.F. Nery (1884) – La grotte de Furninha a Peniche. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques (Lisboa, 1880)*. *Compte-Rendu de la neuvième session*. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, p. 207-278.
- DINIZ, M. (1994) – Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 34 (3/4), p. 133-149.
- FERREIRA, O. da Veiga (1970) – La metallurgie primitive au Portugal pendant l'époque chalcolithique. *VI Congreso Internacional de Minería (Leon, 1970)*. Actas. 1, p. 99-116.
- FERREIRA, O. da Veiga & SILVA, C. Tavares da (1970). A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar. *I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1969)*. Actas. Lisboa. 1, p. 203-225.
- FERREIRA, O. da Veiga; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T. & SOUSA, H. Reynolds de (1975) – Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 59, p. 107-192.
- GARCIA, F. (1946) – *Minas concedidas no continente desde Agosto de 1836 a Junho de 1946*. Lisboa: Ministério da Economia-Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos.
- GOMES, J. P. (1896/1898) – Mineraes descobertos em Portugal. *Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal*. Lisboa. 3, p. 199-209.
- GOMES, M. V. (1991) – Corniformes e figuras associadas de dois santuários rupestres do sul de Portugal. Cronologia e interpretação. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 9, p. 17-74.
- GOMES, J. J. F. & DOMINGOS, J. B. B. (1983) – A “xorca” da serra das Ripas (Alenquer). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 1, p.287-300.
- GONÇALVES, J. L. M. (1990/1992) – As grutas da serra de Montejunto (Cadaval). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8/10, p. 41-201.
- GONÇALVES, J. L. M. (1991) – Cerâmica calcolítica da Estremadura. *IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1990)*. Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 215-226.

- GONÇALVES, J. L. M. (1994 a) – “Ídolos de cornos” e suportes de lareira do castro de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). *V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1993)*. Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2, p. 147-162.
- GONÇALVES, J. L. M. (1994 b) – Castro da Columbeira uma primeira fase do Calcolítico médio estremenho? *Al-madan*. Almada. Série II, 3, p. 5-7.
- GONÇALVES, V. S. (1971) – *O castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- GONÇALVES, V. S.; CARVALHO, A. & POMBAL, S. (2003) – A ocupação pré-histórica da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (2), p. 109-142.
- JORGE, S. Oliveira (1986) – *Povoados da Pré-História recente da região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar*. Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, 2 vol.. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto.
- KUNST, M. (1987) – *Zambujal. Glockenbecher und kerblattverzierte keramik aus den Grabungen 1964 bis 1973*. Mainz-am-Rhein: Verlag Philipp von Zabern (Deutsches Archäologisches Institut Madrid. Madrider Beiträge Band 5).
- LILLIOS, K. (1993) – Agroal and the Early Bronze Age of the portuguese lowlands. *1.º Congresso de Arqueologia Peninsular* (Porto, 1993). Actas. Porto: SPAE, 2, p. 261-291.
- MACHADO, J. L. Saavedra (1965) – *Subsídios para a história do Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos*. Lisboa: Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos.
- MÜLLER, R. & CARDOSO, J. L. (2008) – The origin and use of copper at the chalcolithic fortification of Leceia (Oeiras, Portugal). *Madrider Mitteilungen*. Wiesbaden. 49, p. 64-93.
- PAÇO, A. do (1940) – Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro. *Congresso do Mundo Português*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários. 1, p. 235-251 (Memórias e comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História – I Congresso).
- PAÇO, A. do (1955) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. VII. Considerações sobre o problema da metalurgia. *Zephyrus*. Salamanca. 6, p. 27-40.
- PAÇO, A. do (1966) – Castelo da Pedra de Ouro. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 16, p. 117-152.
- PAÇO, A. do; VAULTIER, M. & ZBYSZEWSKI, G. (1947) – Gruta da nascente do rio Almonda. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 11, (1/2), p. 171-187.
- PAIXÃO, A. Cavaleiro (1983) – Uma nova sepultura com escaravelho da necrópole proto-histórica do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 1, p. 273-286.
- PEREIRA, F. A. (1914) – Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 19, p. 135-146.
- PEREIRA, F. A. (1915) – Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 20, p. 107-155.
- PINTO, C. V. & PARREIRA, R. (1978) – Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro inicial a norte do estuário do Tejo. *III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1977)*. Actas. 1, p. 147-163.

- PONTE, S. da (2006) – *Corpus signorum das fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- RIBEIRO; C. (1880) – *Notícia de algumas estações e monuments prehistoricos. II – Monumentos megalithicos das visinhanças de Bellas*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa 86 p.
- ROCHA, A. dos Santos (1905/1908) – Estações pré-históricas da Idade do Ferro nas visinhanças da Figueira. *Portvgalia*. Porto. 2, p. 301-359.
- SILVA, C. Tavares da (1971) – O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica. *II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Actas. Coimbra: Junta Nacional da Educação, 1, p. 175-192.
- SILVA, C. Tavares da (2001) – A Idade do Ferro na região do Baixo Sado. Contribuições recentes. *Arqueologia e História Regional da península de Setúbal* (M. J. F. TAVARES, A. A. TAVARES & J. L. CARDOSO, org.). Lisboa: Universidade Aberta, p. 79 –100 (Discursos, número especial).
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (Colecção Parques Naturais, 15).
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. I – Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 29-79.
- SILVA, C. Tavares da; SOARES, J.; BEIRÃO, C. de Mello; DIAS, L. F.; & COELHO-SOARES, A. (1980/1981) – Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6/7, p. 141-218.
- SOARES, J. (2001) – O povoado pré-histórico da Ponta da Passadeira: economia ribeirinha dos IV/III milénios a.C. *Arqueologia e História Regional da península de Setúbal* (M. J. F. TAVARES, A. A. TAVARES & J. L. CARDOSO, org.). Lisboa: Universidade Aberta, p. 101-127 (Discursos, número especial).
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1973) – Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal). *II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1972)*. Lisboa. Actas. 1, p. 245-306.
- THADEU, D. (1965) – *Carta Mineira de Portugal na escala de 1/500 000. Notícia explicativa*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- VALERA, A. C. (1999) – O habitat pré-histórico de Linhares (Santa Comba Dão – Viseu). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 5, p. 51-62.
- VALERA, A. C.; TERESO, J. P. & REBUGE, J. (2006) – O Monte da Quinta 2 (Benavente) e a produção de sal no Neolítico Final/Calcolítico do estuário do Tejo. *IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 2004)*. Actas. Faro: Universidade do Algarve, 4, p. 291-305.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1915) – *História do Museu Etnológico Português (1893-1914)*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1922) – Encabamento de instrumentos de pedra prehistoricos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Lisboa. 22, p. 288-298.
- VILAÇA, R. (2008) – *Através das Beiras. Pré-História e Proto-História*. Coimbra: Palimage/Terra Ocre-edições.
- ZBYSZEWSKI, G. & ALMEIDA, F. Moitinho de (1960) – *Carta geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da Folha 26-D (Caldas da Rainha)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1958) – Estação pré-histórica da Penha Verde. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 37-57.

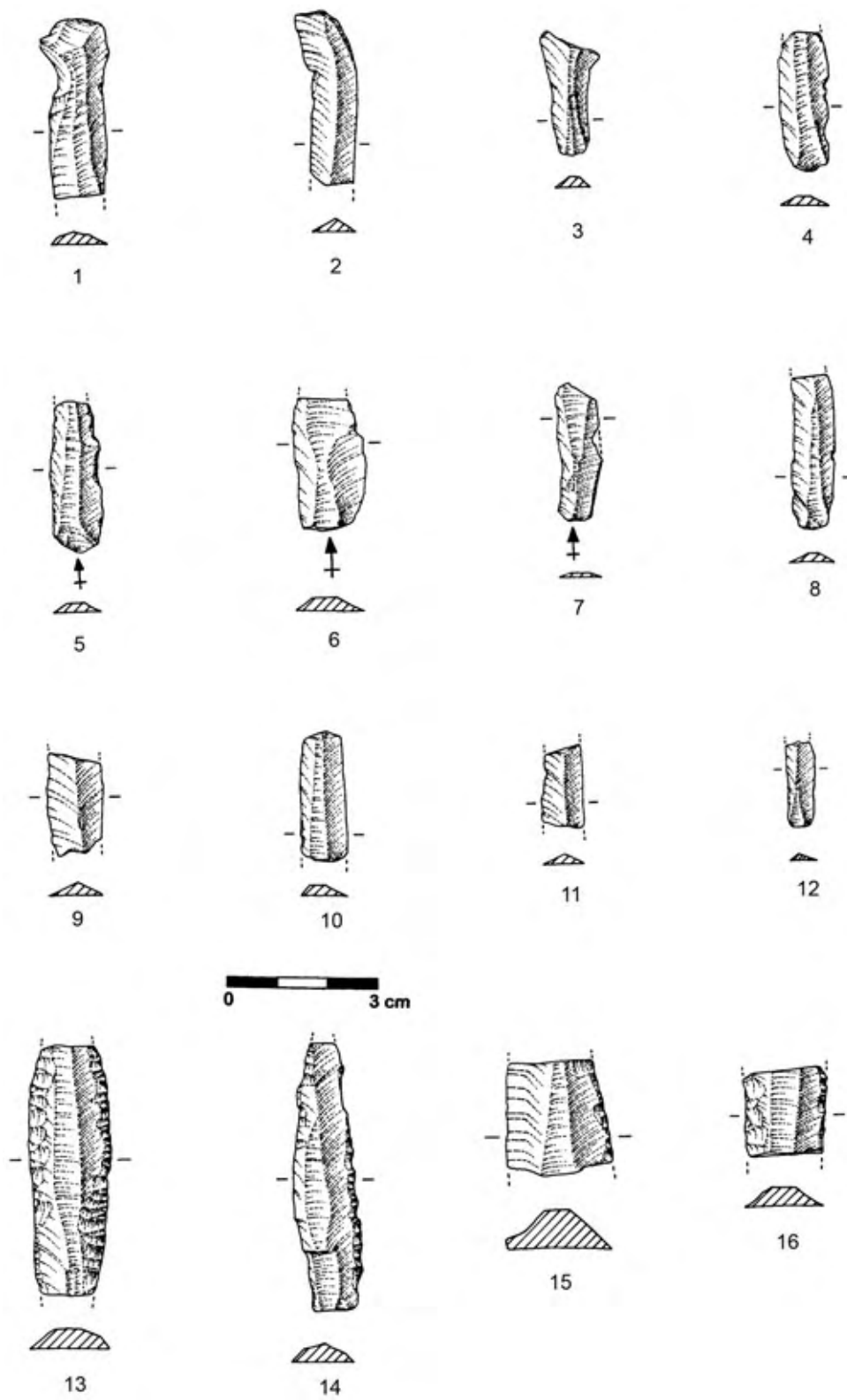


Fig. 7 - Outeiro da Assenta. Indústria de pedra lascada: lamelas não retocadas e lâminas retocadas, de sílex.

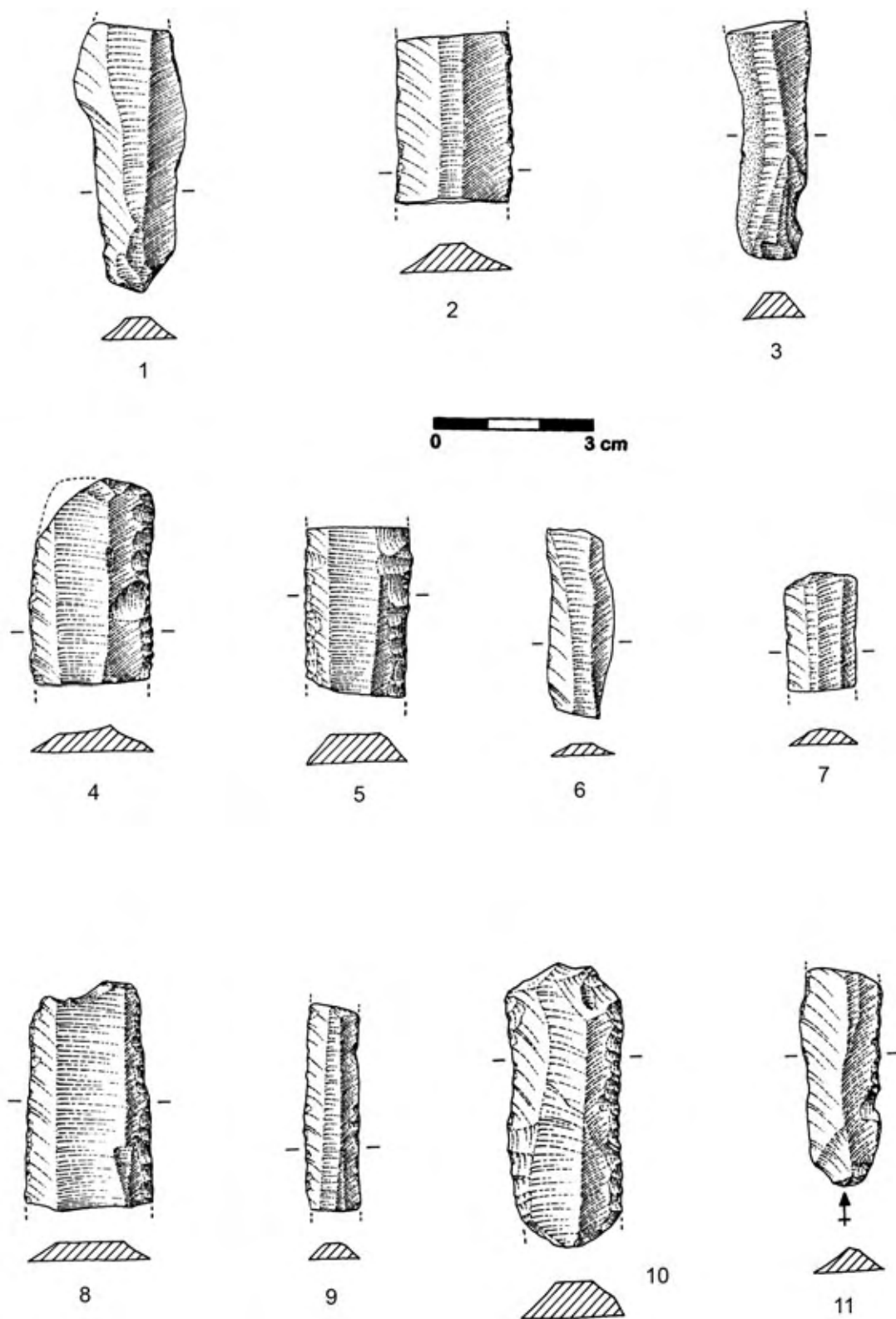


Fig. 8 - Outeiro da Assenta. Lâminas retocadas e não retocadas, de sílex, uma com a frente transformada em raspadeira.

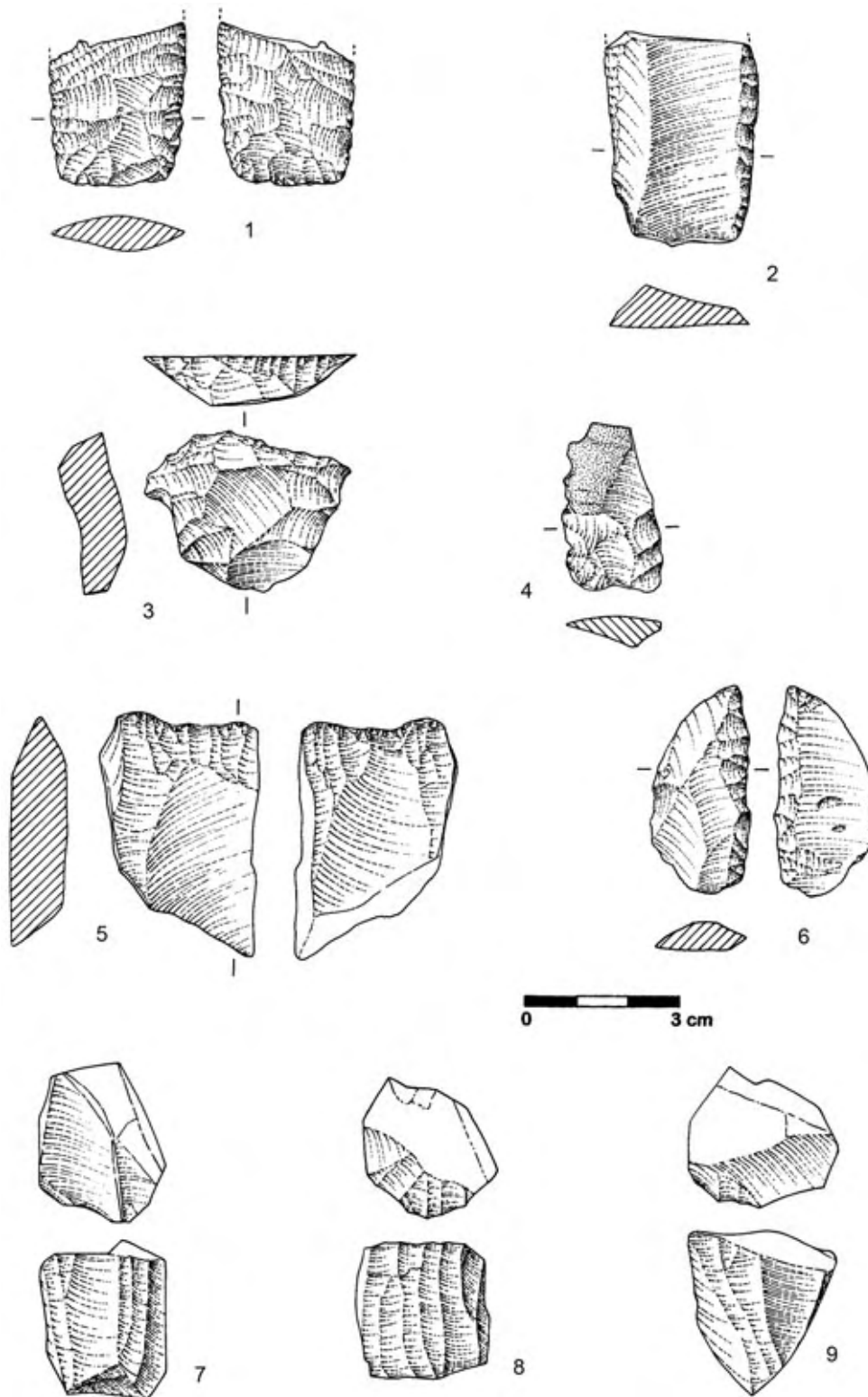


Fig. 9 – Outeiro da Assenta. Lâmina elipsoidal de trabalho bifacial (“foicinha”), raspadores, denticulados e núcleos prismáticos de lamelas, de sílex.

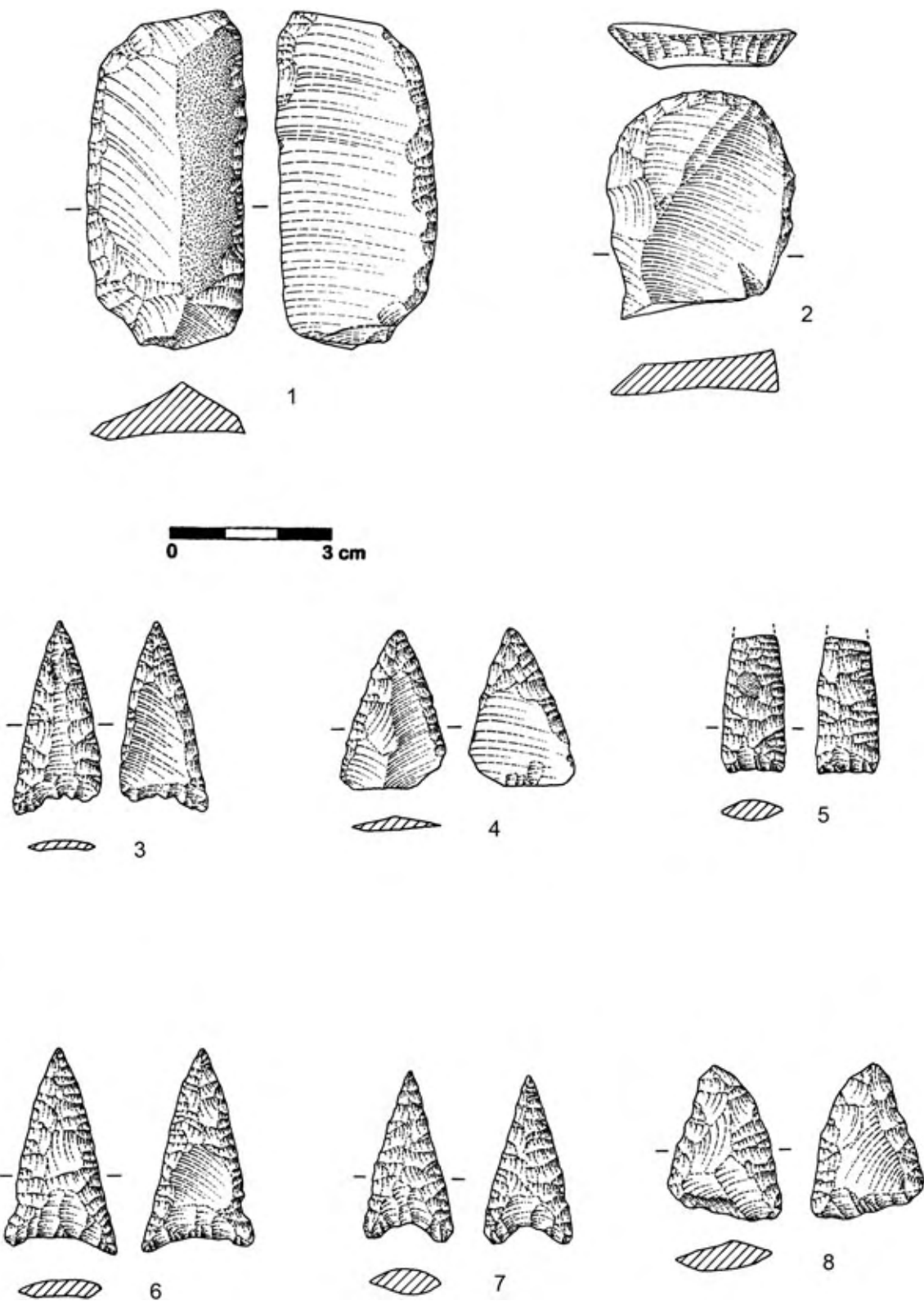


Fig. 10 - Outeiro da Assenta. Lasca retocada ("foicinha"), raspadeira sobre lasca e pontas de seta, de sílex.

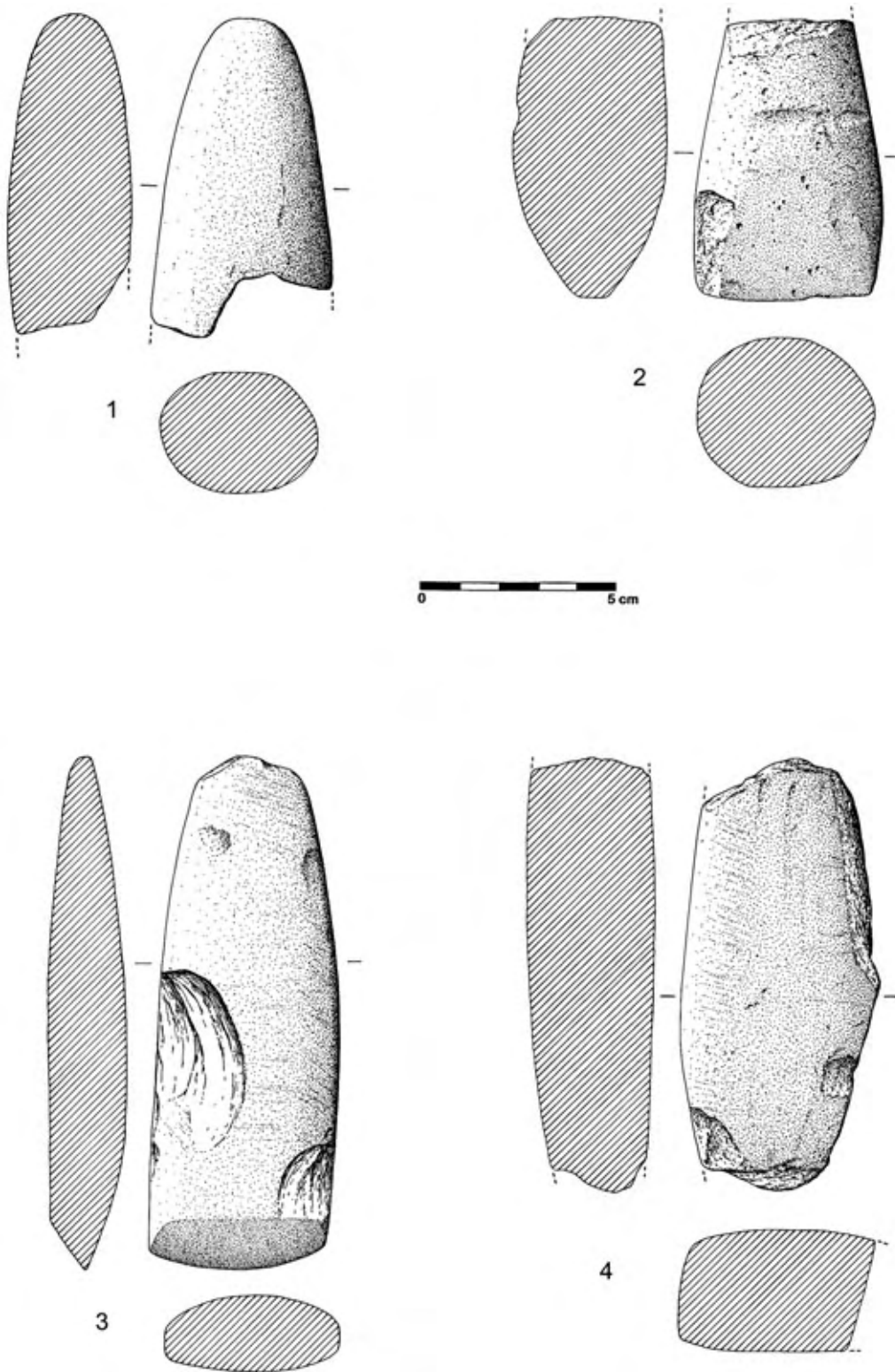


Fig. 11 – Outeiro da Assenta. Machados e enxós, de anfíbolito e de diversas rochas ígneas ou metassedimentares. O n.º 2 possui sulco numa das faces para facilitar o encabamento.

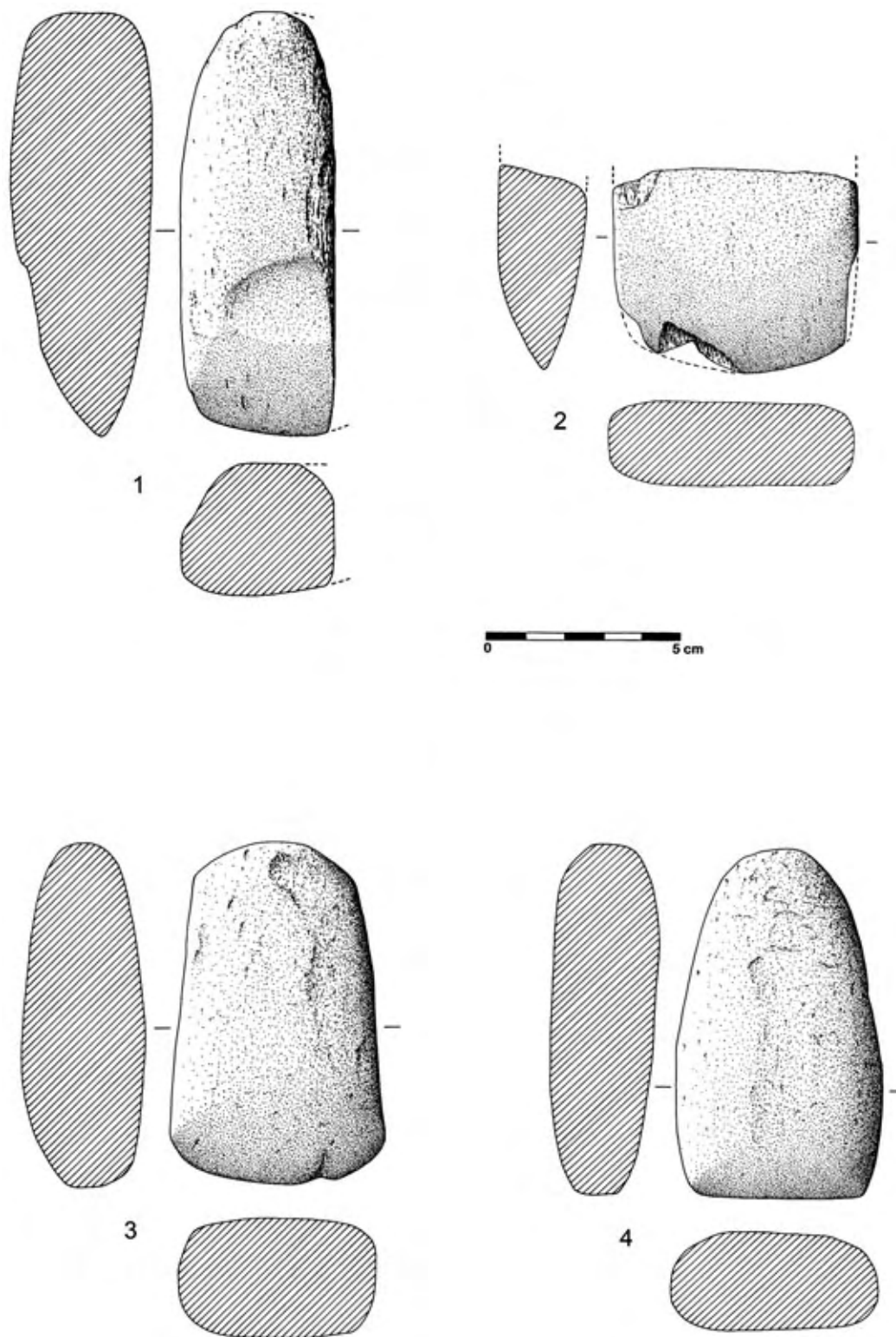


Fig. 12 – Outeiro da Assenta. Machados, enxós e martelos, de anfíbrito e de diversas rochas ígneas ou metassedimentares. O n.º 1 possui sulco numa das faces para facilitar o encabamento.

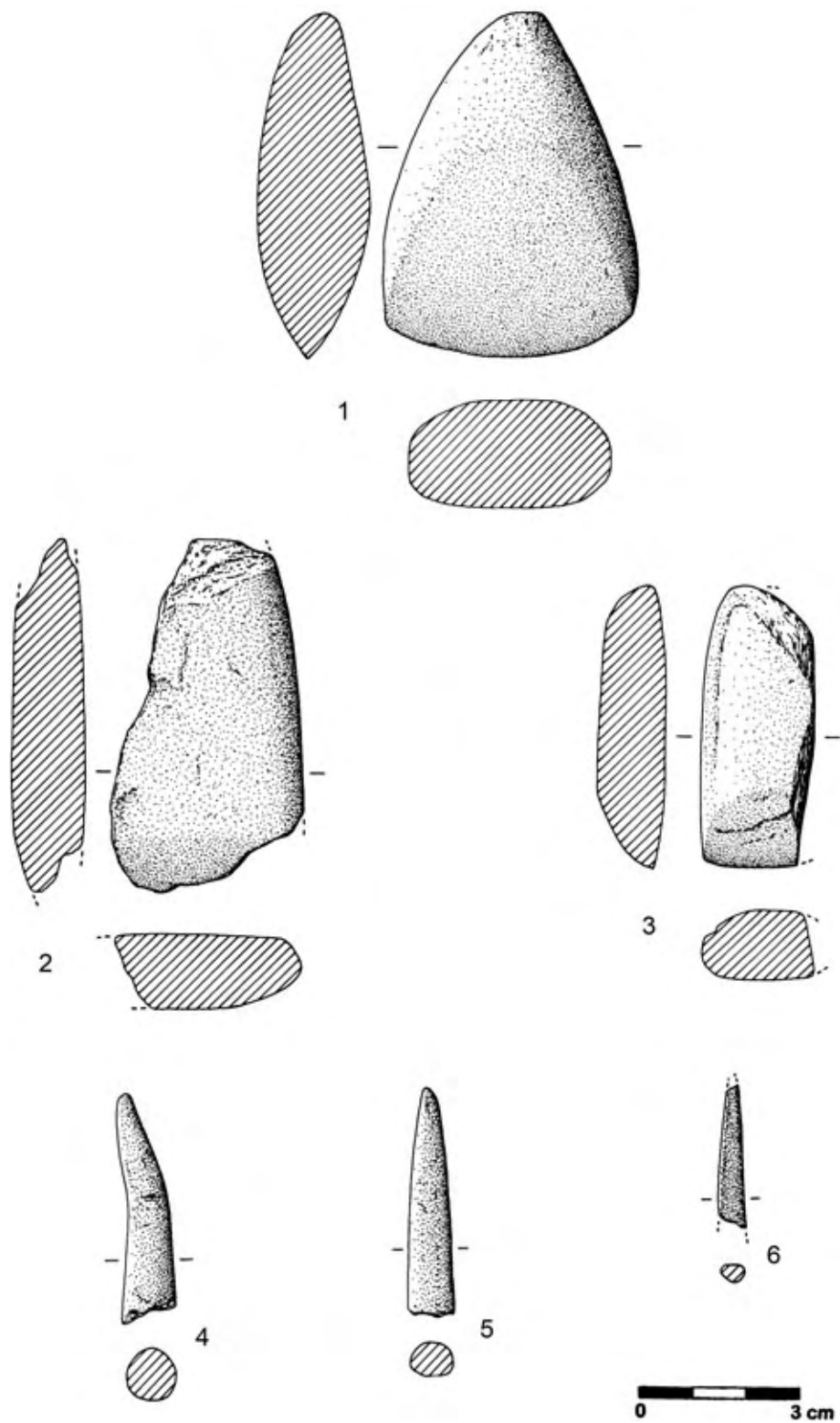


Fig. 13 – Outeiro da Assenta. Machados e enxós (1 a 3), de anfíbolito e de diversas rochas ígneas ou metassedimentares e ossos afeixoados (4 a 6).

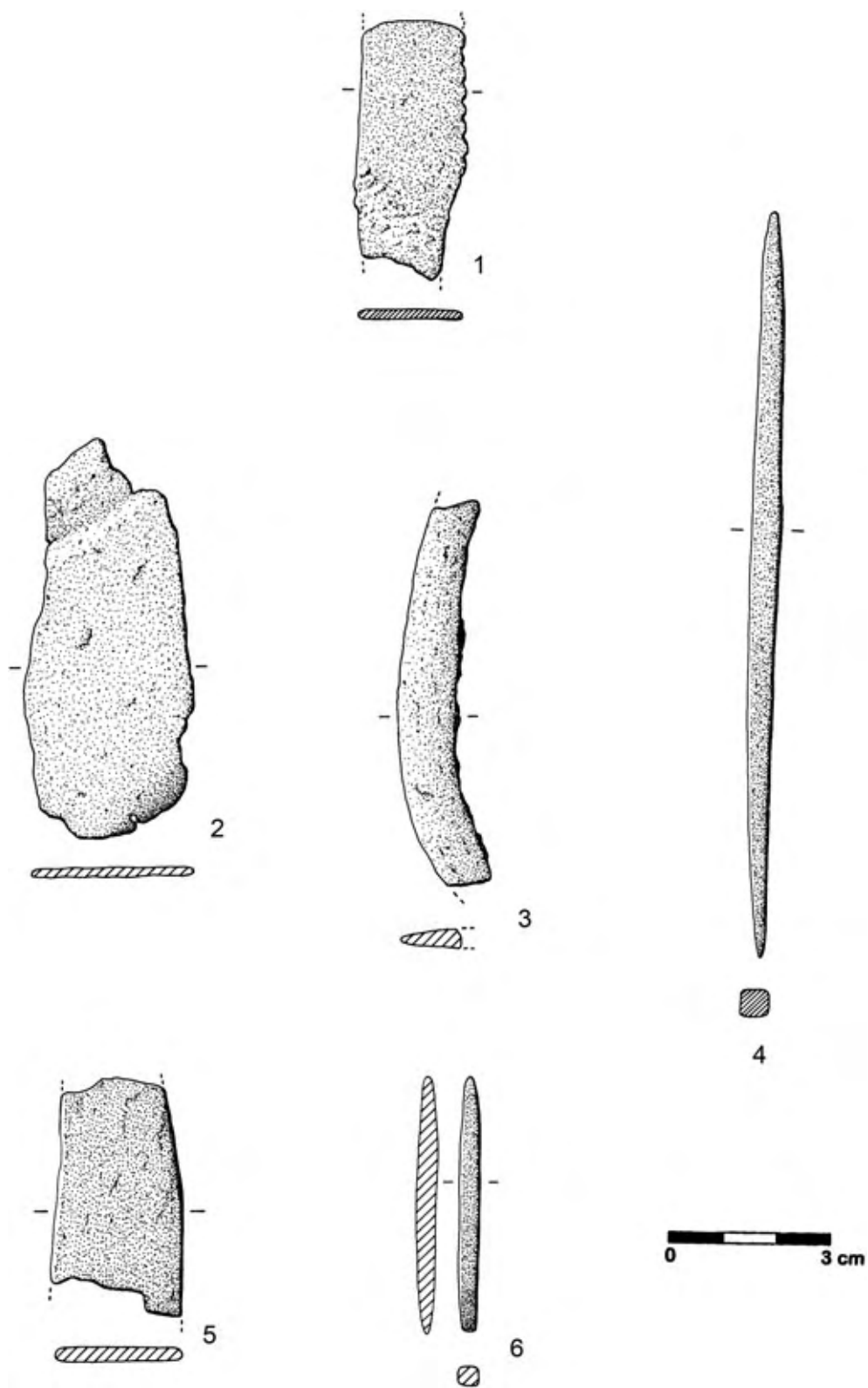


Fig. 14 - Outeiro da Assenta. Indústrias metálicas, de cobre, do Calcolítico.

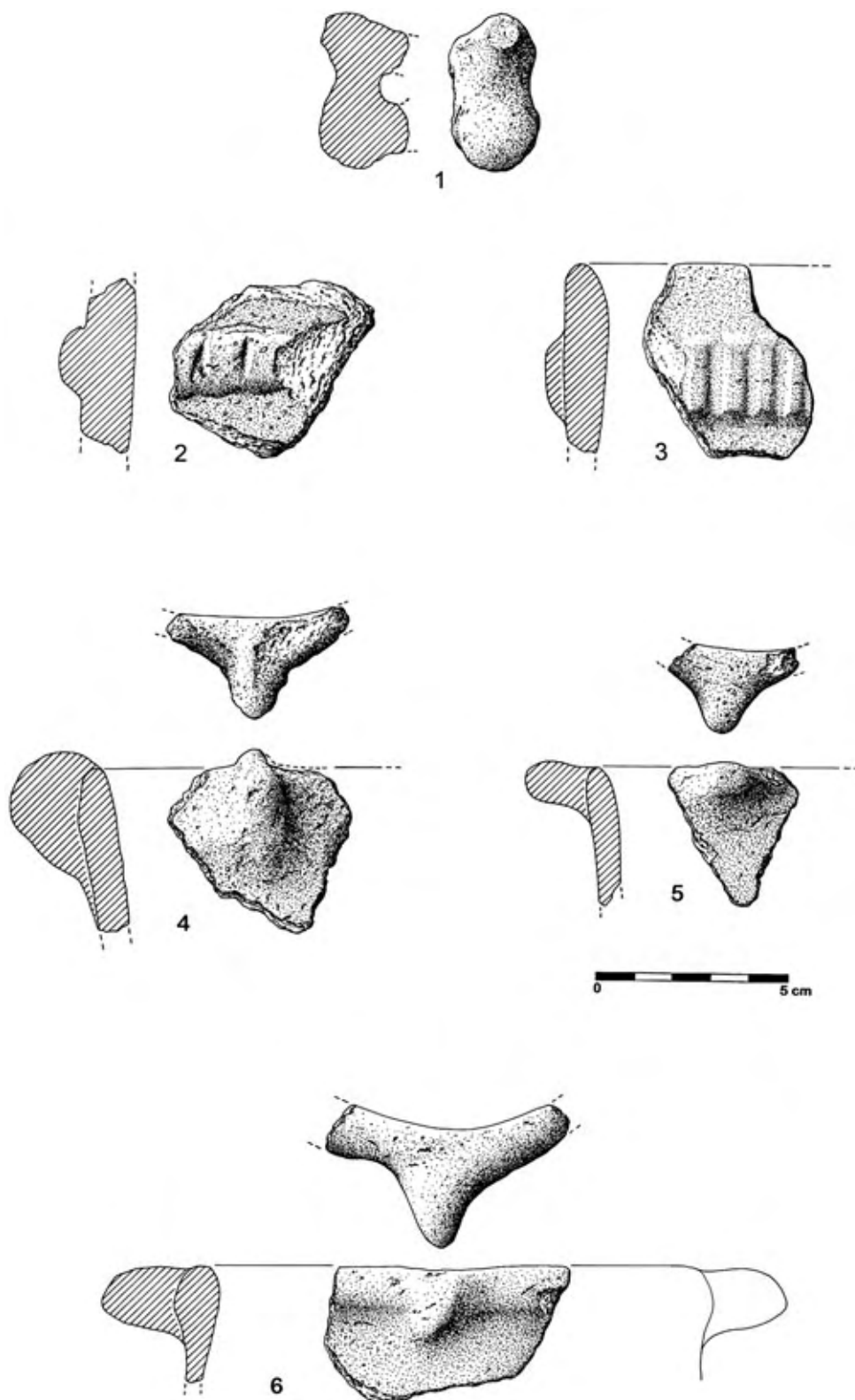


Fig. 15 - Outeiro da Assenta. Cerâmicas decoradas ou lisas com motivos coroplásticos, atribuíveis ao Neolítico Antigo.

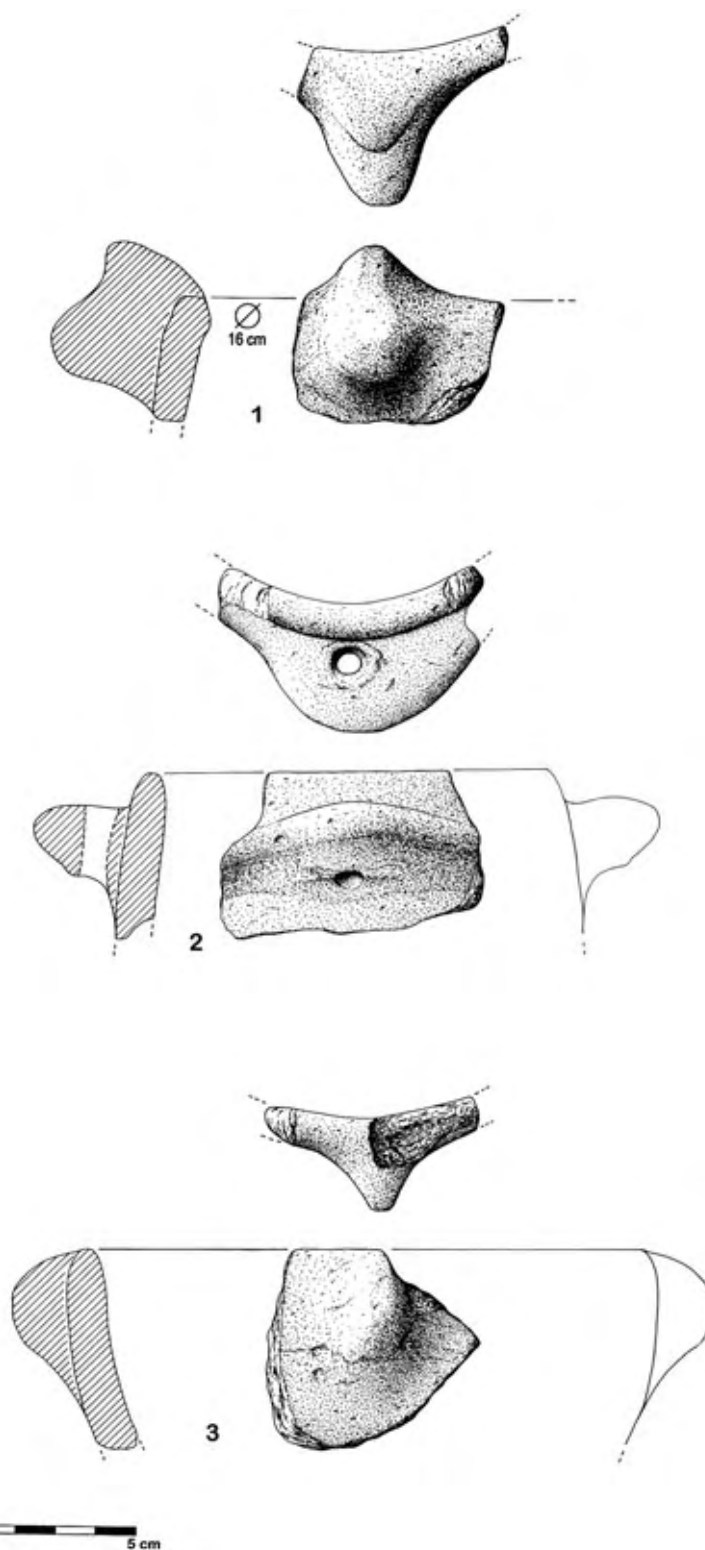


Fig. 16 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas lisas com motivos coroplásticos, ou elementos de suspensão, atribuíveis ao Neolítico Antigo.

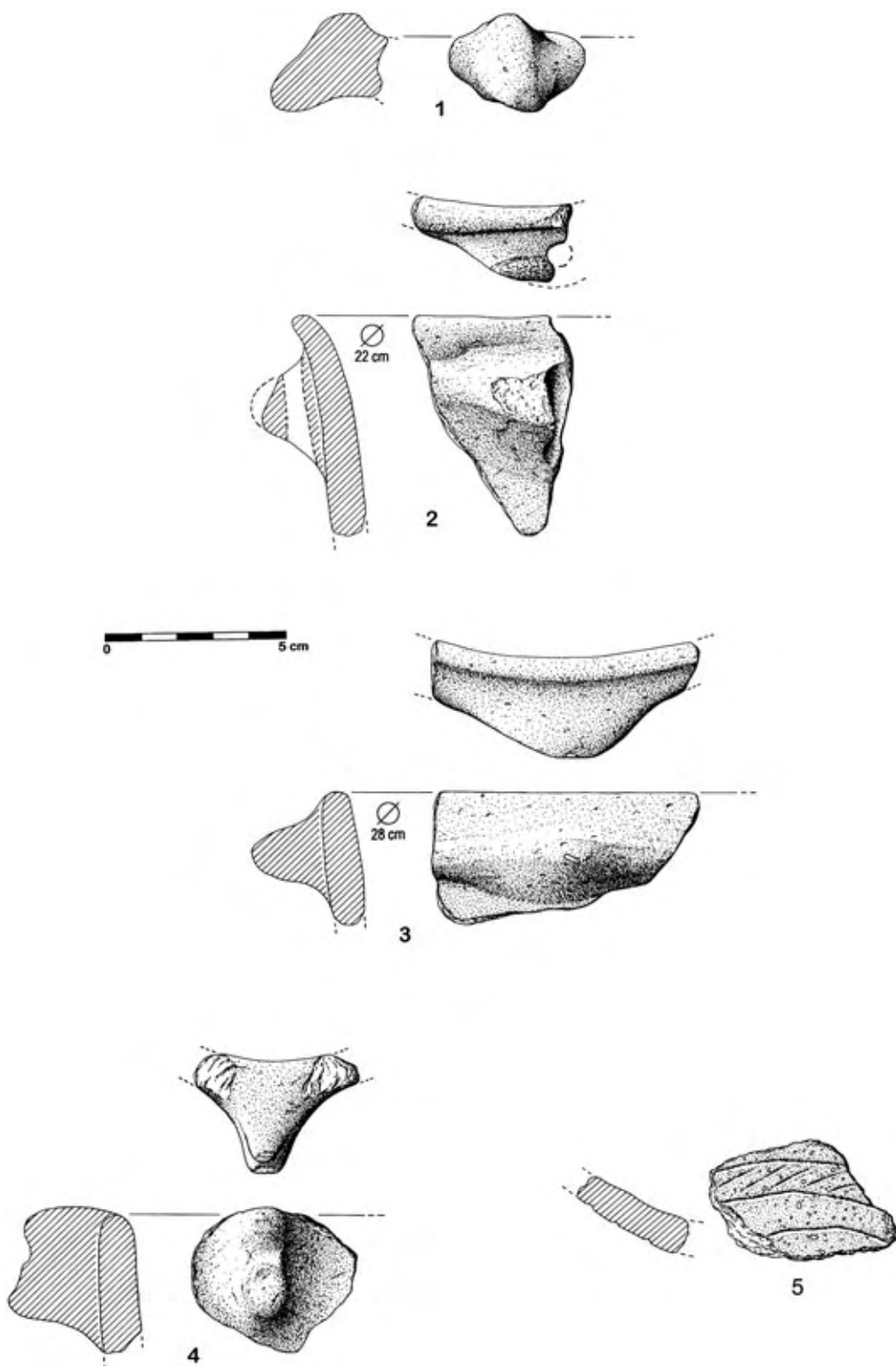


Fig. 17 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas decoradas, lisas, com motivos coroplásticos, ou com elementos de suspensão, atribuíveis ao Neolítico Antigo.

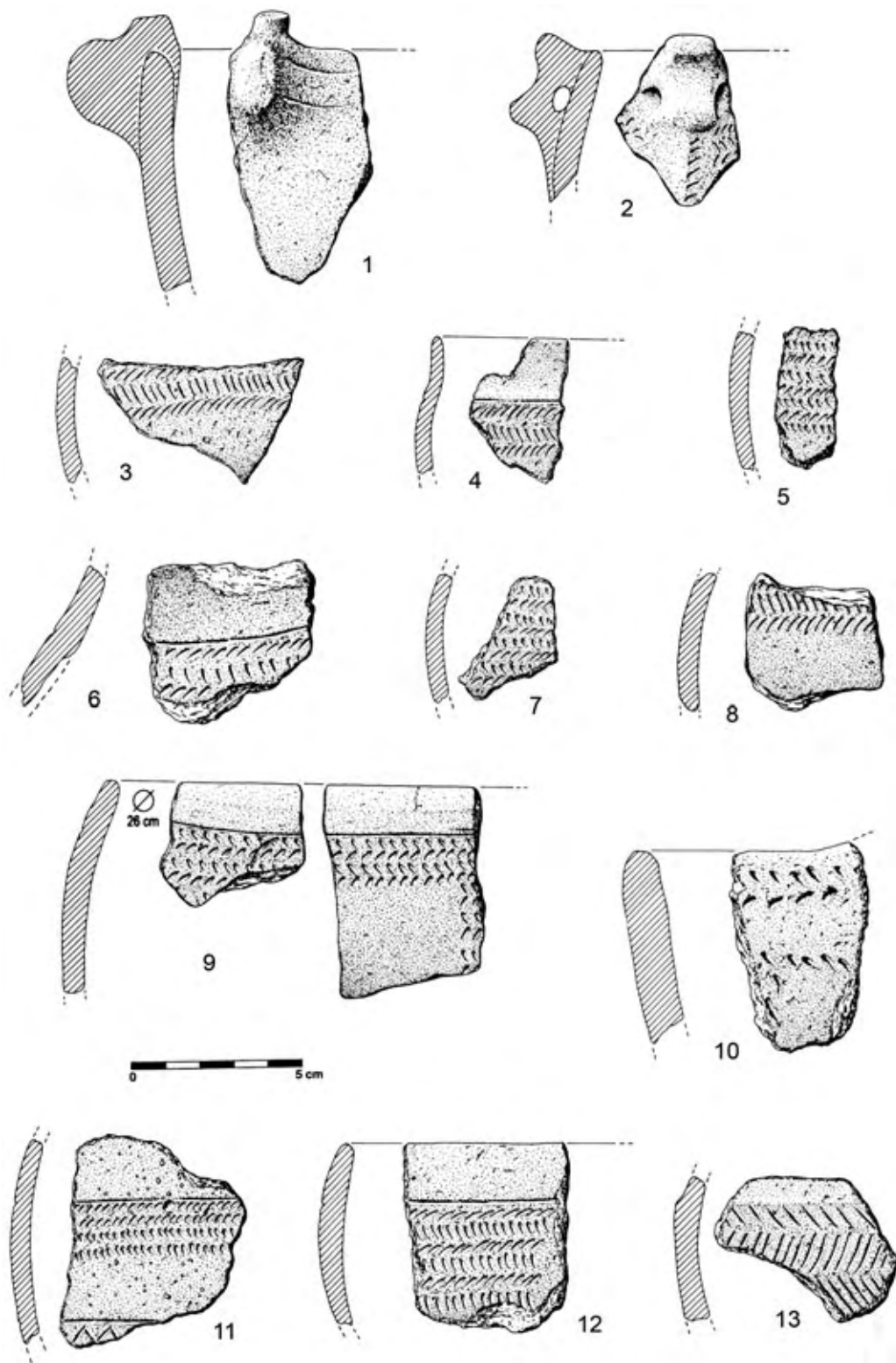


Fig. 18 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas decoradas, atribuíveis ao Neolítico Antigo (ou nalguns casos, eventualmente, a épocas ulteriores).

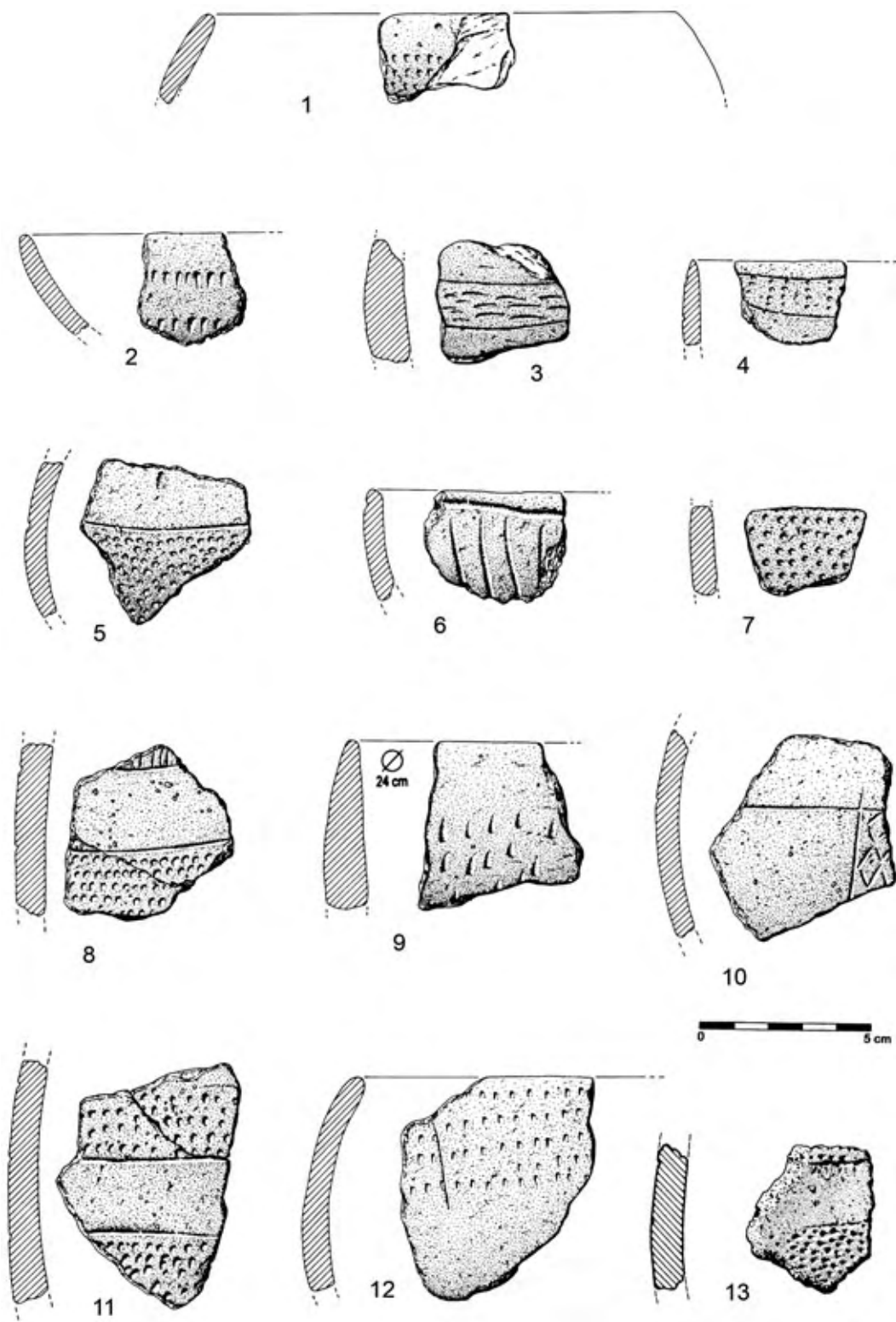


Fig. 19 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas decoradas, atribuíveis ao Neolítico Antigo (ou nalguns casos, eventualmente, a épocas ulteriores).

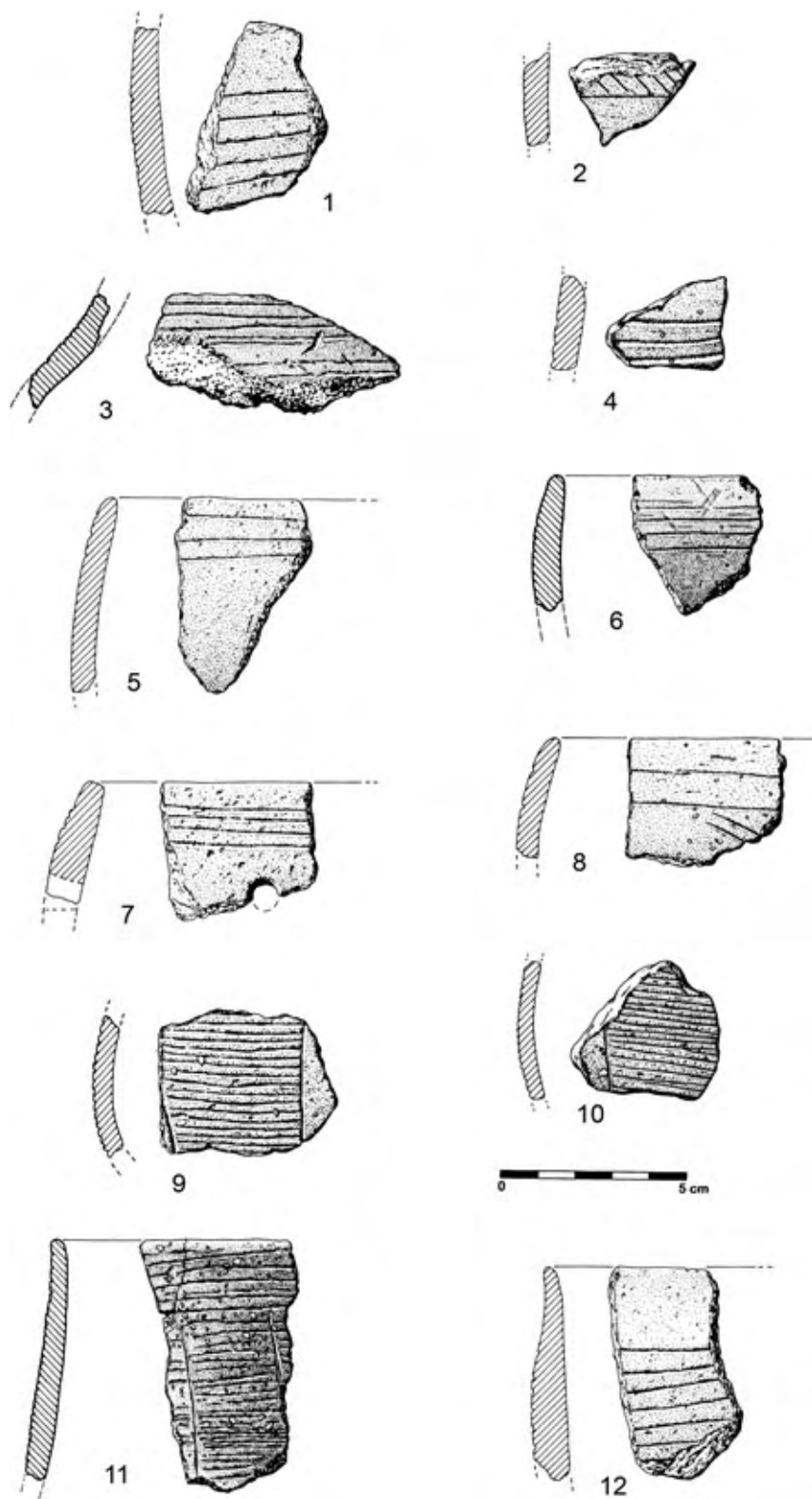


Fig. 20 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas decoradas atribuíveis globalmente ao Calcolítico Inicial da Estremadura.

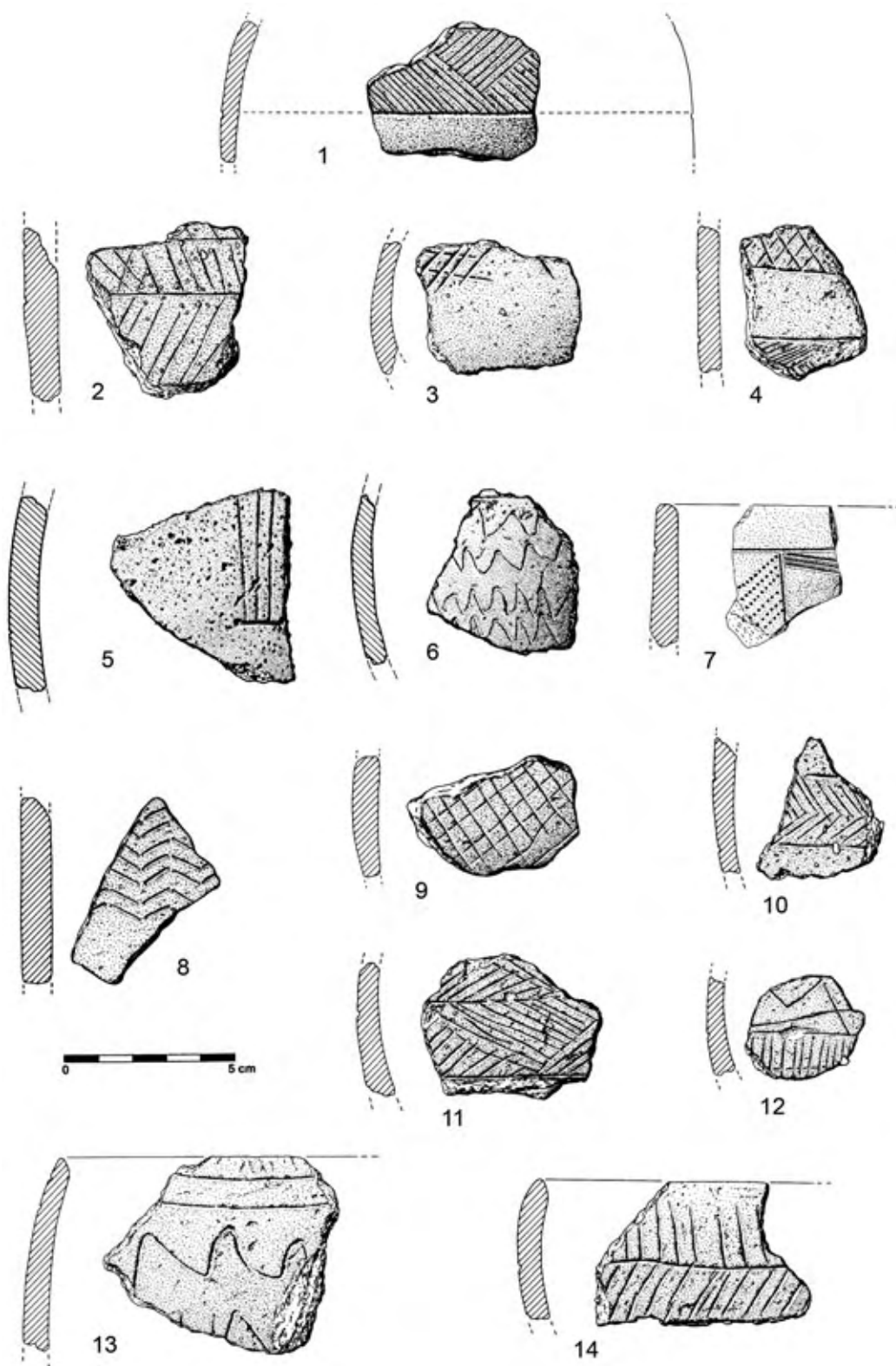


Fig. 21 - Outeiro da Assenta. Cerâmicas decoradas atribuíveis globalmente ao Calcolítico Inicial da Estremadura.

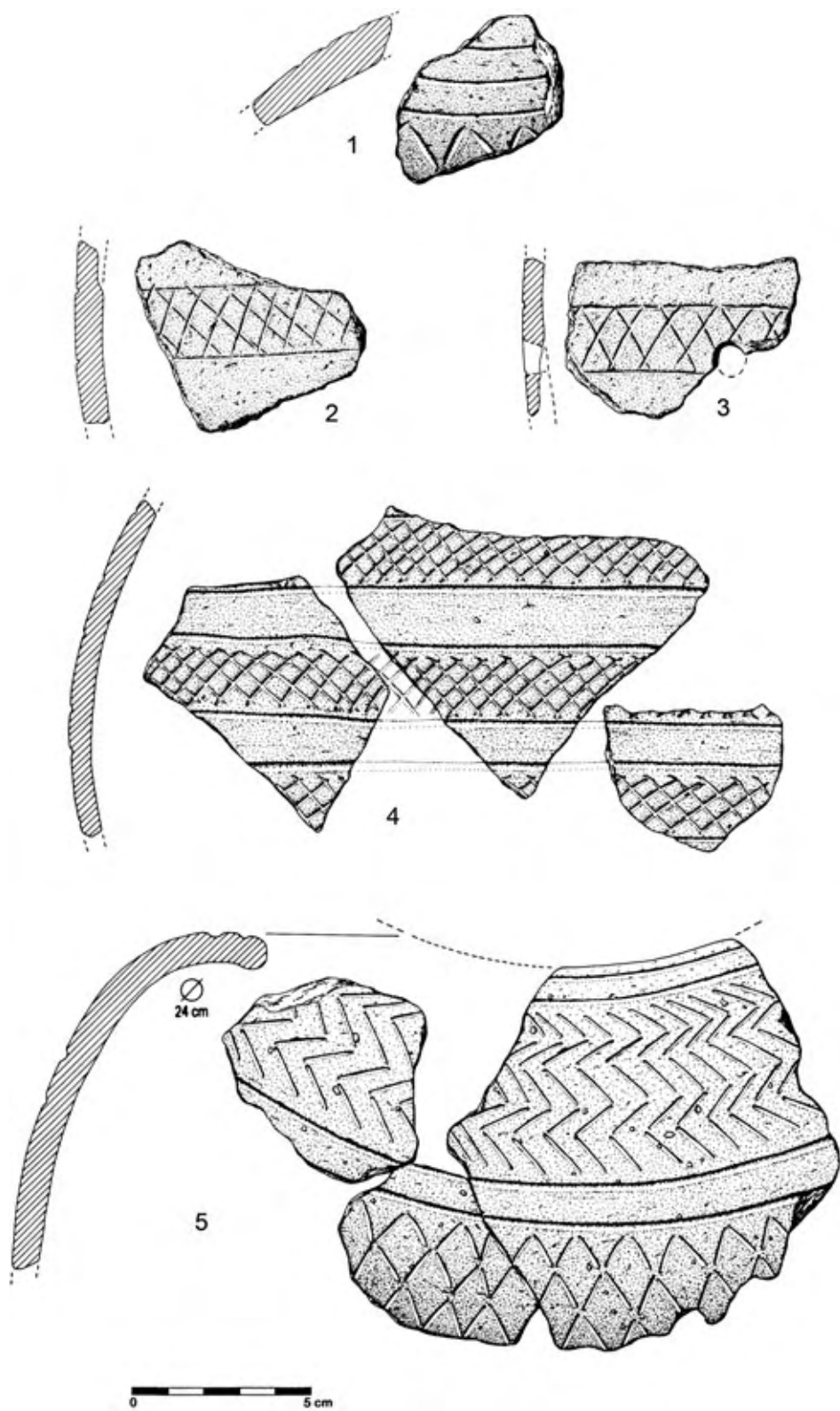


Fig. 22 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas decoradas atribuíveis ao Calcolítico Pleno da Estremadura.

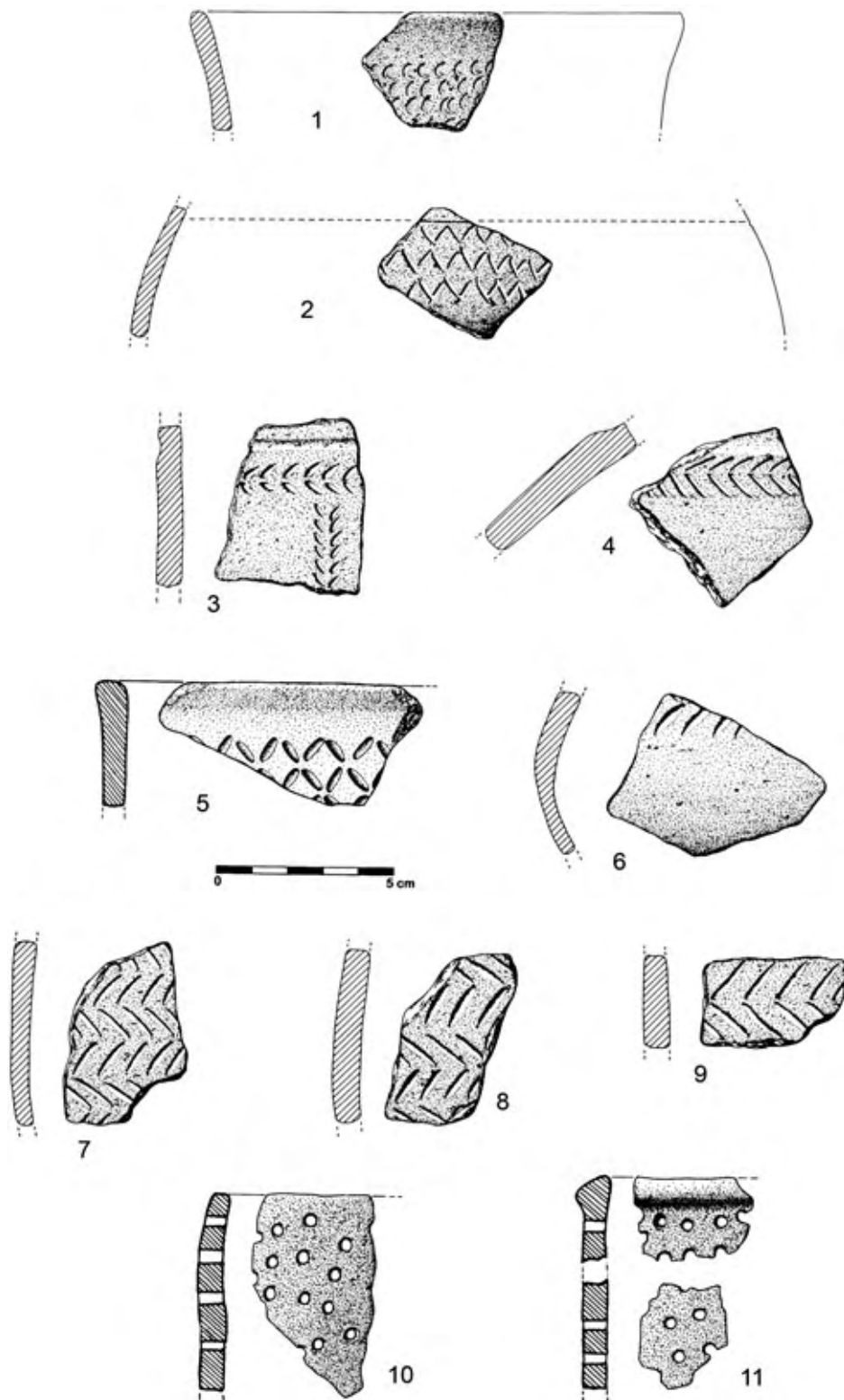
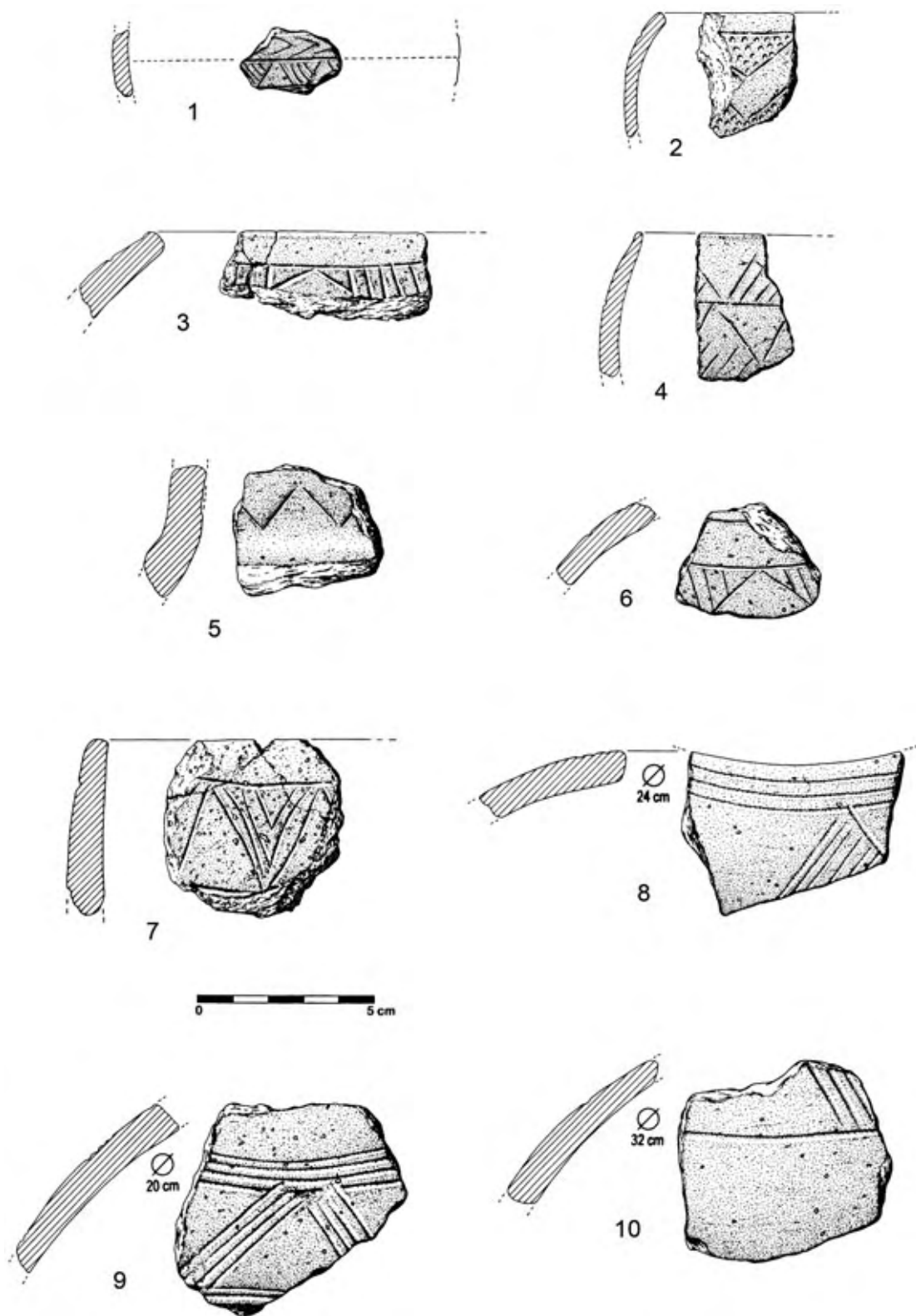


Fig. 23 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas decoradas atribuíveis ao Calcolítico Pleno da Estremadura (1 a 9) e fragmentos de cinchos relacionados com o fabrico de lacticínios (10, 11).



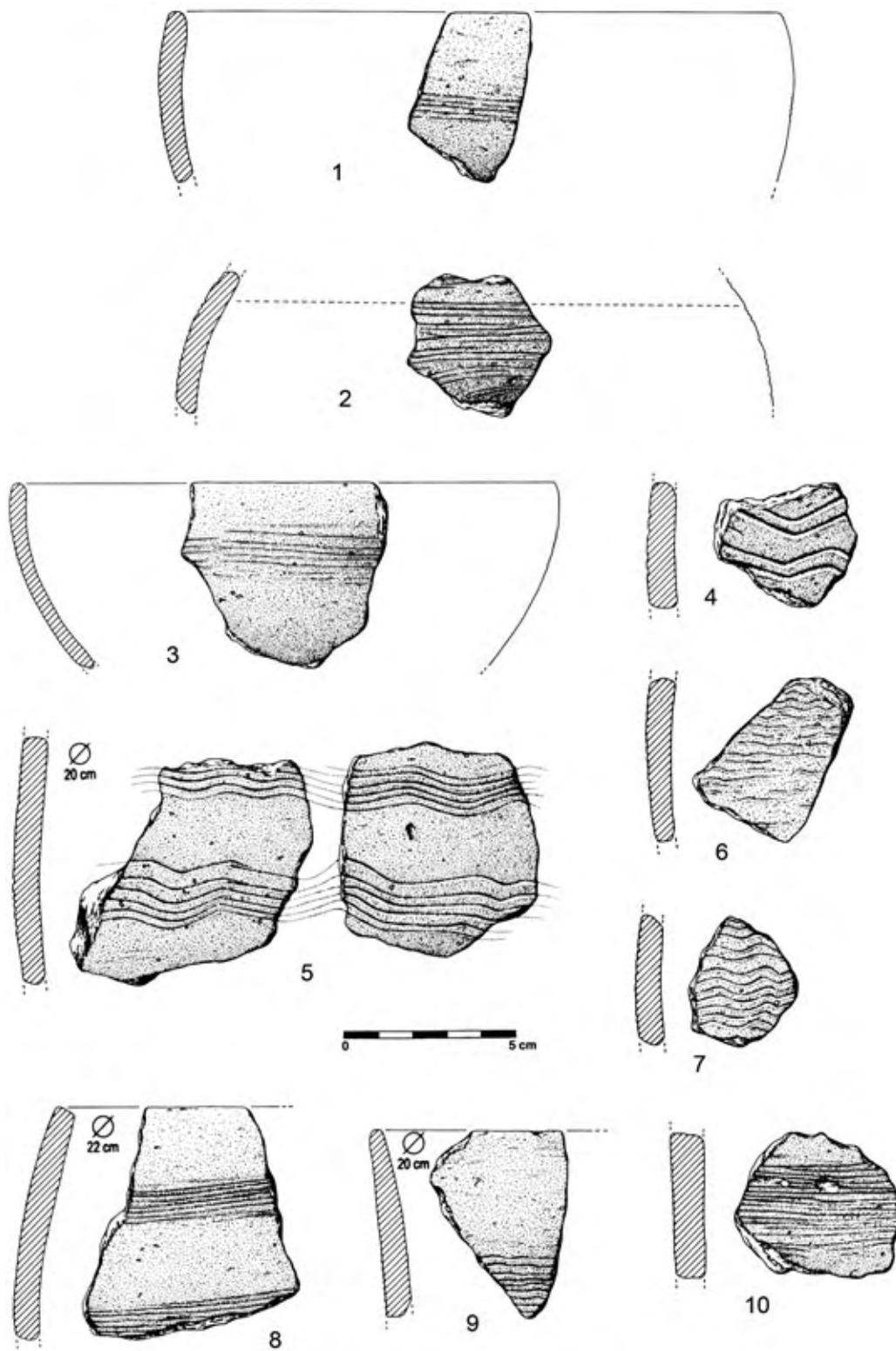


Fig. 25 - Outeiro da Assenta. Cerâmicas decoradas com a aplicação deslizante de uma matriz denteada (vulgarmente designada por “pente”), atribuíveis ao Calcolítico Pleno.

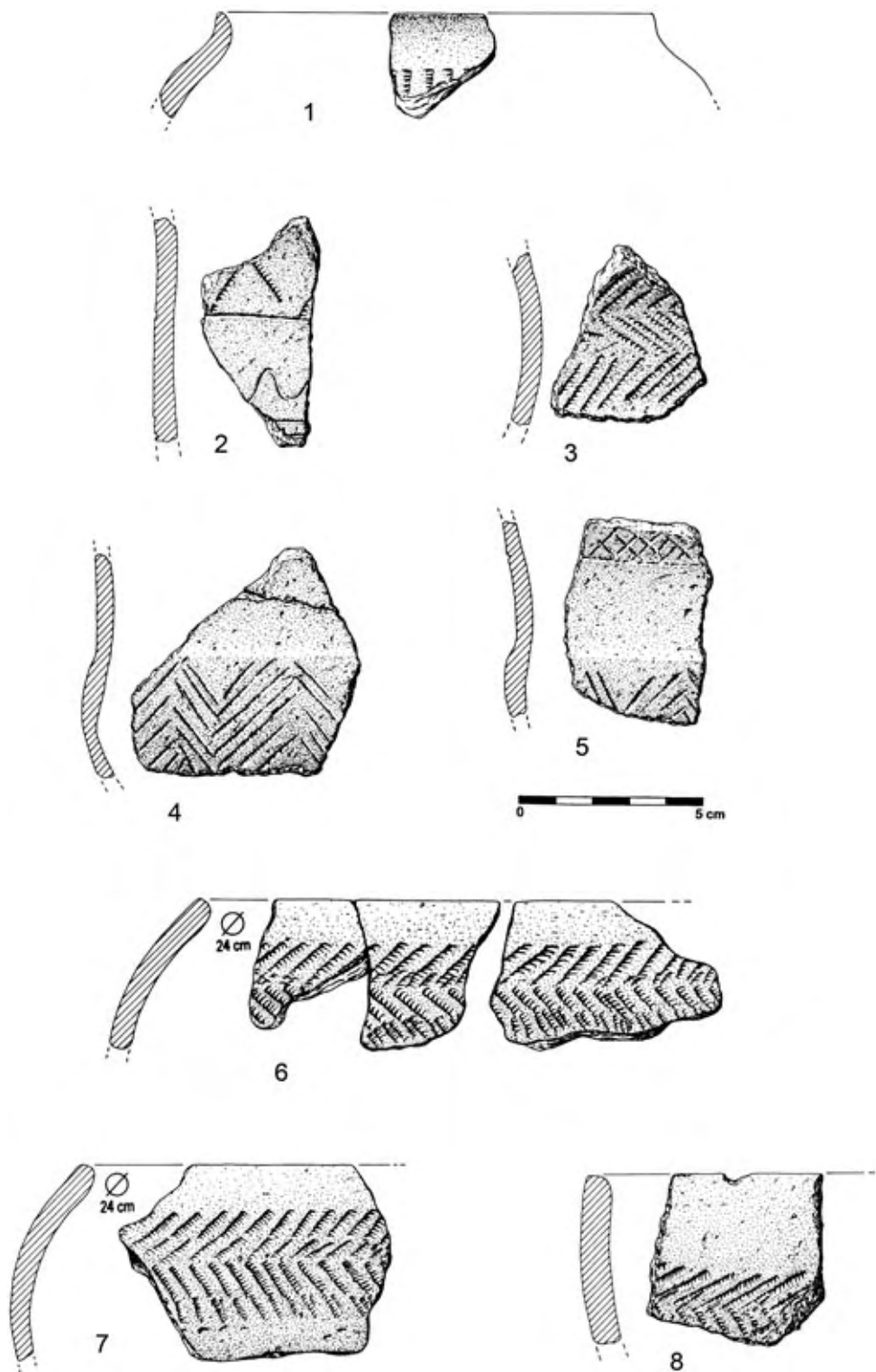


Fig. 26 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas decoradas pela impressão de uma matriz denteada (vulgarmente designada por “pente”), atribuíveis ao Calcolítico Pleno. Note-se a forma campaniforme dos exemplares n.ºs. 4 e 5, talvez pertencentes ao mesmo exemplar (caçoila campaniforme).

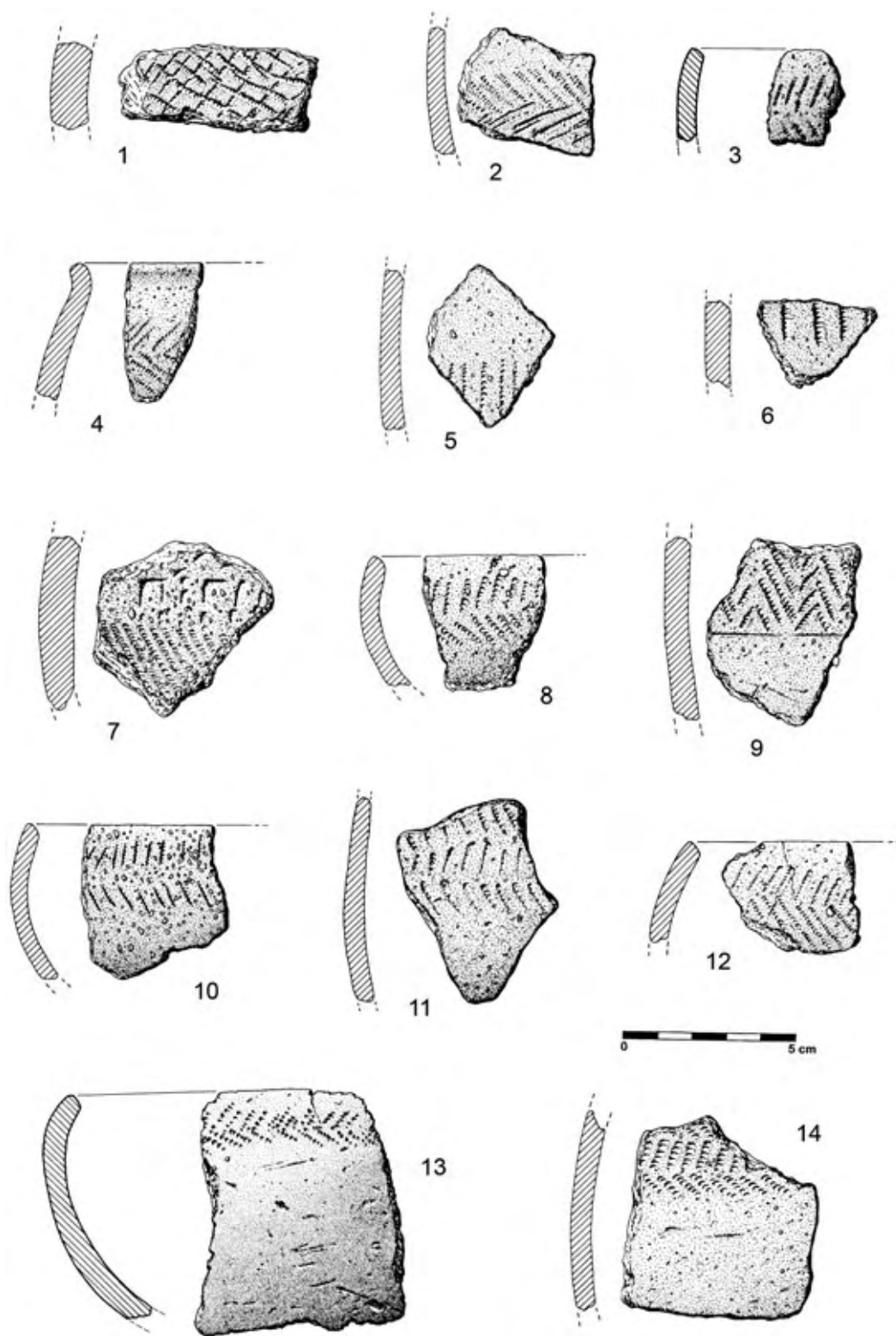


Fig. 27 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas decoradas pela impressão de uma matriz denteada (vulgarmente designada por “pente”), atribuíveis ao Calcolítico Pleno, com evidentes influências das cerâmicas campaniformes, das quais não é fácil separá-las.

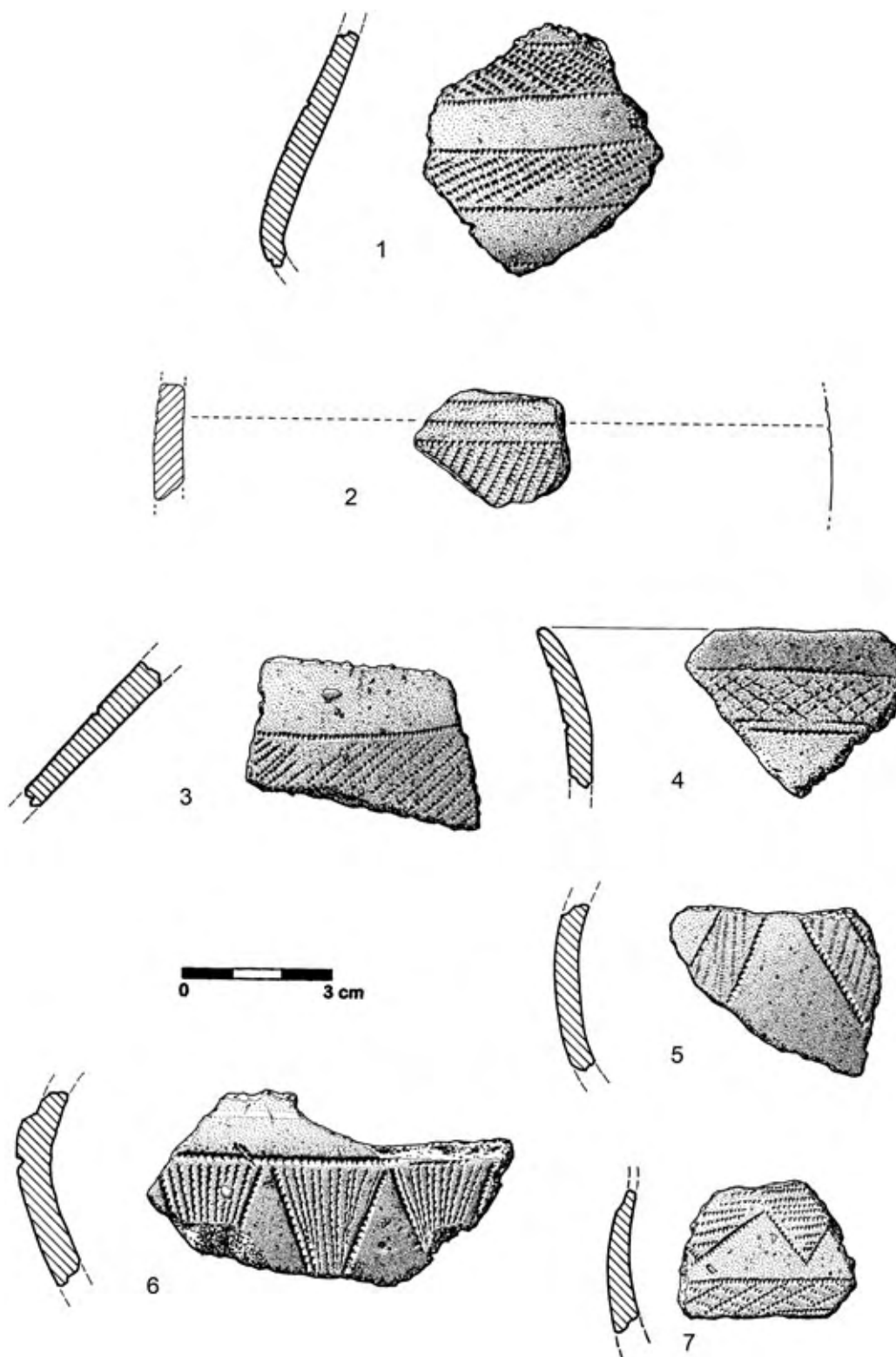


Fig. 28 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas campaniformes decoradas a ponteado, correspondendo o n.º 1 a um vaso marítimo típico, decorado por bandas preenchidas interiormente por linhas oblíquas, alternando espaços em branco.

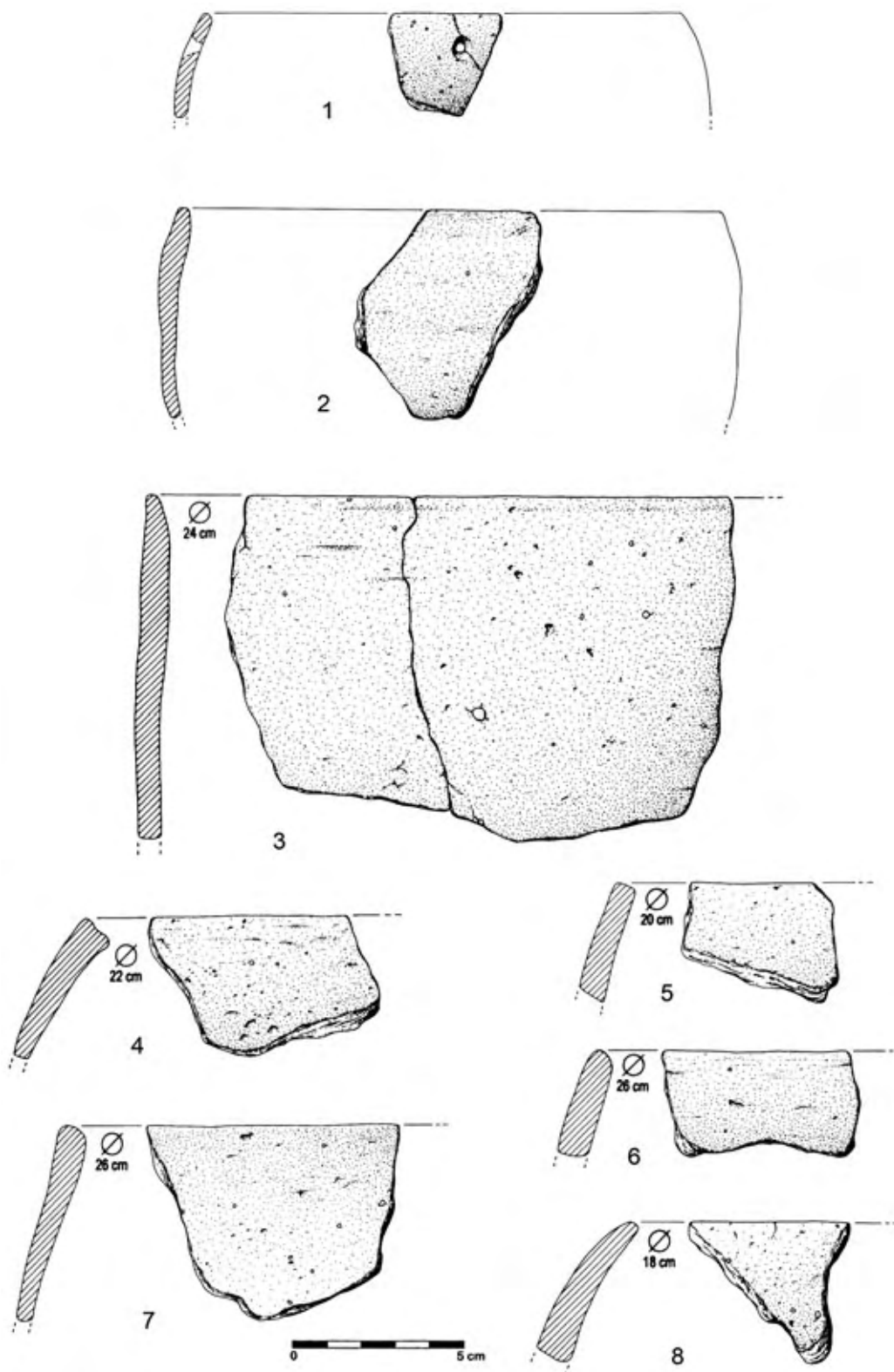


Fig. 29 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas lisas calcólicas e eventualmente da Idade do Bronze.



Fig. 30 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas lisas calcolíticas e eventualmente da Idade do Bronze.

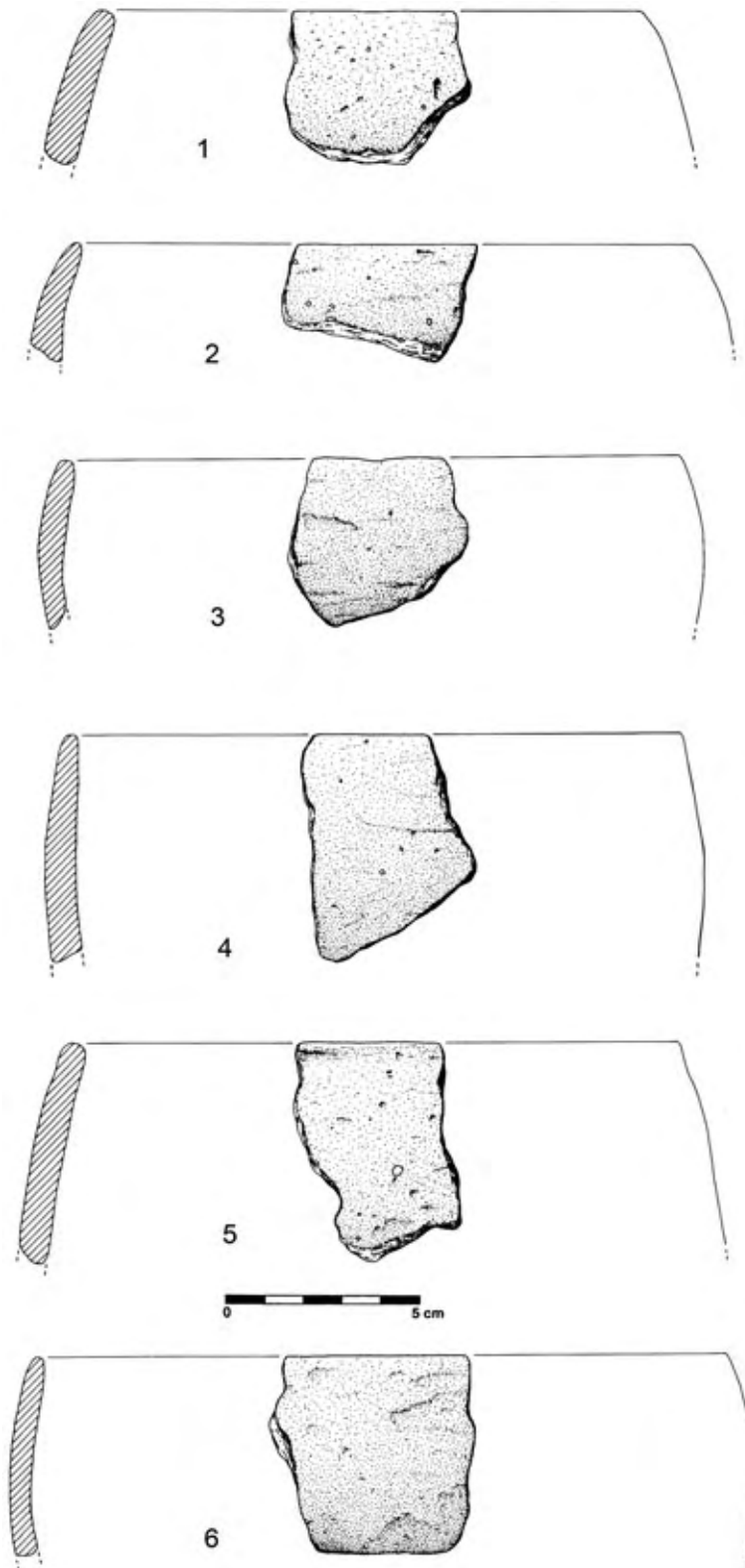


Fig. 31 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas lisas calcólicas e eventualmente da Idade do Bronze.

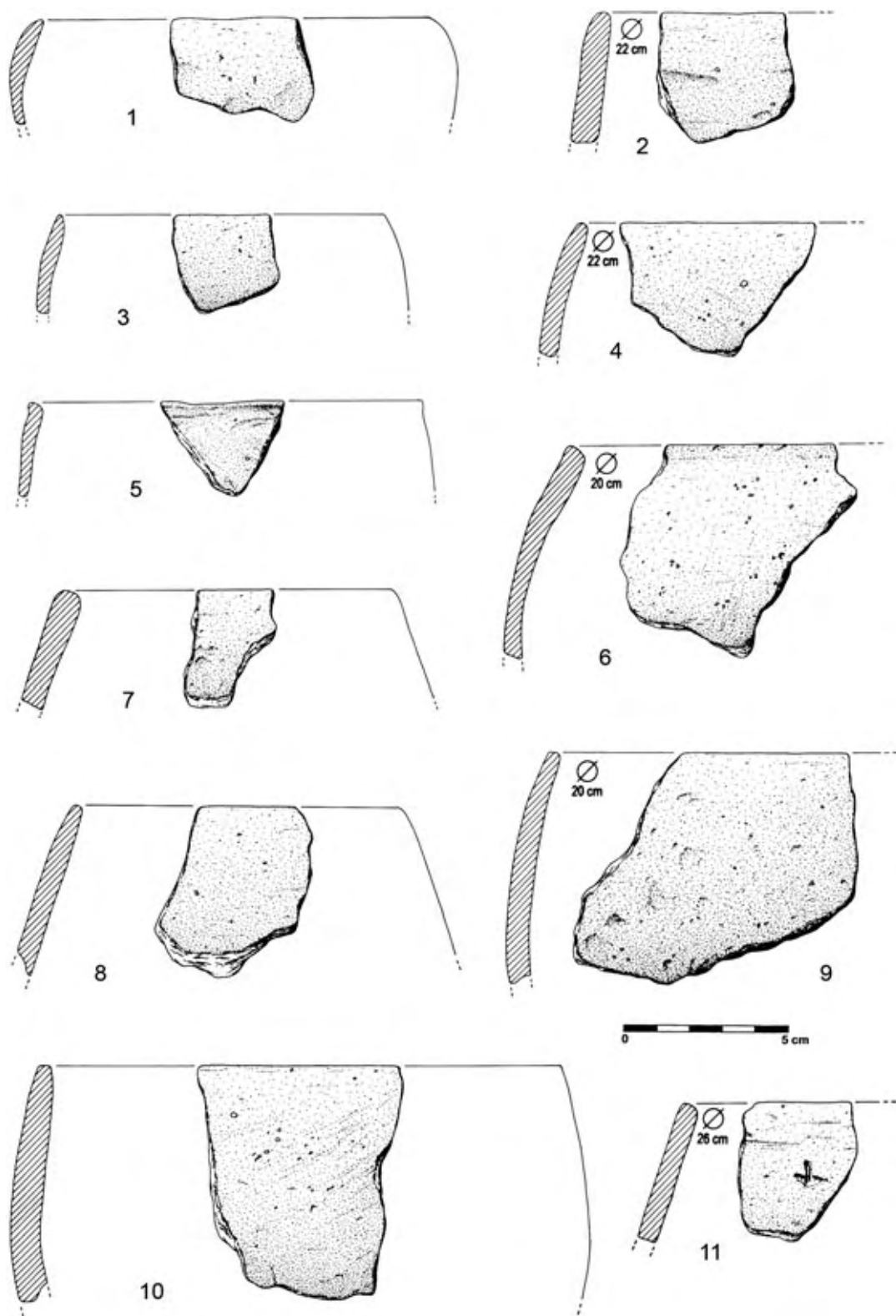


Fig. 32 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas lisas calcolíticas e eventualmente da Idade do Bronze.

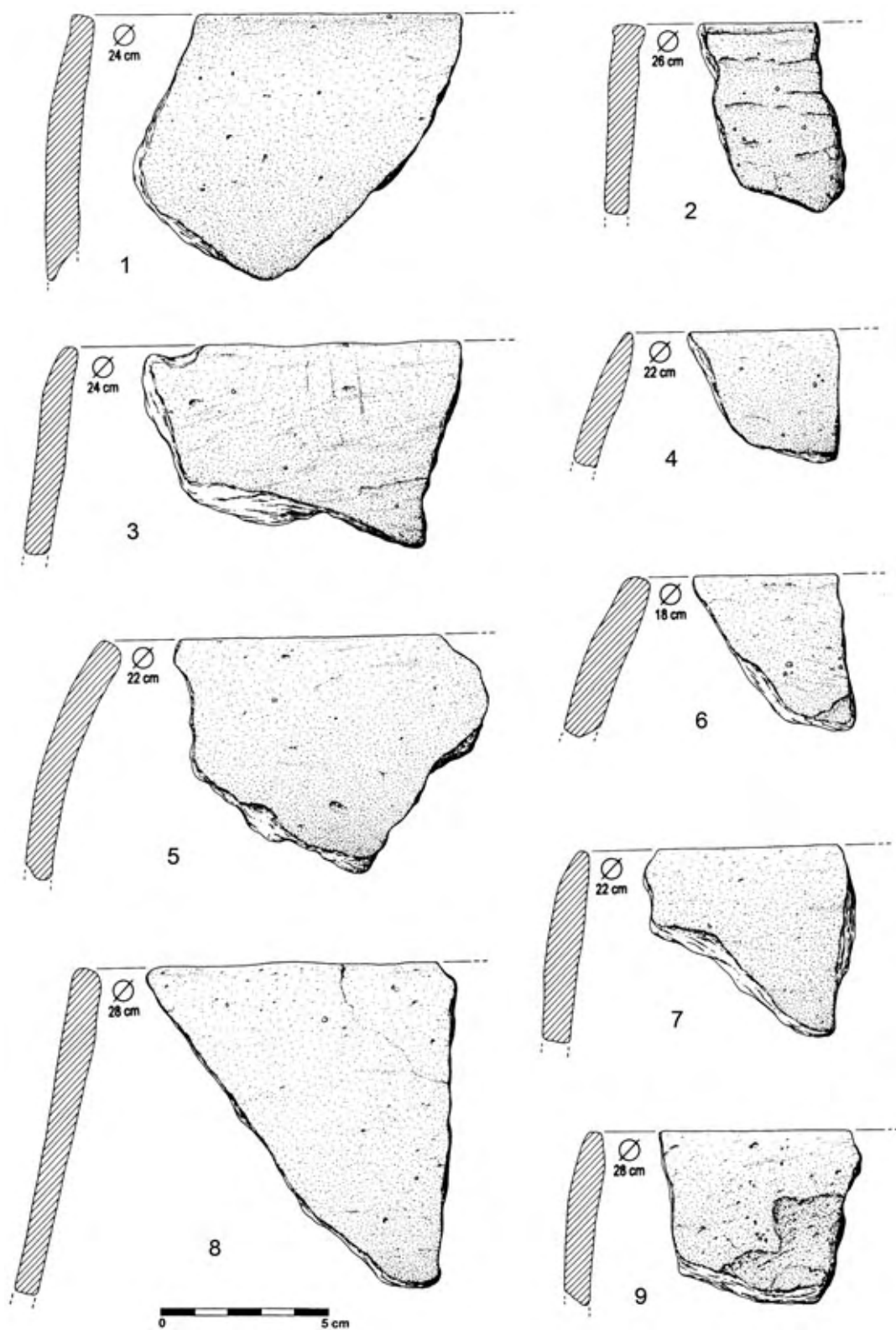


Fig. 33 - Outeiro da Assenta. Cerâmicas lisas calcolíticas e eventualmente da Idade do Bronze.

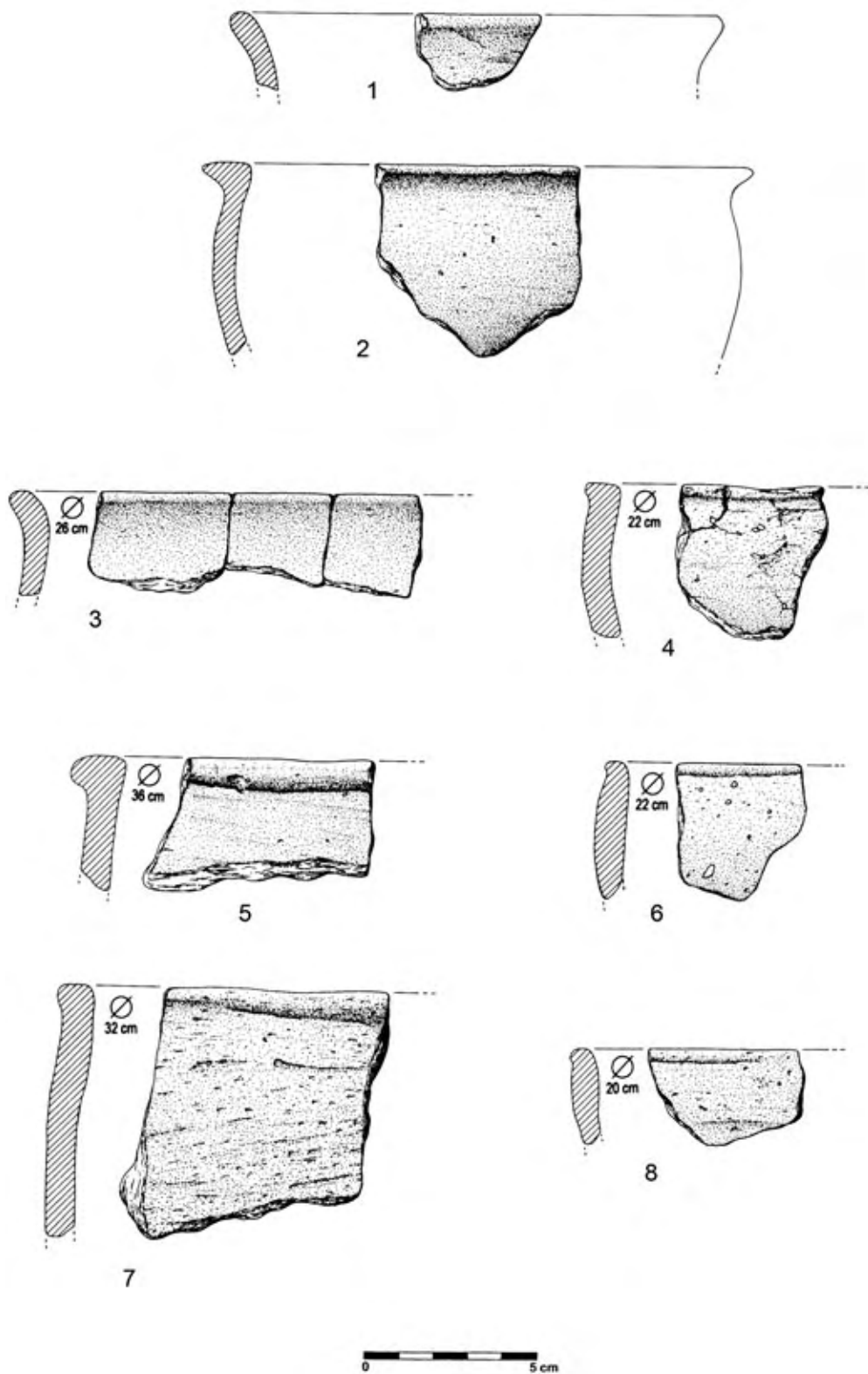


Fig. 34 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas lisas calcólicas e eventualmente da Idade do Bronze.

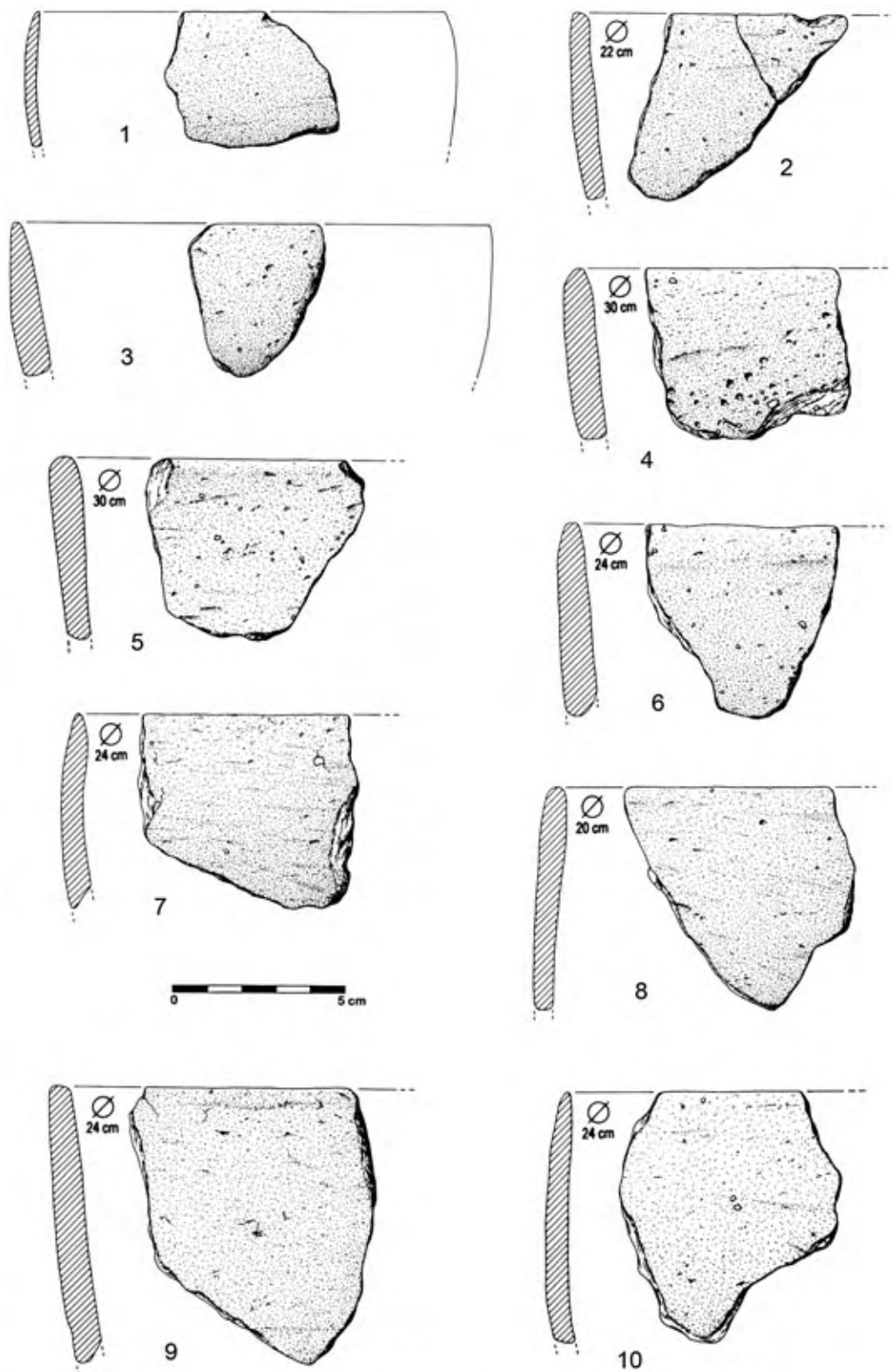


Fig. 35 - Outeiro da Assenta. Cerâmicas lisas calcólicas e eventualmente da Idade do Bronze.

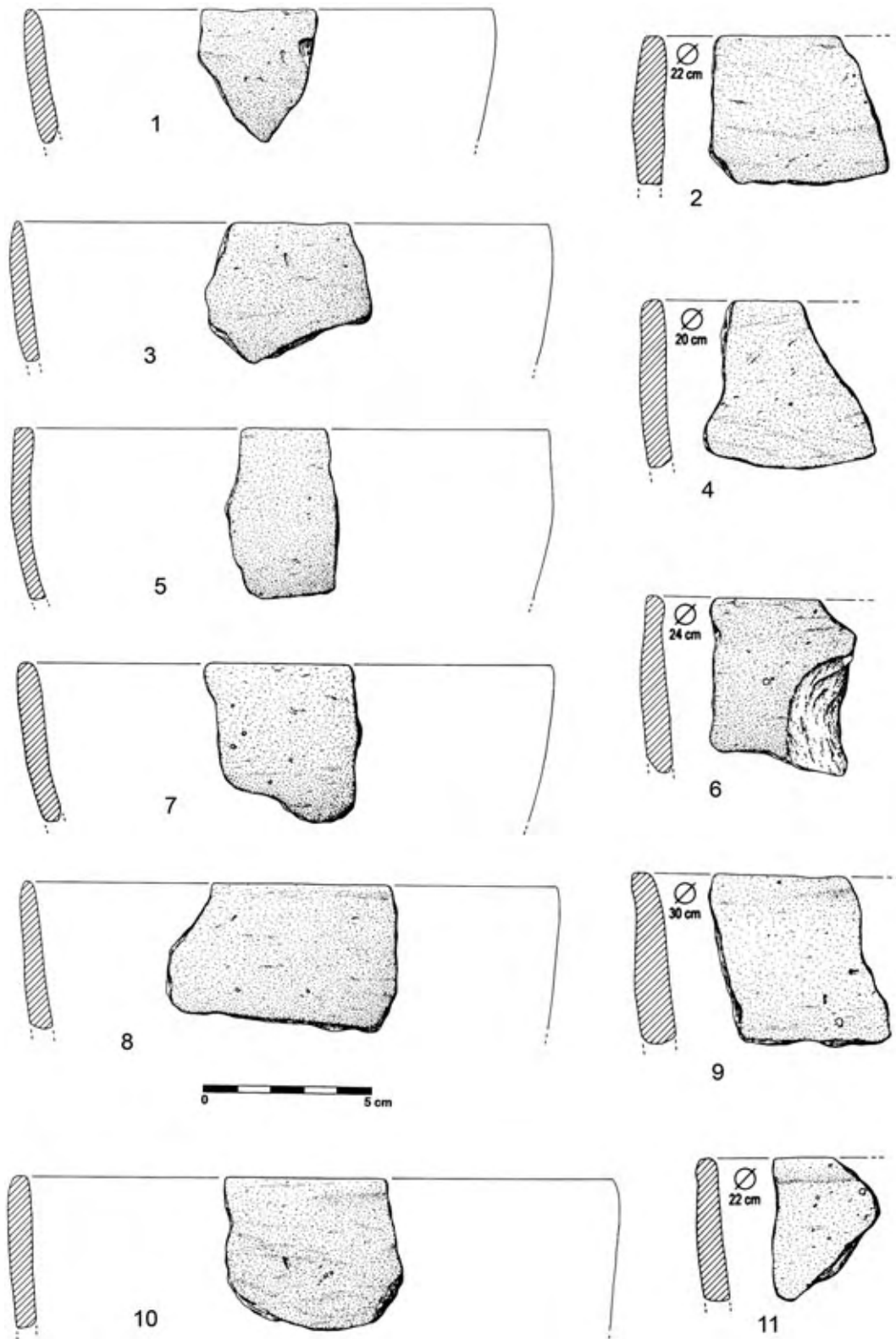


Fig. 36 - Outeiro da Assenta. Cerâmicas lisas calcólicas e eventualmente da Idade do Bronze.

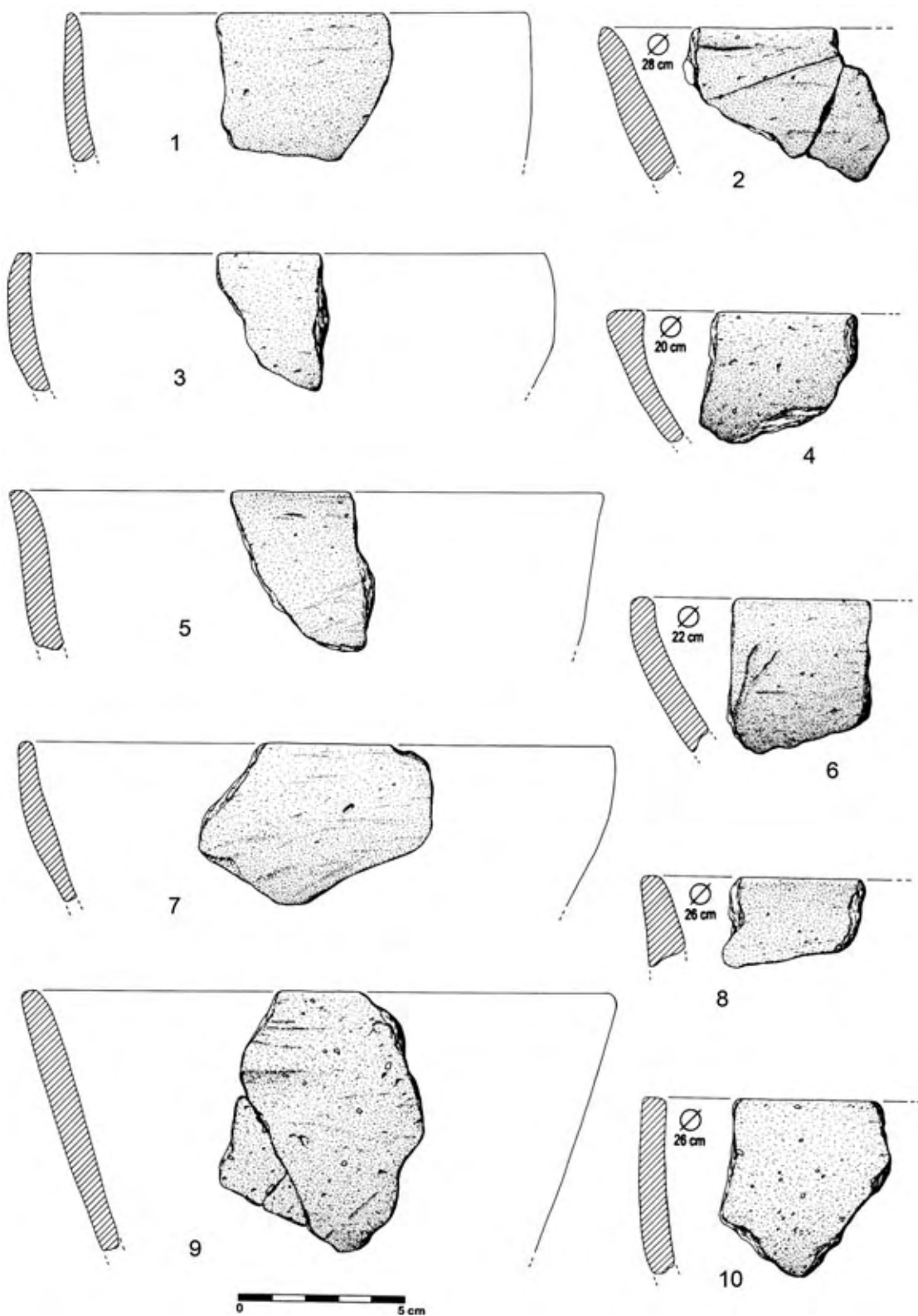


Fig. 37 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas lisas calcólicas e eventualmente da Idade do Bronze.

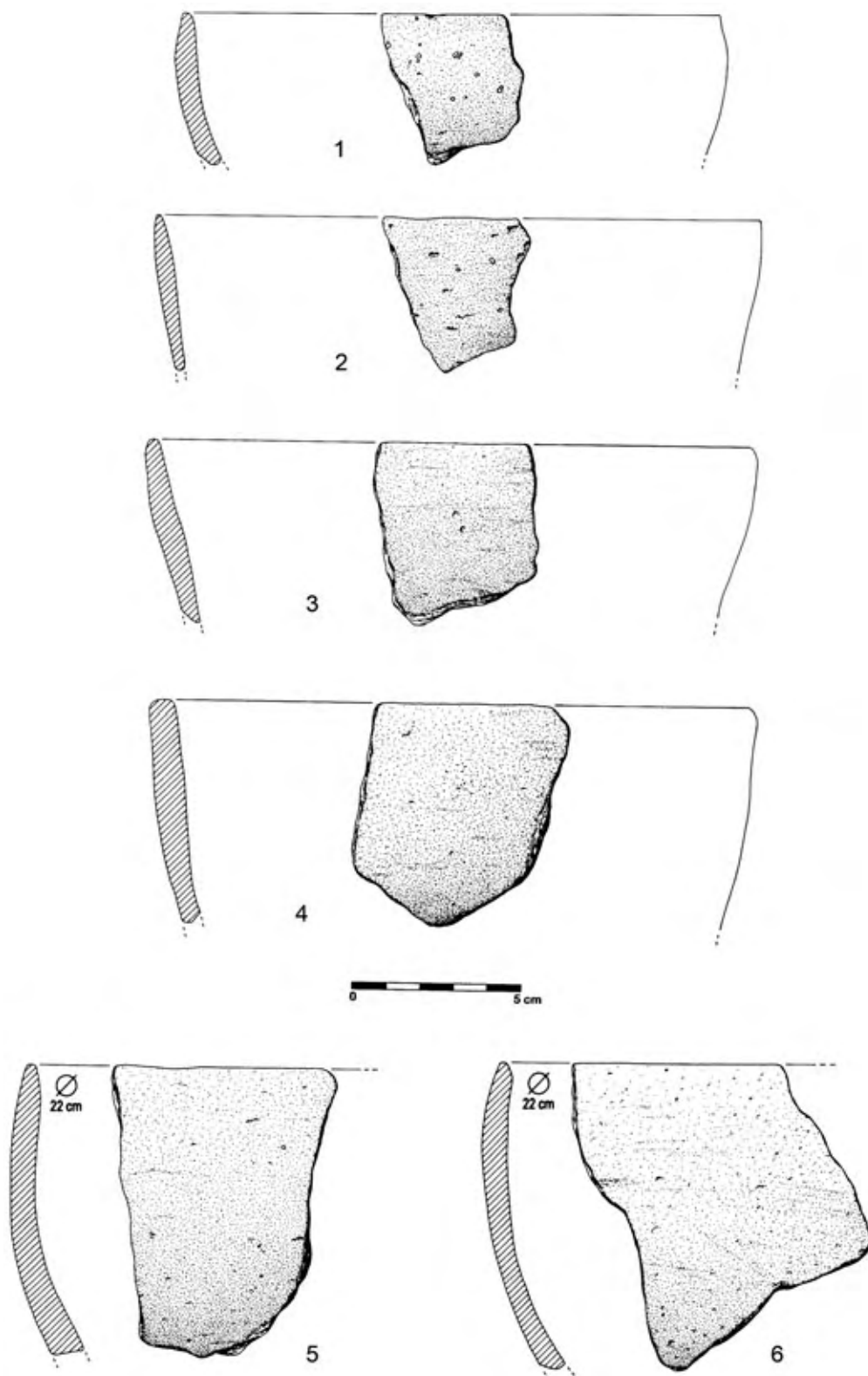


Fig. 38 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas lisas calcólicas e eventualmente da Idade do Bronze.

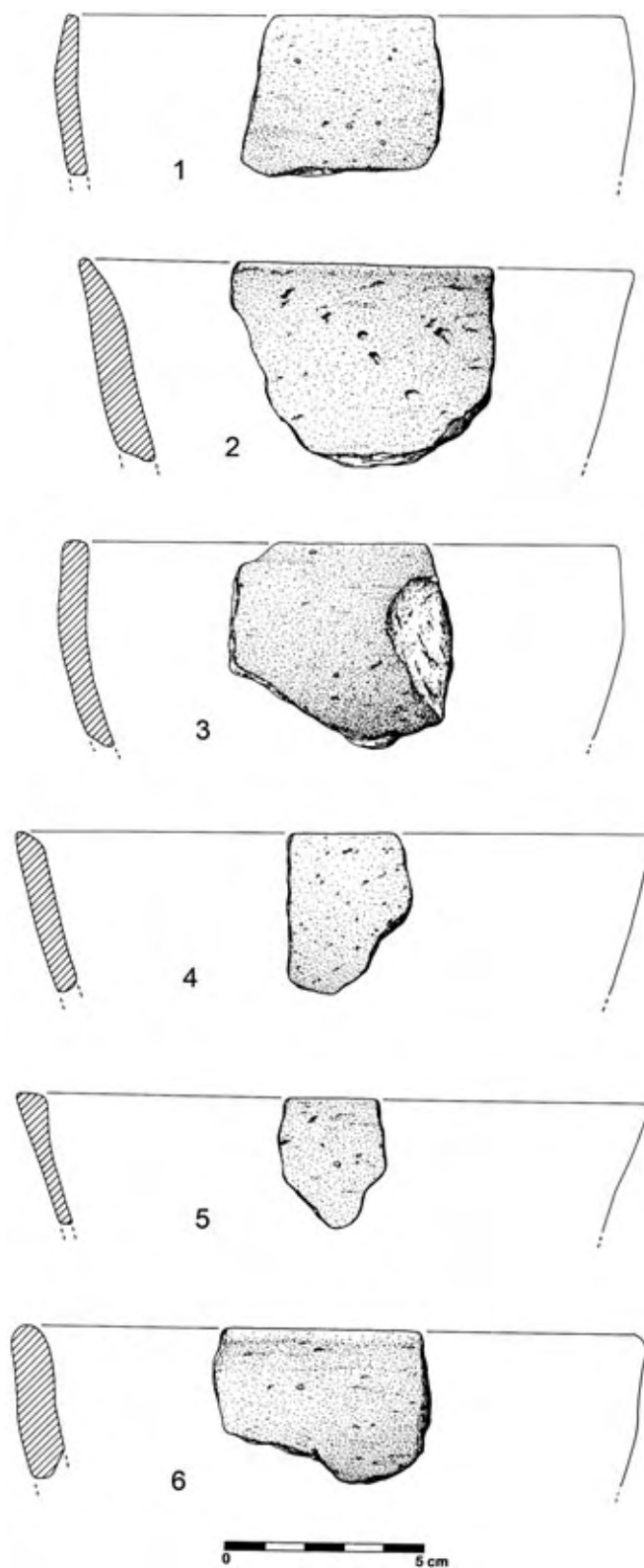


Fig. 39 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas lisas calcólicas e eventualmente da Idade do Bronze.

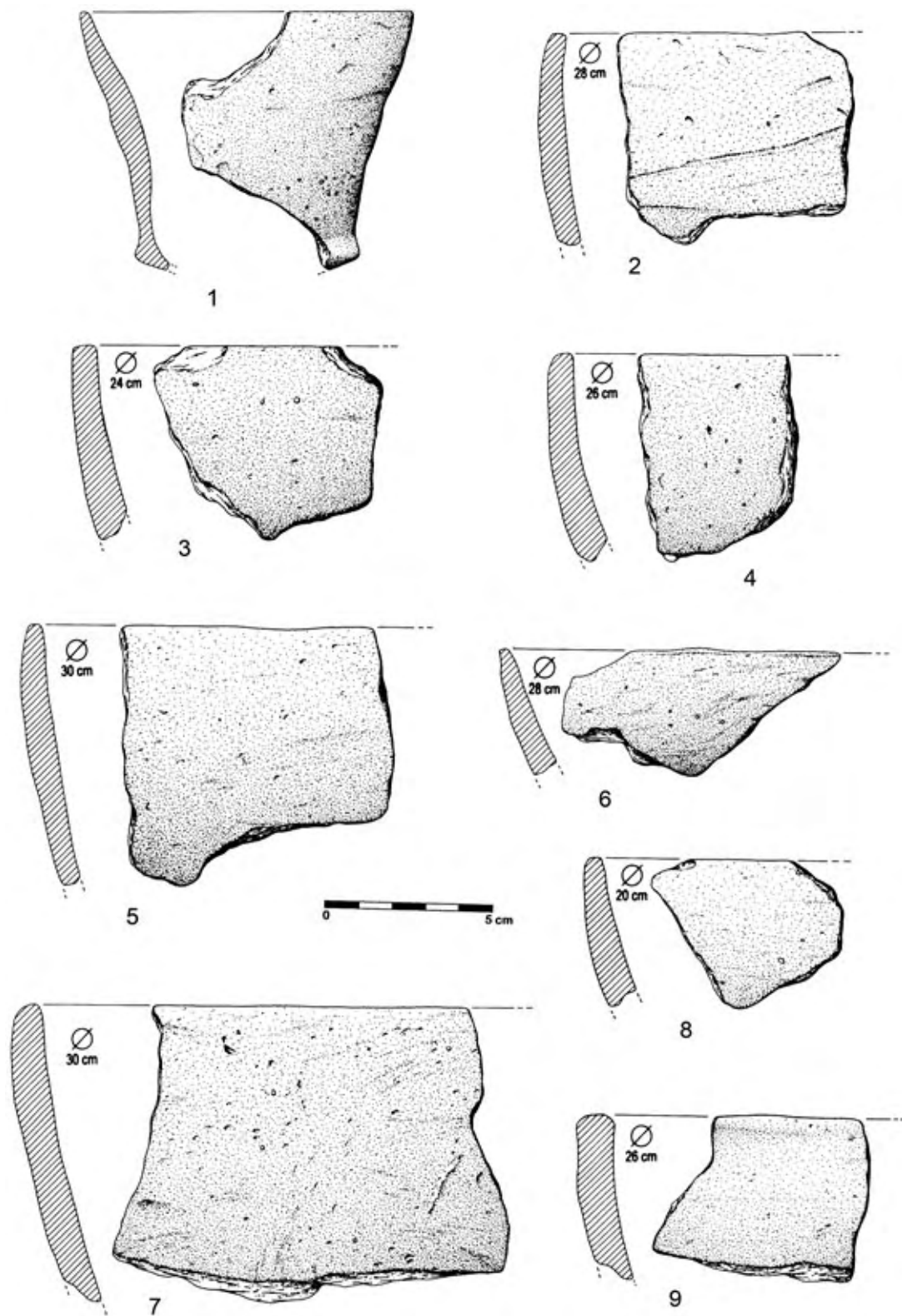


Fig. 40 - Outeiro da Assenta. Cerâmicas lisas calcólicas e eventualmente da Idade do Bronze.

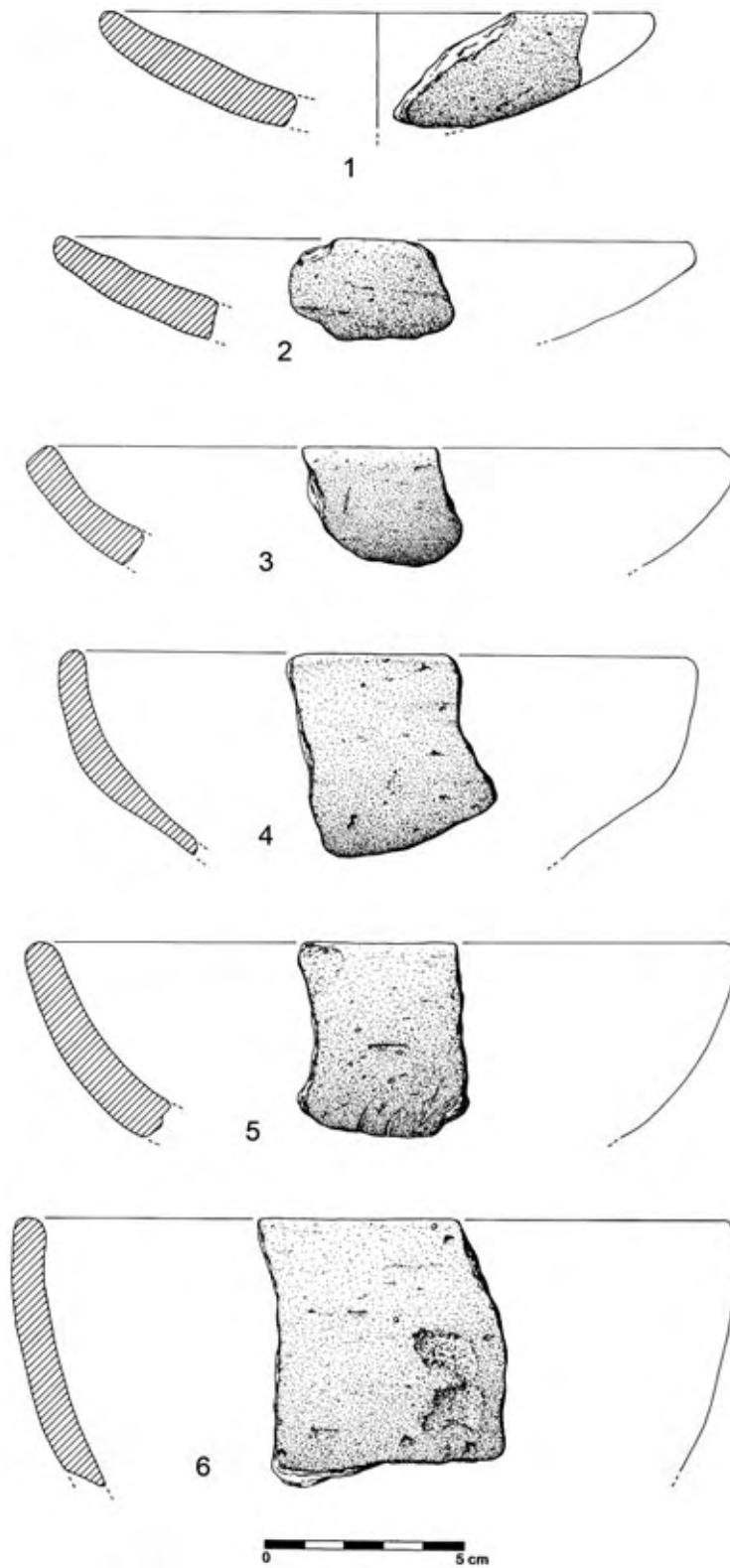


Fig. 41 - Outeiro da Assenta. Cerâmicas lisas calcolíticas e eventualmente da Idade do Bronze.

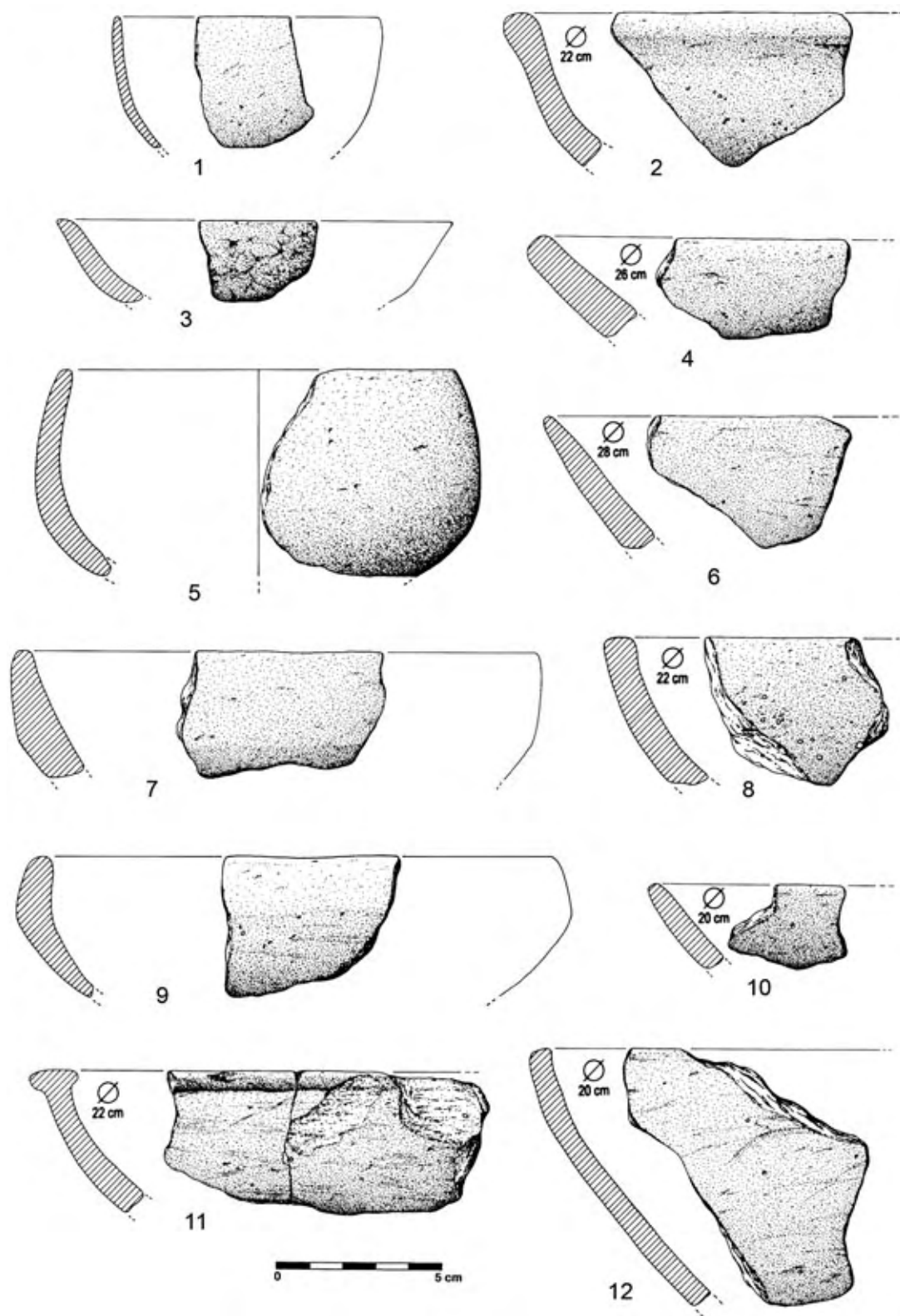


Fig. 42 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas lisas calcolíticas e eventualmente da Idade do Bronze.

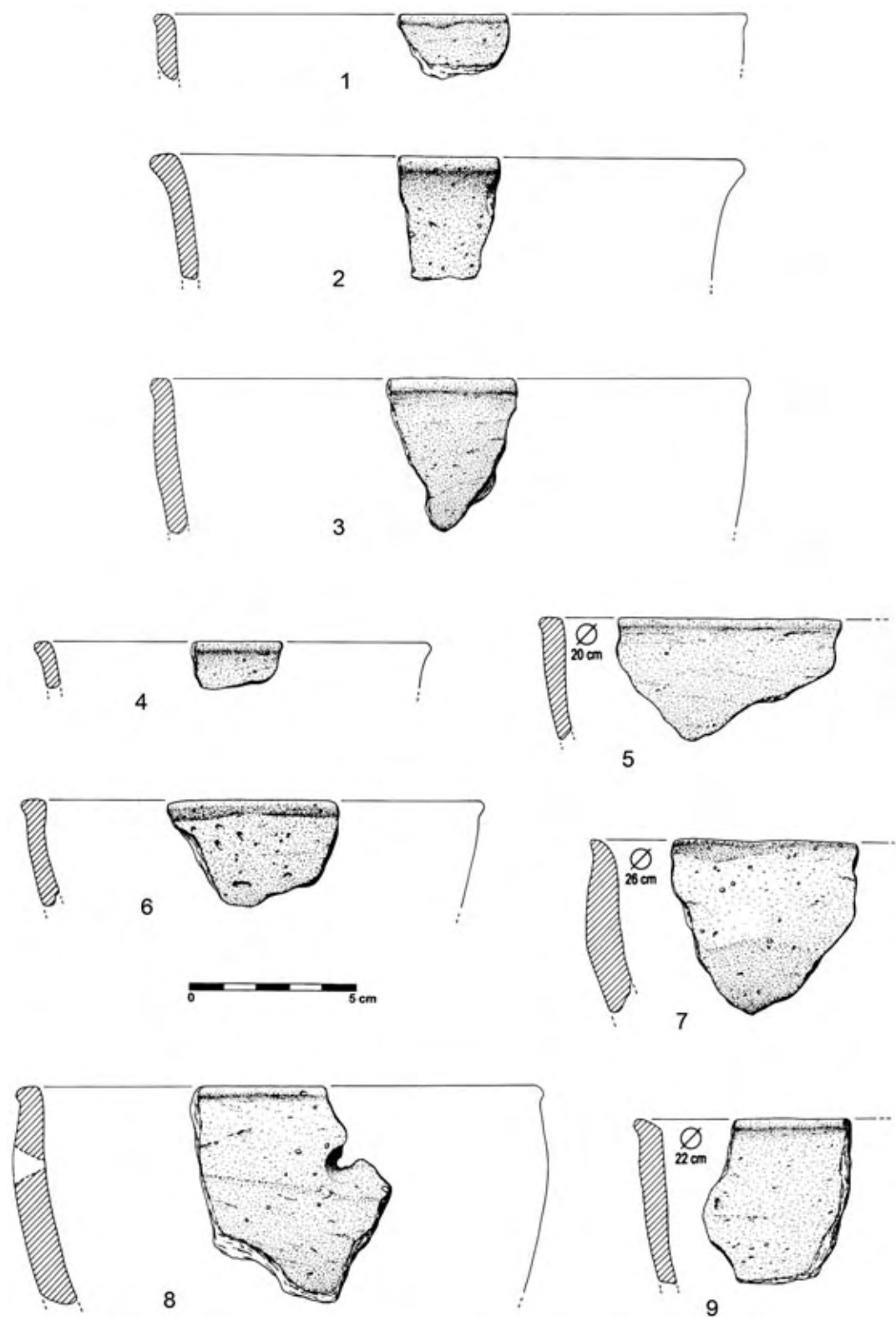


Fig. 43 - Outeiro da Assenta. Cerâmicas lisas calcólicas e eventualmente da Idade do Bronze.

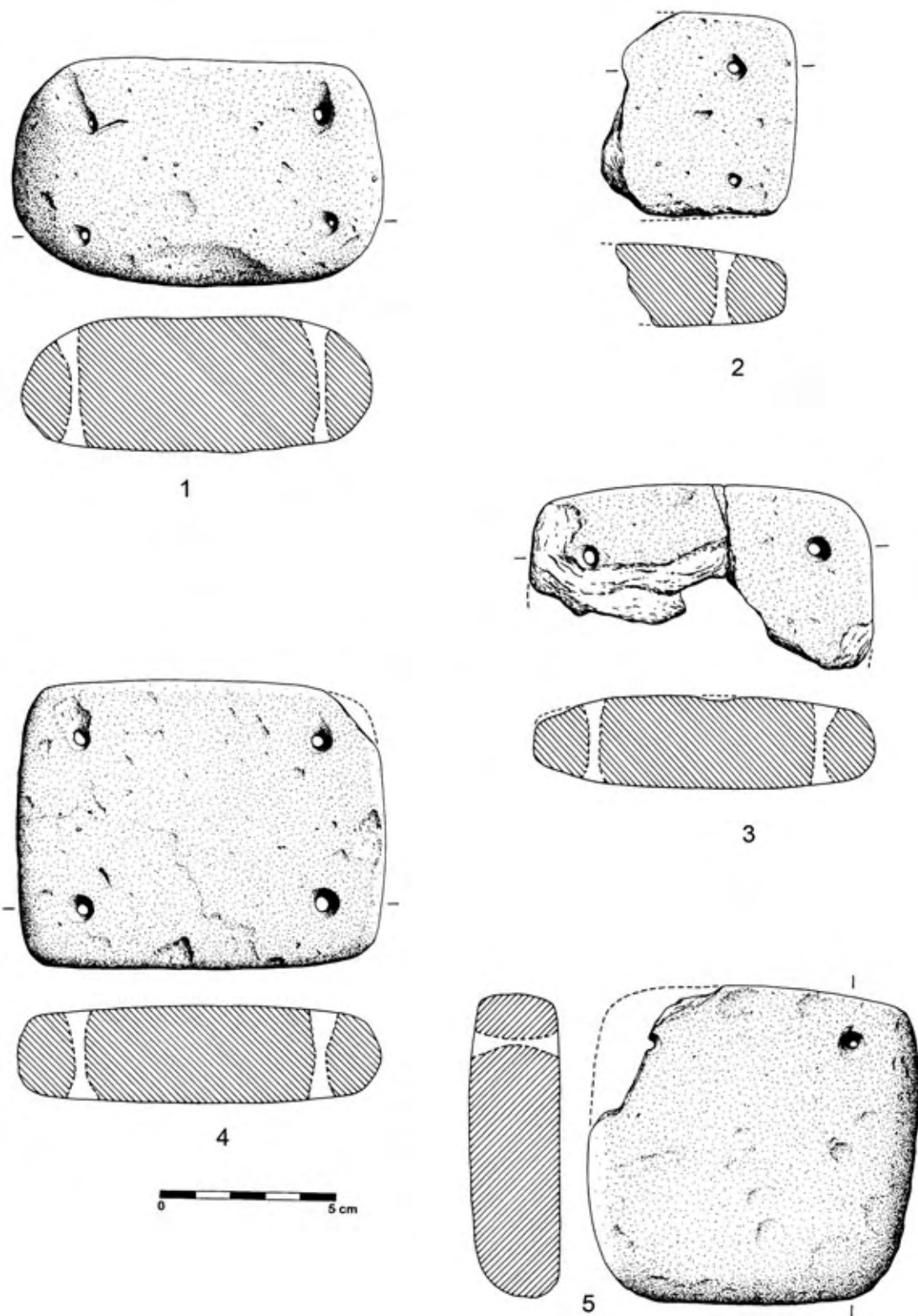


Fig. 44 - Outeiro da Assenta. Elementos calcólicos de tear.

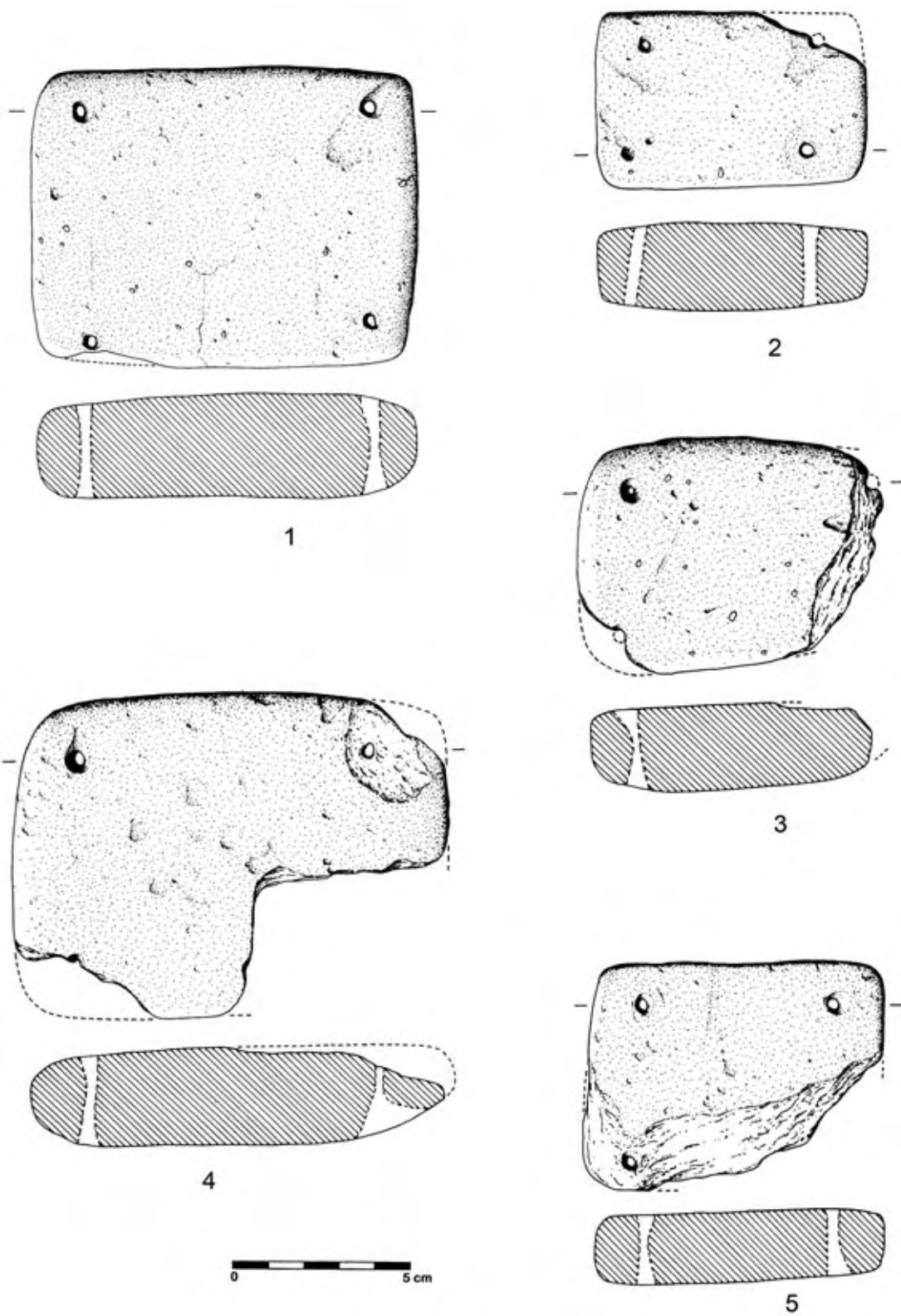


Fig. 45 - Outeiro da Assenta. Elementos calcíferos de tear.

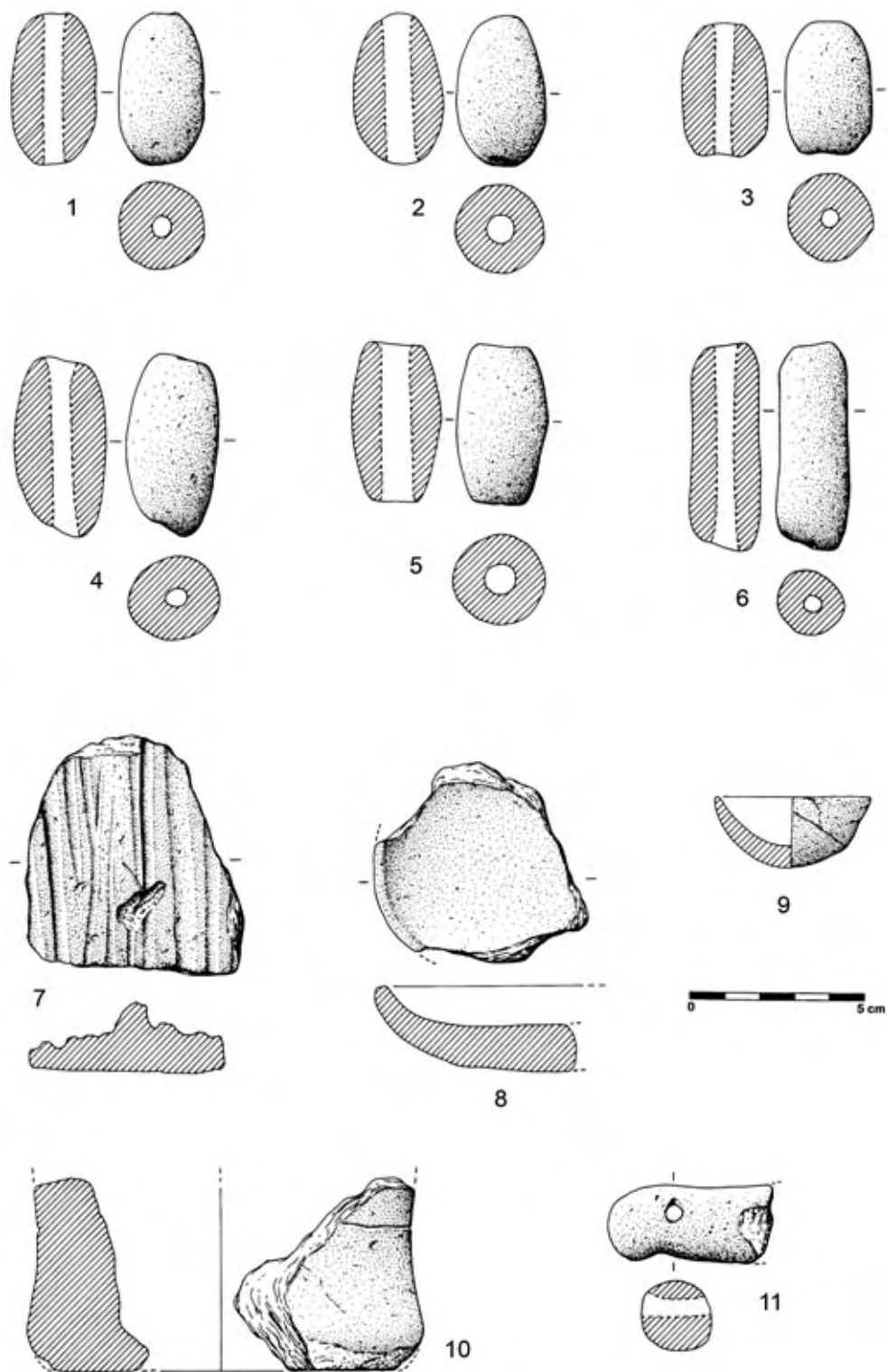


Fig. 46 – Outeiro da Assenta. Objectos cerâmicos diversos. Pesos de rede para pesca fluvial, calcolíticos ou da Idade do Ferro (1 a 6); porção de barro de revestimento de cabana (7); fragmento de pequeno prato (8); tacinha (9); fragmento de suporte de lareira (10); e objecto indeterminado, incompleto (11).

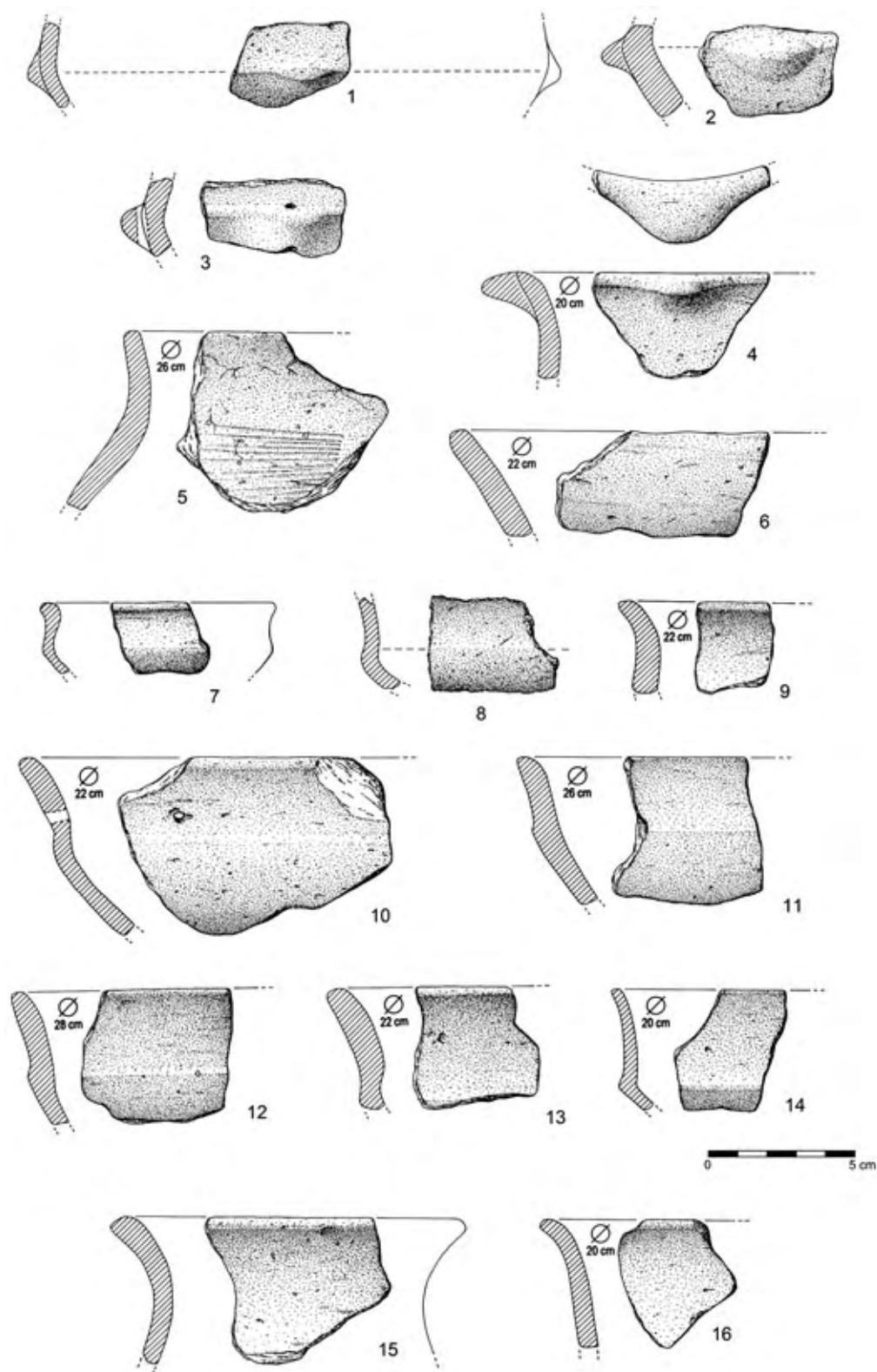


Fig. 47 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas da Idade do Bronze, algumas eventualmente já da Idade do Ferro (n.ºs 15 e 16).

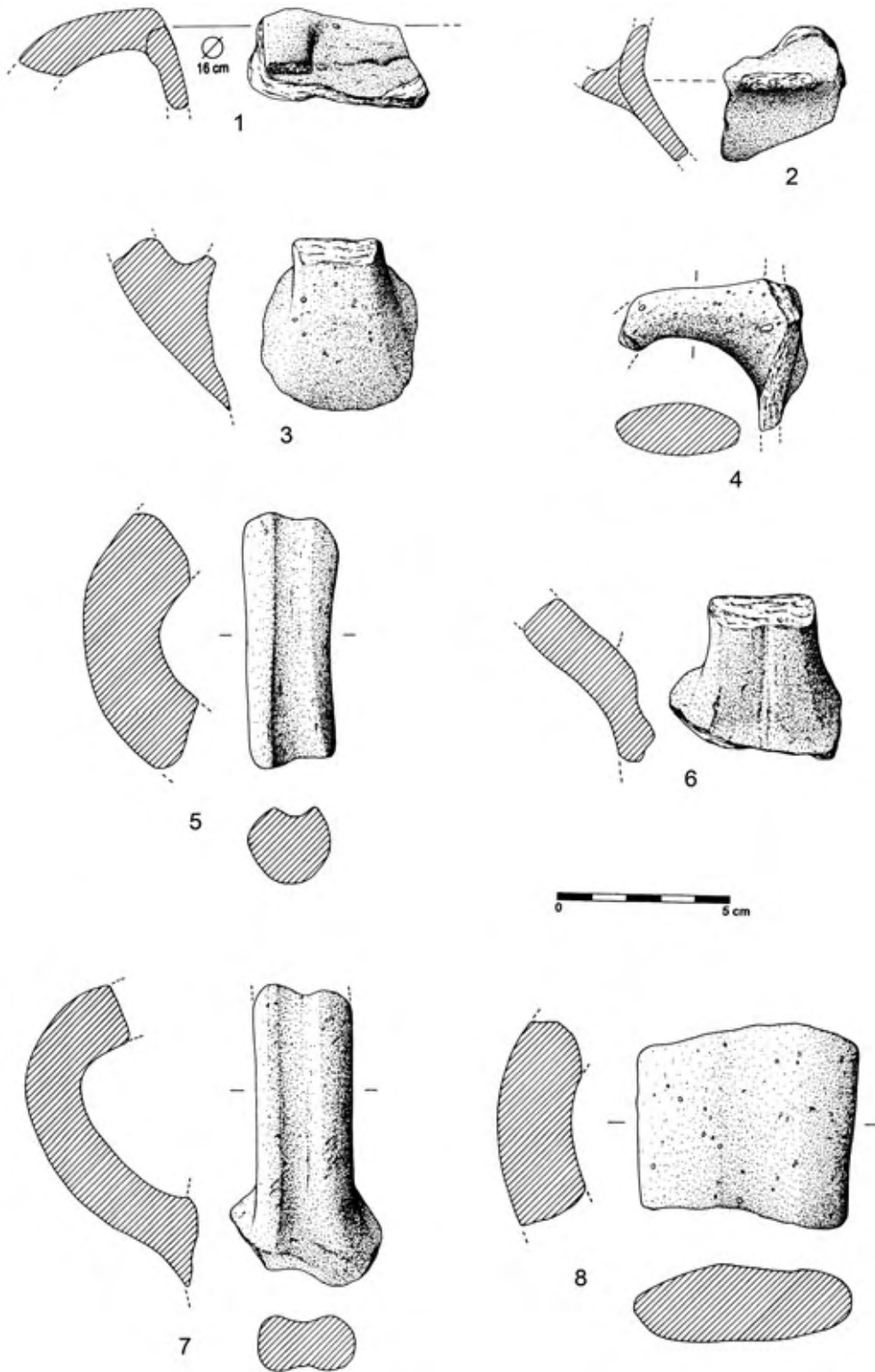


Fig. 48 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas dos finais da I Idade do Ferro, de tradição orientalizante, genericamente atribuíveis aos séculos VI/V a.C.

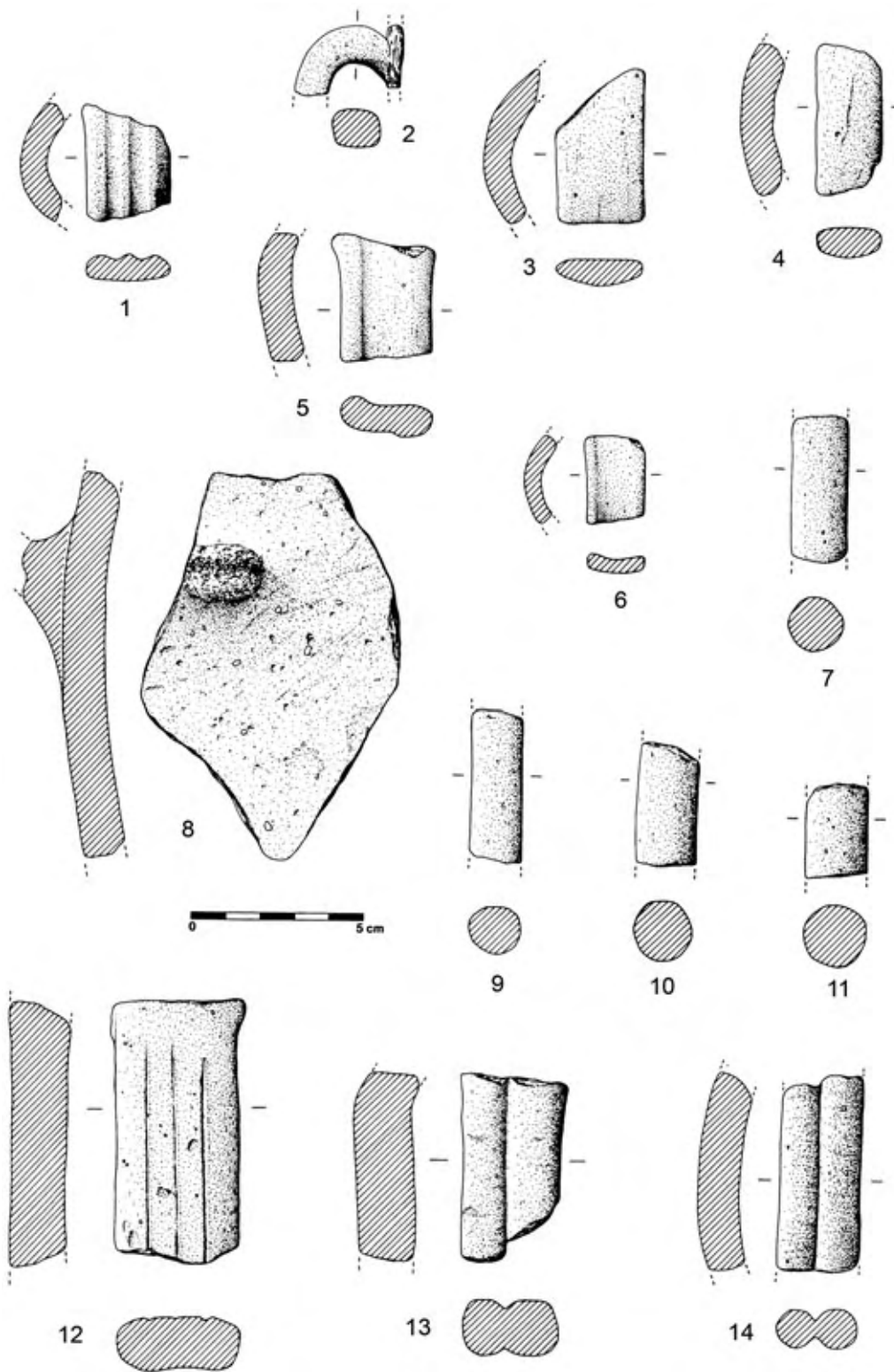


Fig. 49 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas globalmente atribuíveis aos finais da I Idade do Ferro, de tradição orientalizante, dos séculos VI/V a.C.

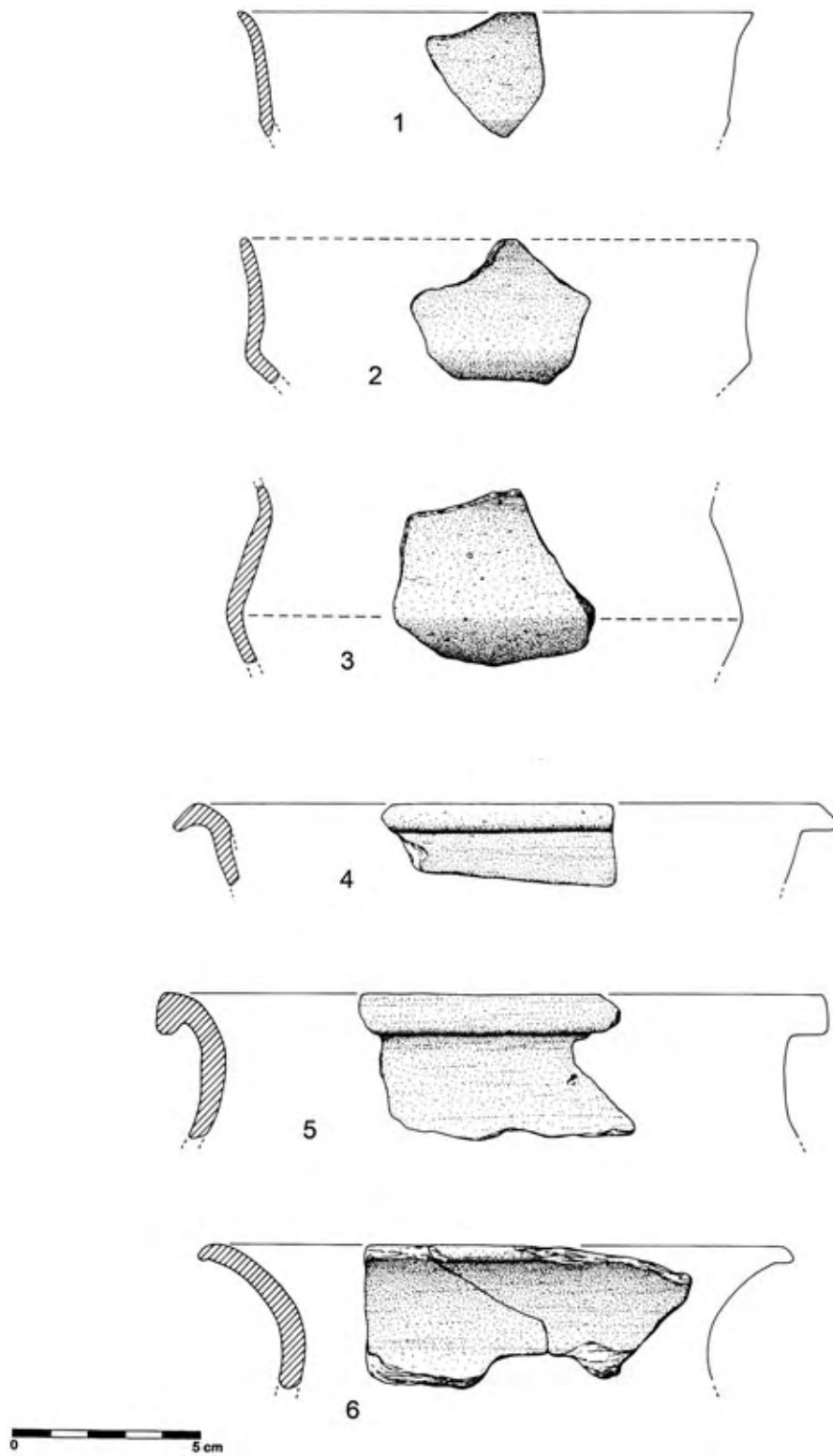


Fig. 50 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas de tradição do Bronze Final (n.ºs. 1 a 3), e de produção comum, de pastas laranjas, dos finais da I Idade do Ferro, genericamente atribuíveis aos séculos VI/V a.C.

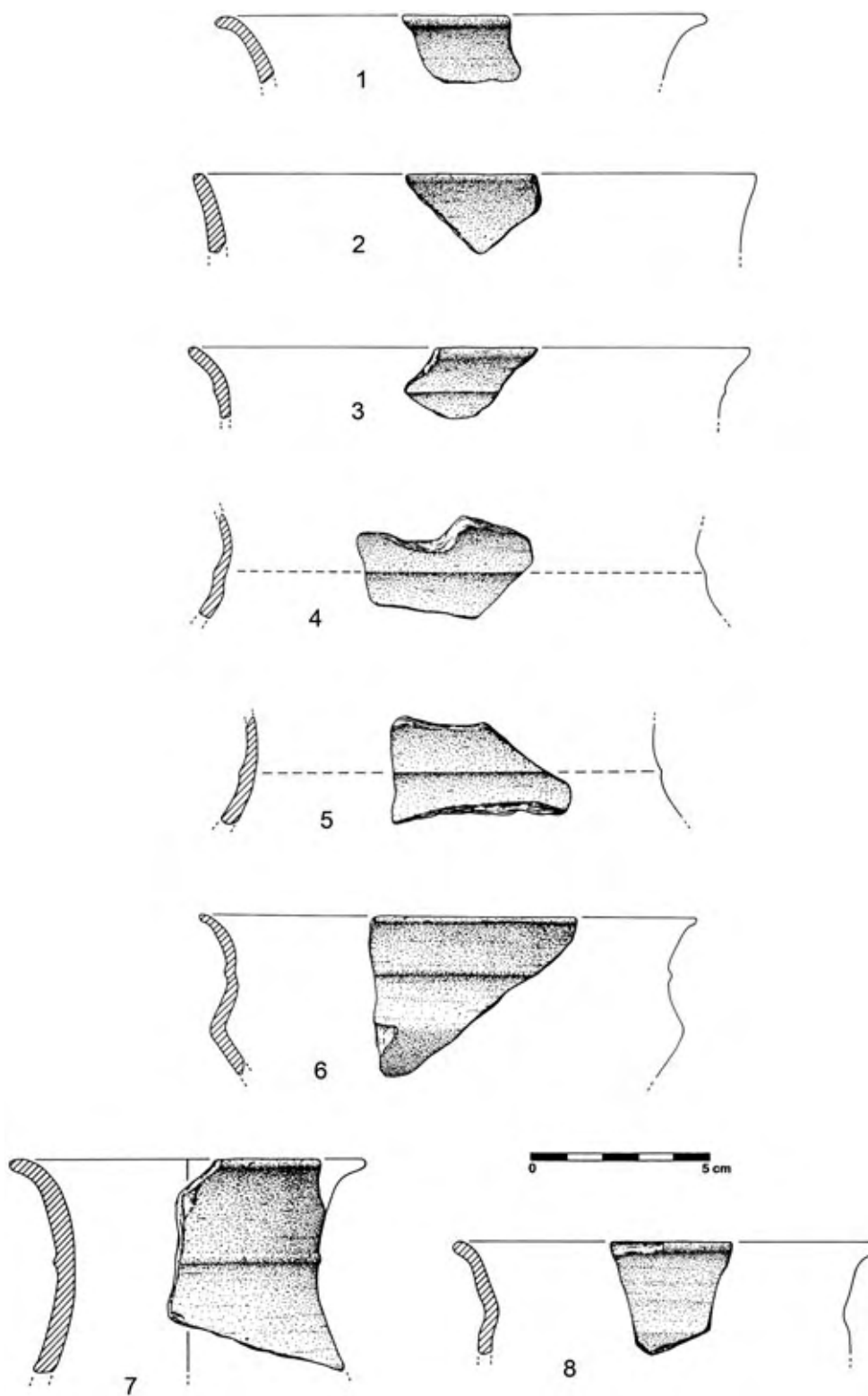


Fig. 51 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas cinzentas finas, dos finais da I Idade do Ferro, genericamente atribuíveis aos séculos VI/IVa.C.

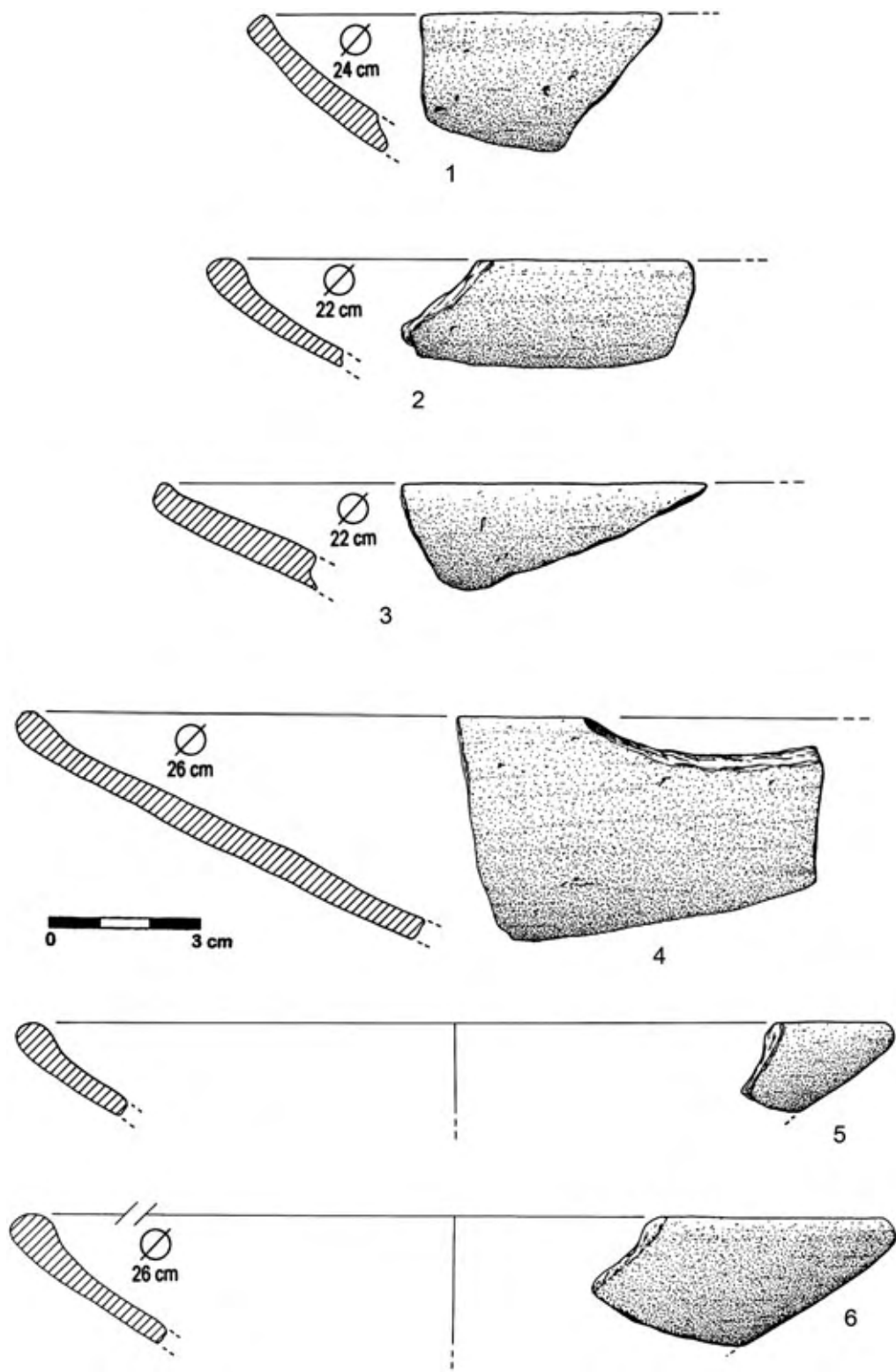


Fig. 52 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas cinzentas, dos finais da I Idade do Ferro, genericamente atribuíveis aos séculos VI/V a.C.

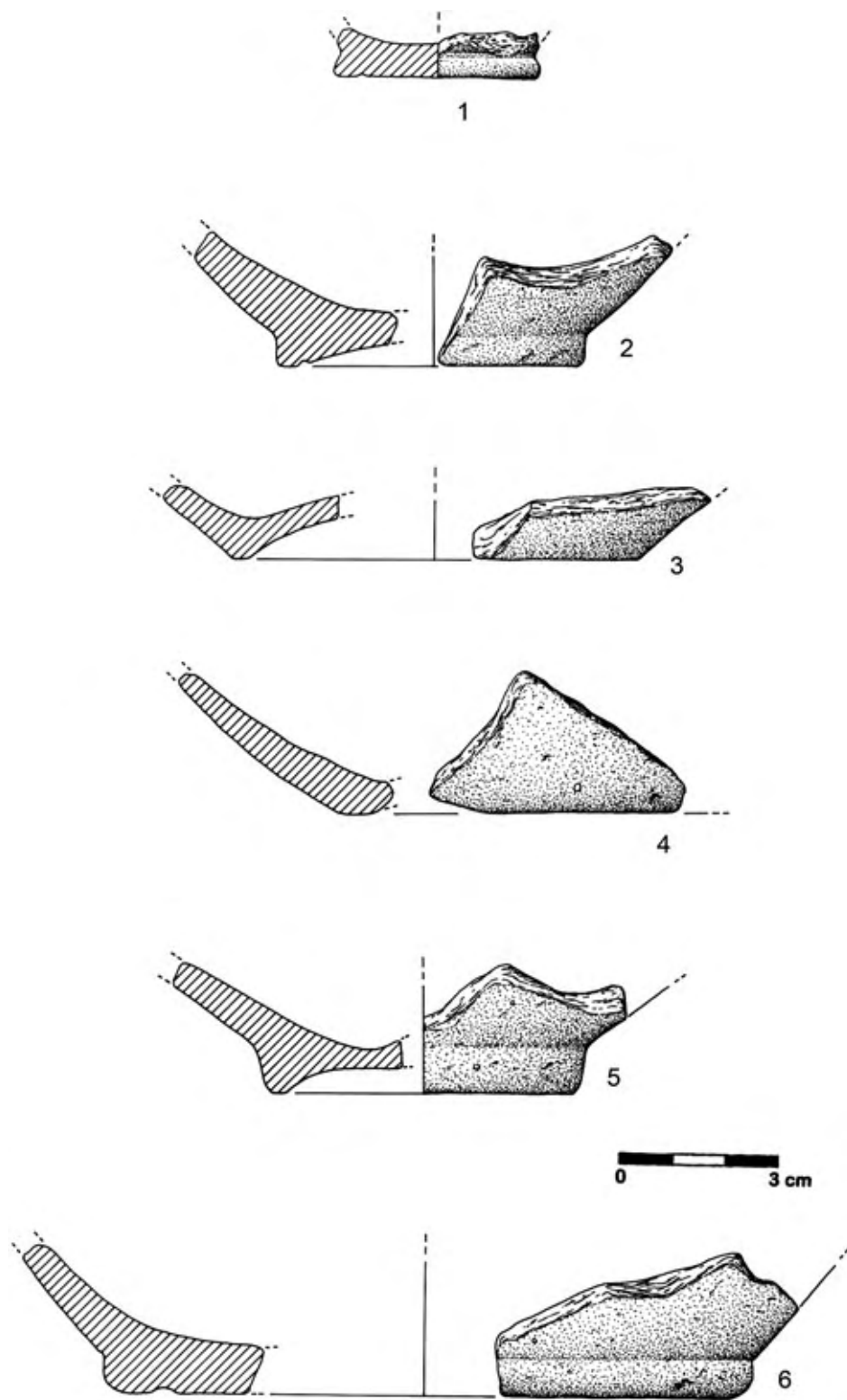


Fig. 53 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas cinzentas, dos finais da I Idade do Ferro, genericamente atribuíveis aos séculos VI/V a.C.

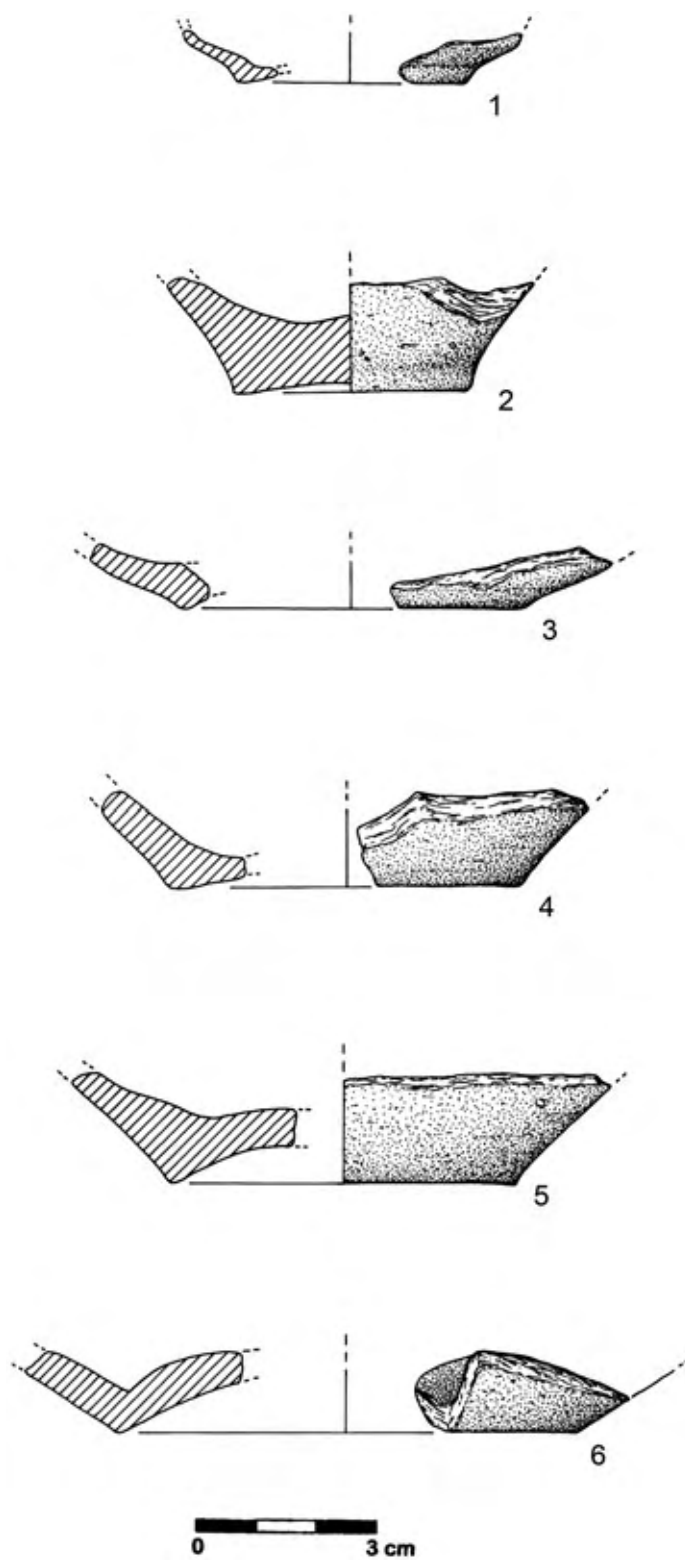


Fig. 54 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas cinzentas, dos finais da I Idade do Ferro, genericamente atribuíveis aos séculos VI/V a.C.

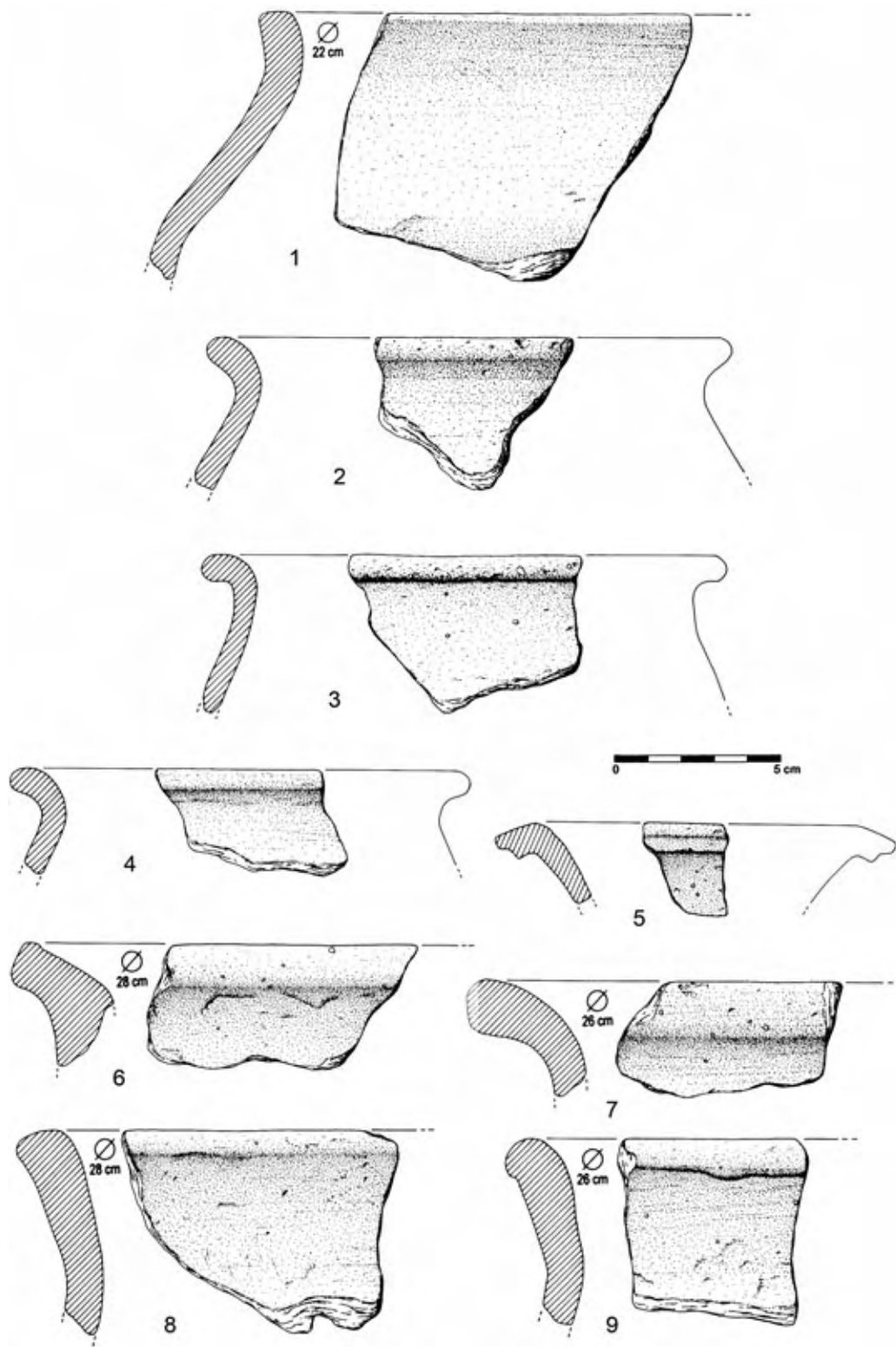


Fig. 55 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas comuns da Idade do Ferro: n.º 1, finais da I Idade do Ferro, séculos VI/V a.C; n.ºs 2 a 9, dos finais da Idade do Ferro/época republicana.

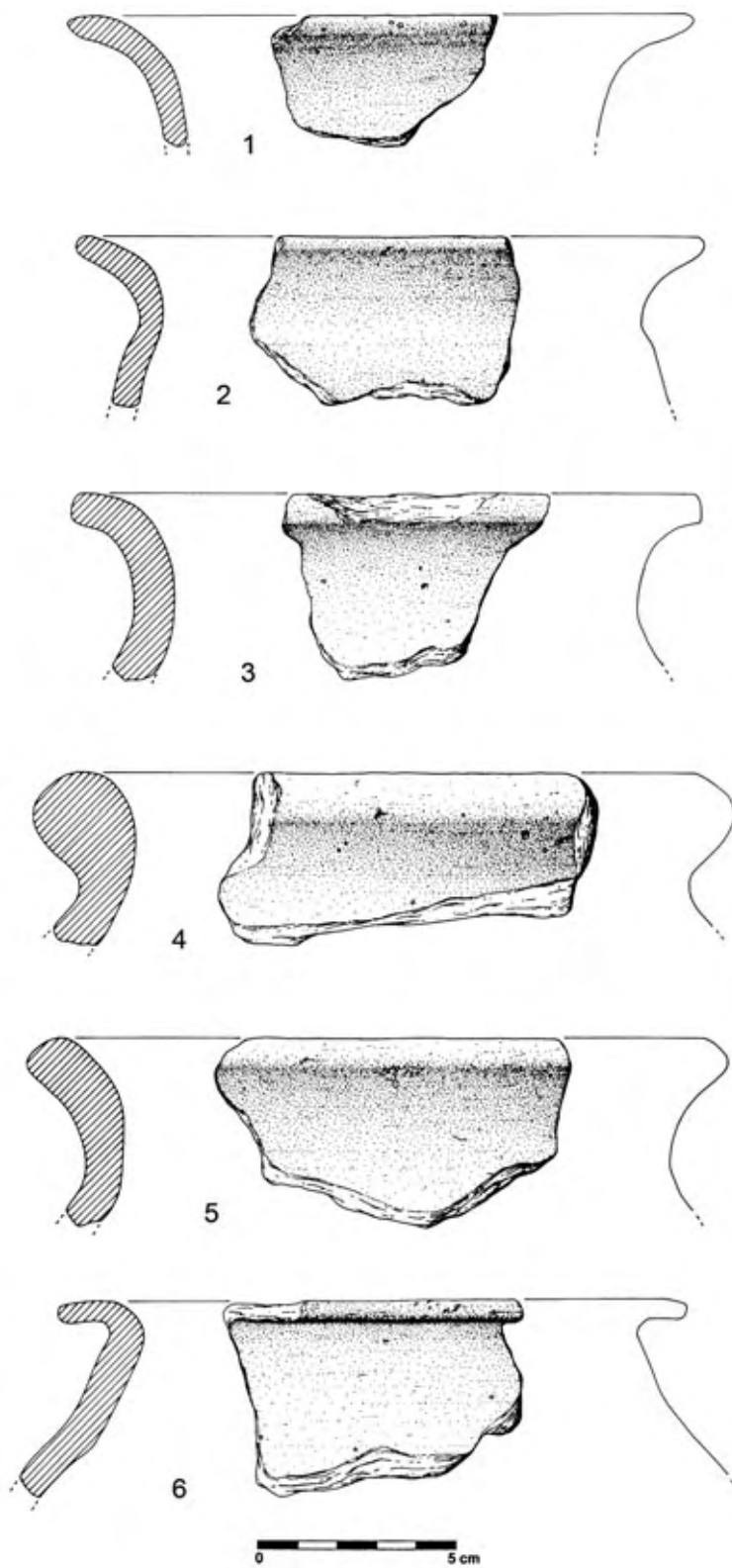


Fig. 56 - Outeiro da Assenta. Cerâmicas comuns dos finais da Idade do Ferro/época republicana.

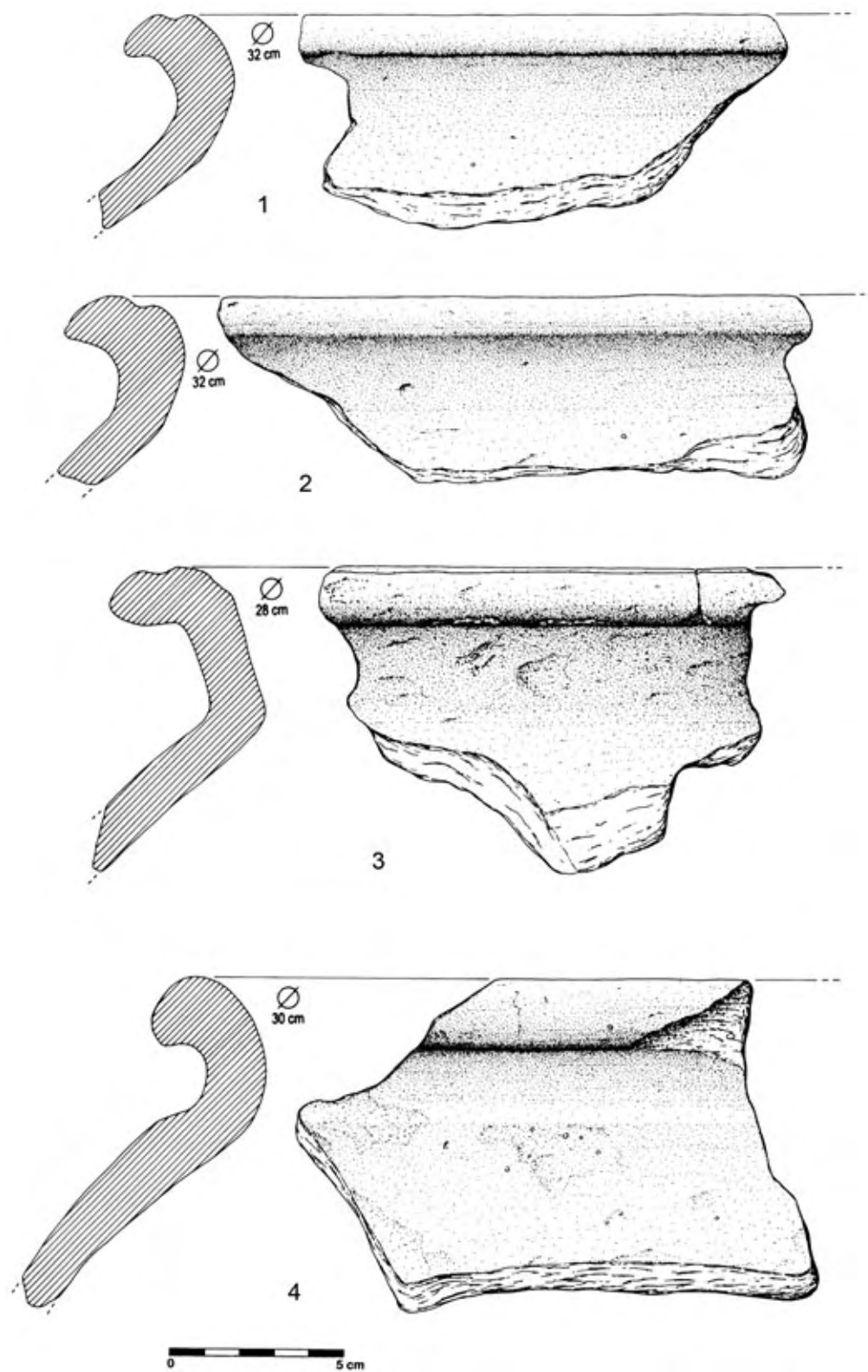


Fig. 57 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas comuns dos finais da Idade do Ferro/época republicana.

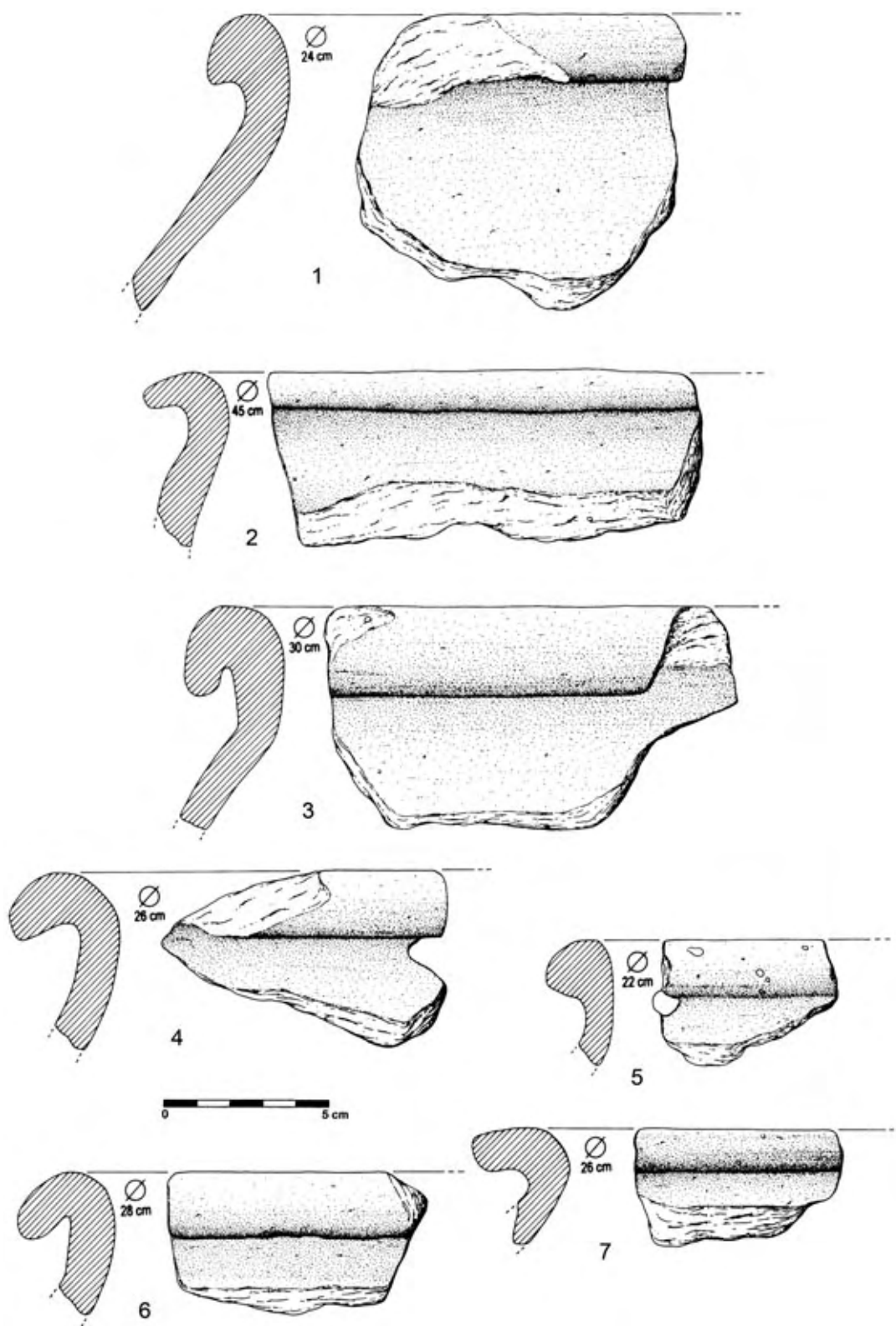


Fig. 58 - Outeiro da Assenta. Cerâmicas comuns dos finais da Idade do Ferro/época republicana.

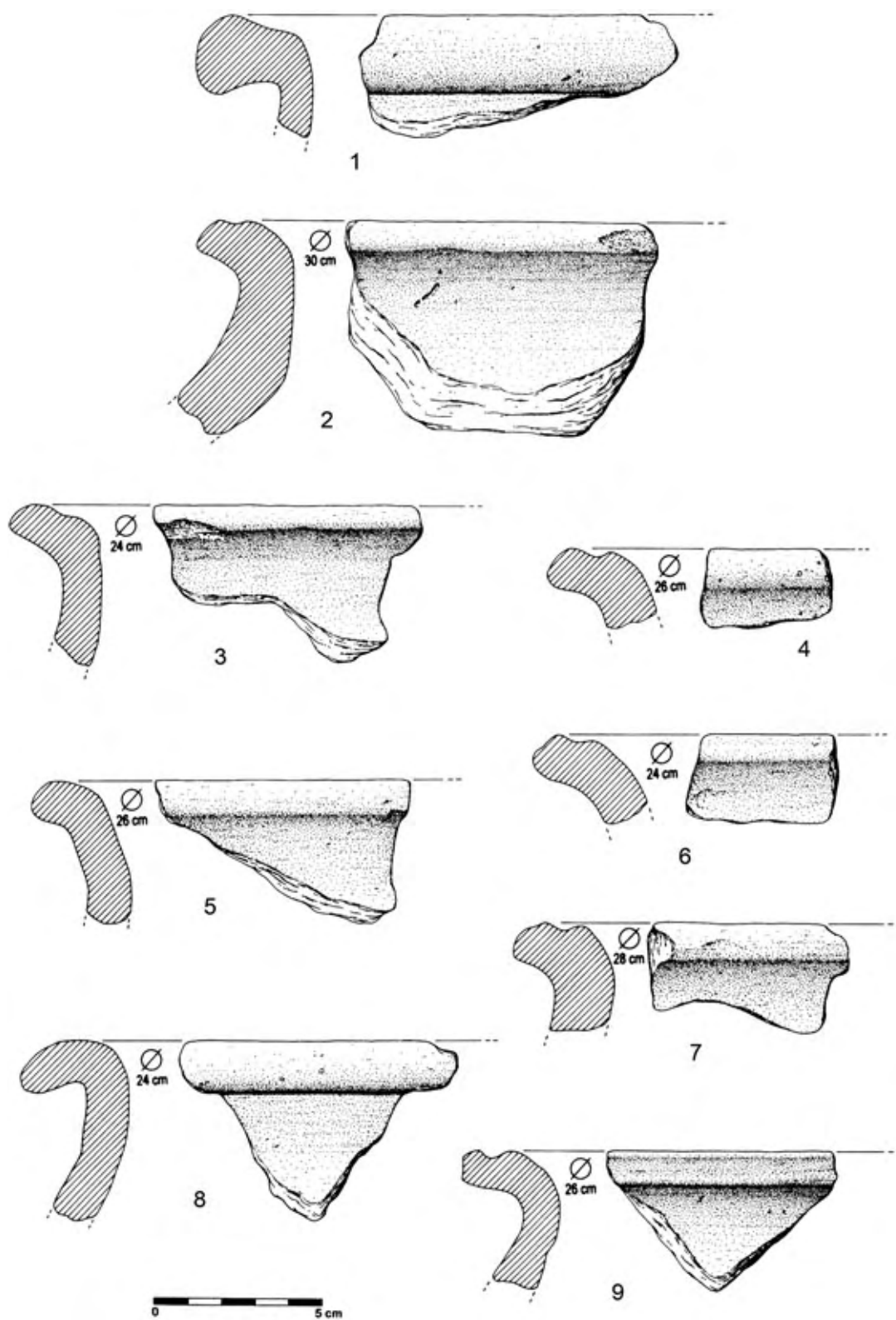


Fig. 59 - Outeiro da Assenta. Cerâmicas comuns dos finais da Idade do Ferro/época republicana.

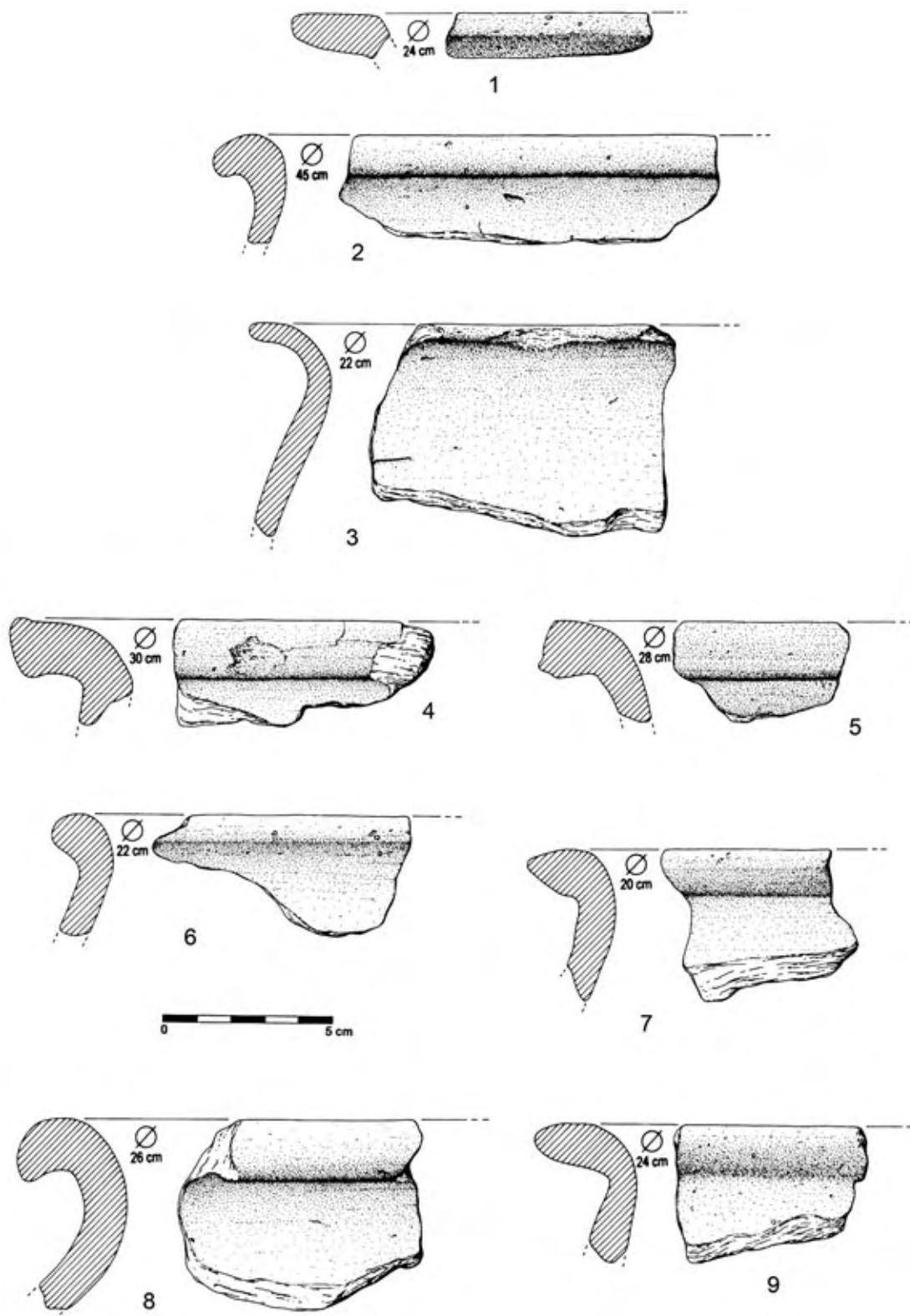


Fig. 60 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas comuns dos finais da Idade do Ferro/época republicana.

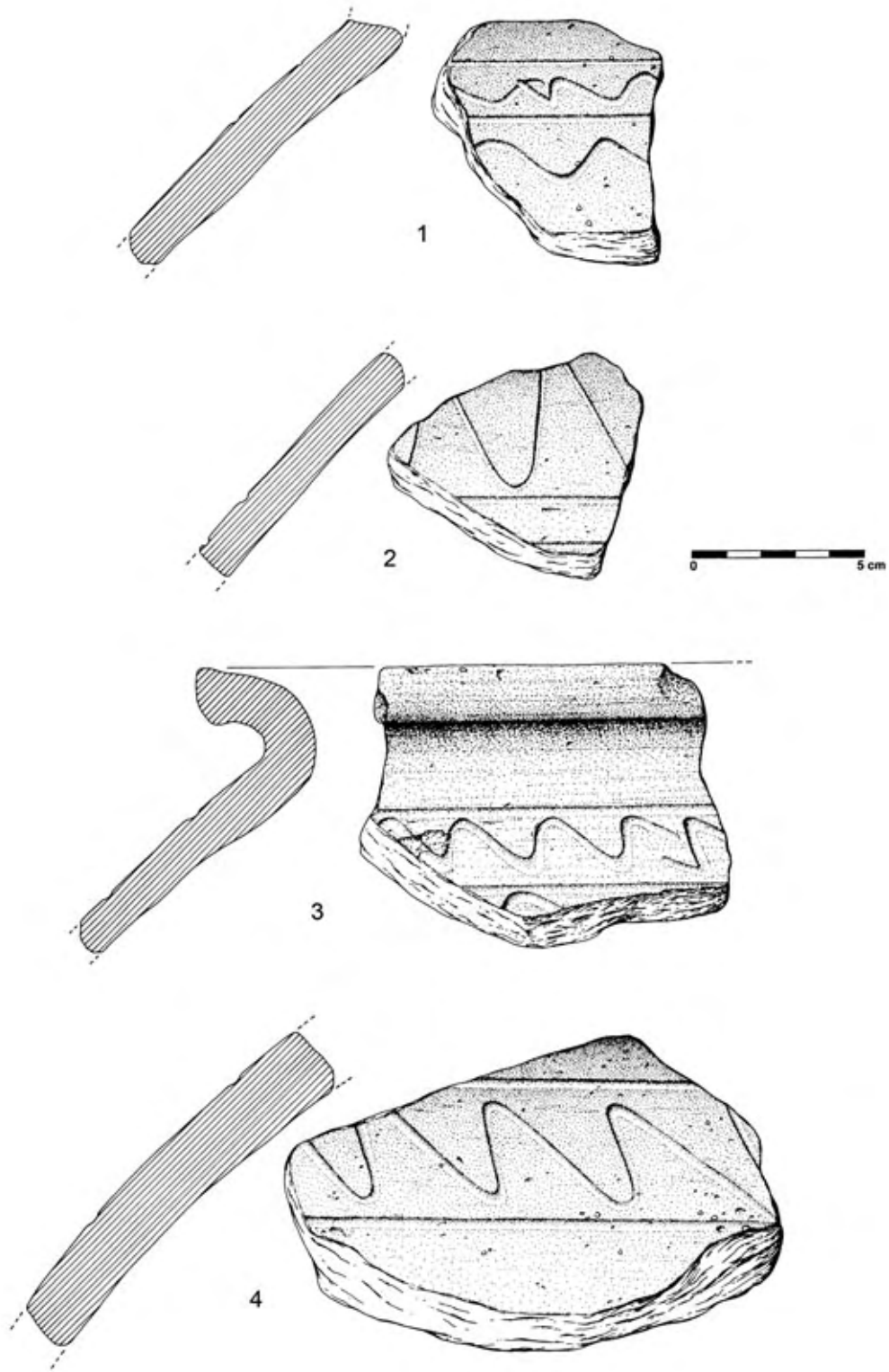


Fig. 61 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas comuns dos finais da Idade do Ferro/época republicana.

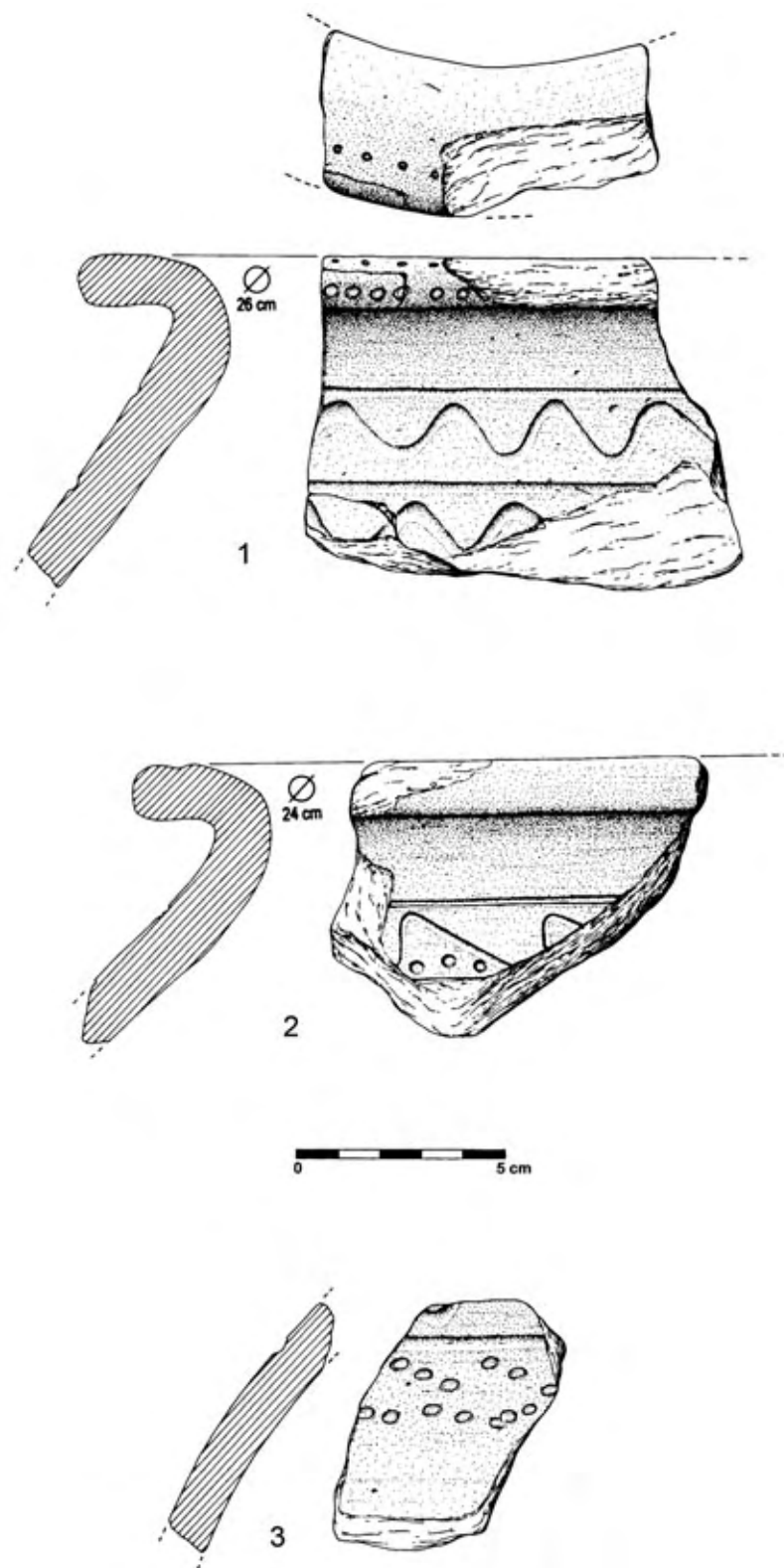


Fig. 62 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas comuns dos finais da Idade do Ferro/época republicana.

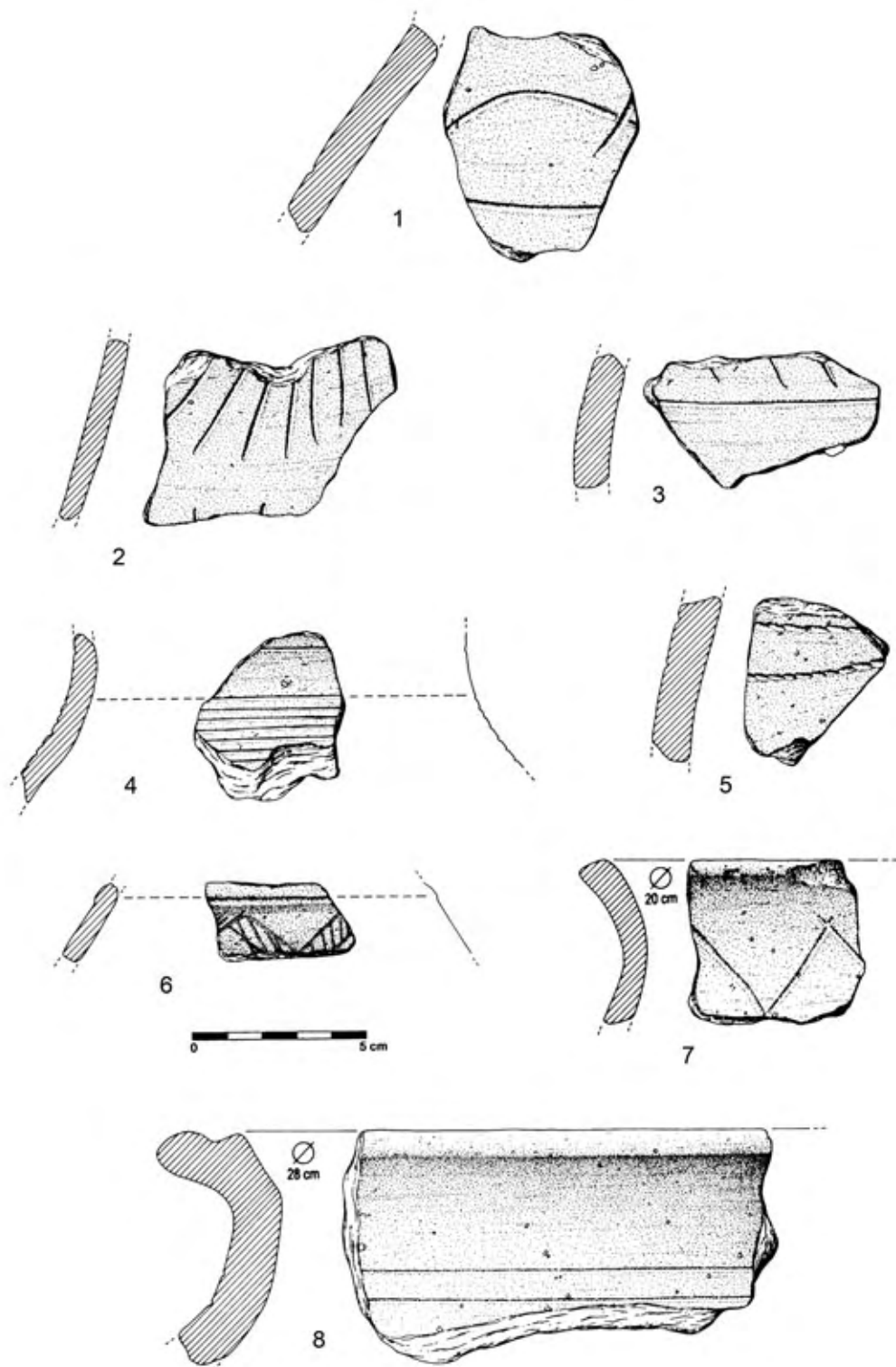


Fig. 63 – Outeiro da Assenta. Cerâmicas comuns dos finais da Idade do Ferro/época republicana. O n.º 6 corresponde a fragmento do colo de um jarro de cerâmica fina cinzenta, nervurado e com decoração brunida.

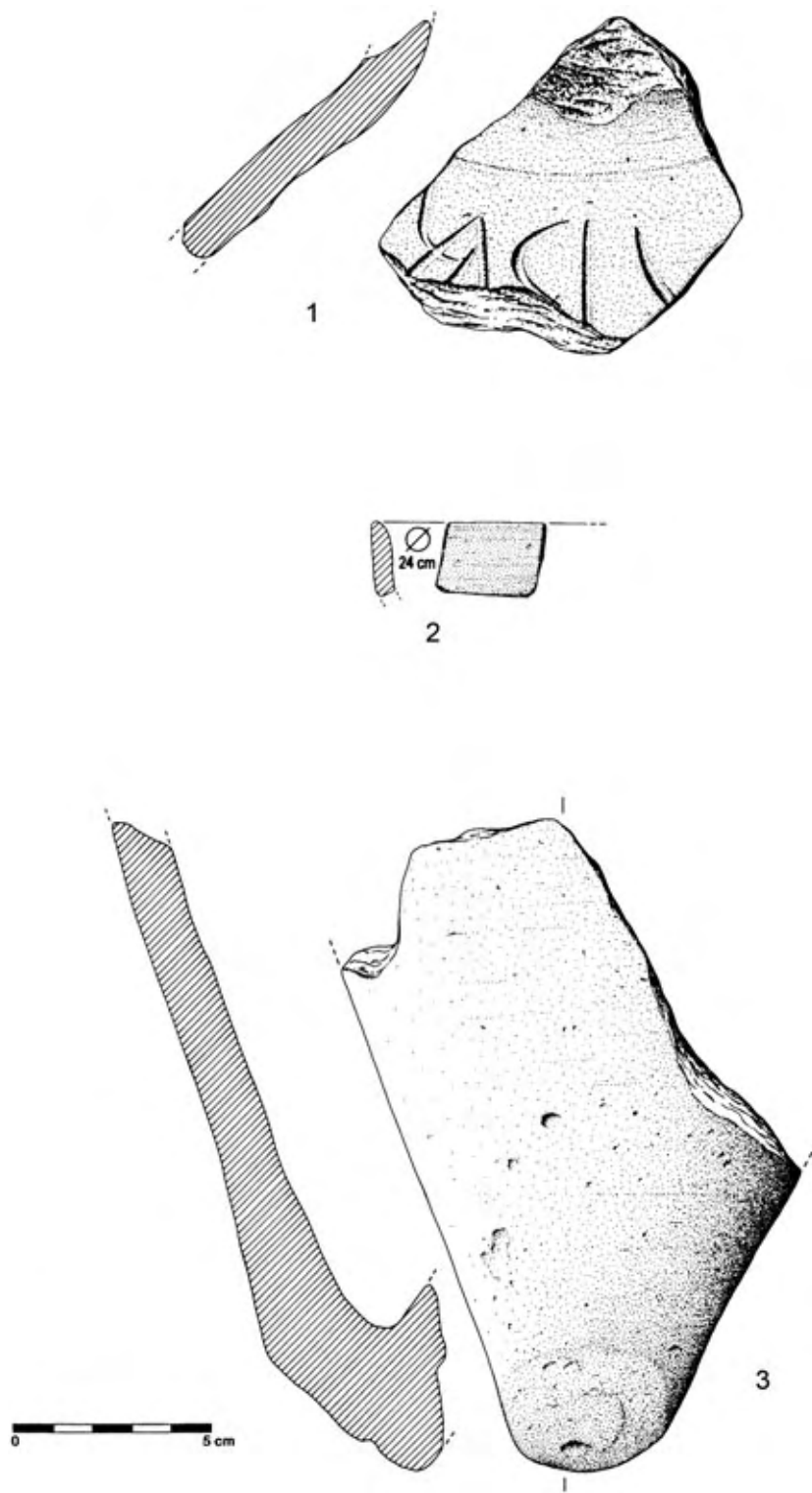


Fig. 64 – Outeiro da Assenta. Materiais dos finais da Idade do Ferro/época republicana. Em cima: fragmento de grande recipiente com inscrição muito incompleta; ao centro: fragmento de taça de cerâmica campaniense da forma Lam. 5.7; em baixo: fundo de ânfora vinária, provavelmente itálica.

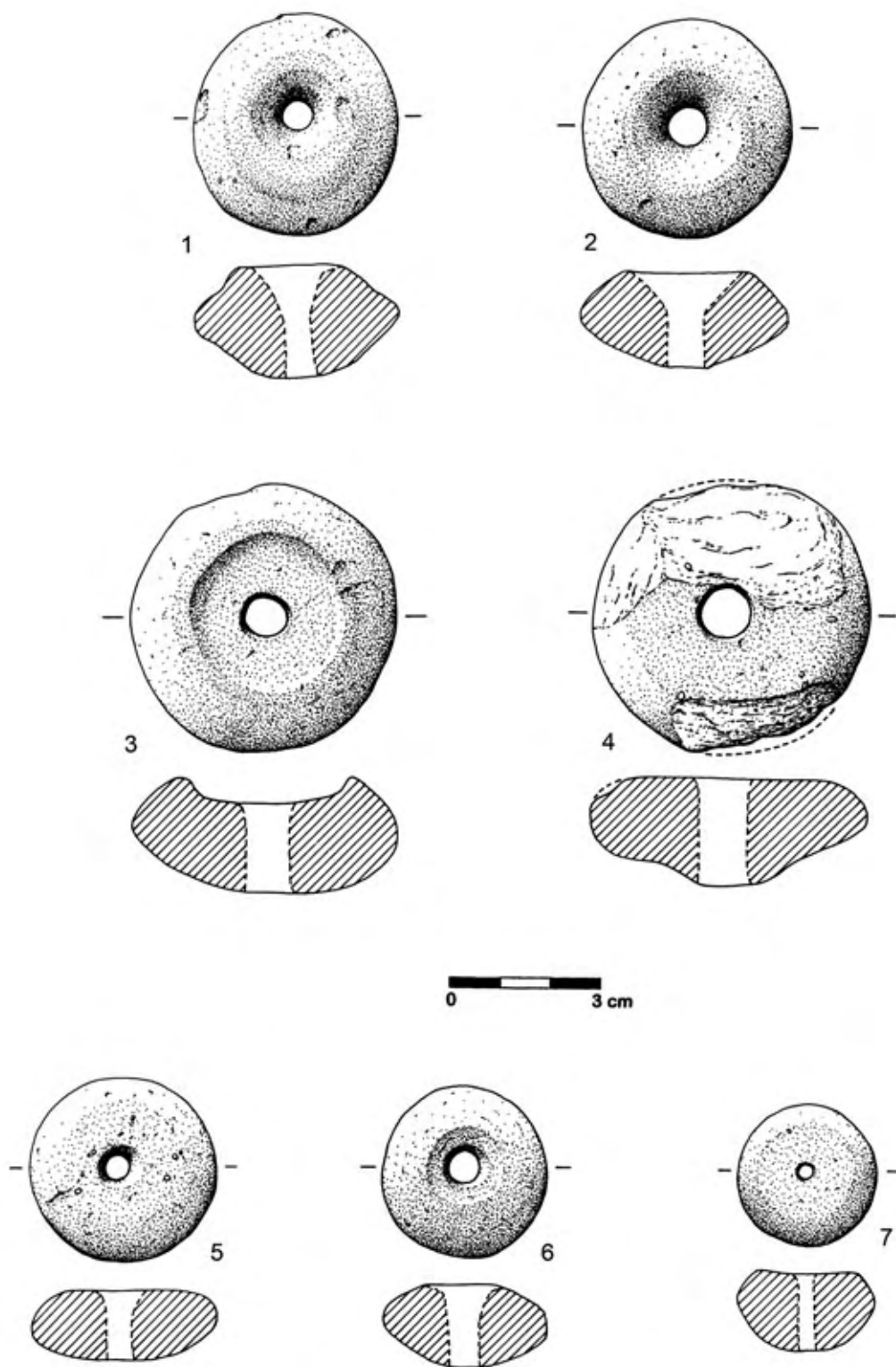


Fig. 65 - Outeiro da Assenta. Cossoiros dos finais da Idade do Ferro/época republicana.

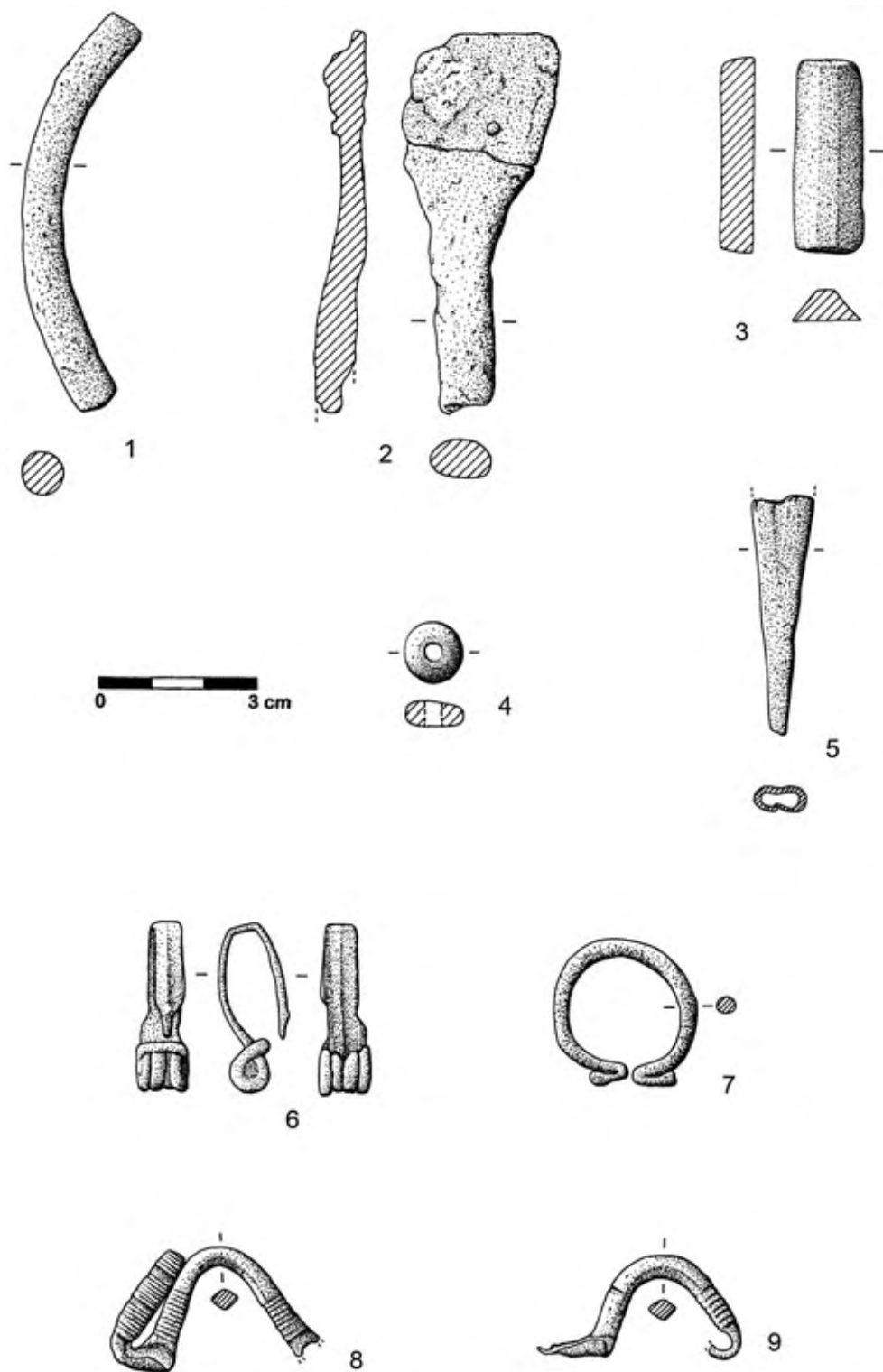


Fig. 66 – Outeiro da Assenta. Materiais diversos da Idade do Ferro/época romana: n.º 1, provável aro de xorca de sanguessugas, de bronze; n.º 2, peça inclassificável, com espigão maciço, de ferro; 3 – pequeno lingote, de bronze; 4 – conta de vidro translúcido, de coloração ambarina; 5 – artefacto incompleto, de bronze, inclassificável; 6 a 9 – fibulas de bronze, de diversos tipos.